

ANO XLIII N.º 44
31 de Outubro de 1942
1\$500 em todo o Brasil

Revista da Semana



NESTE NUMERO

A OCUPAÇÃO DE FERNANDO NORONHA PELO EXÉRCITO

CENAS E ASPECTOS DO BRASIL: Trechos pitorescos da Ilha de Fernando Noronha.

O Coração NÃO ENVELHECE!



tomando

IODALB

um produto "Raul Leite"
REMÉDIO DA ARTERIOSCLEROSE

RULGIERO

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1943

Edição

ampliada

e

melhorada

Não apenas porque terá maior número de páginas, mas sobretudo porque se apresentará com melhor aspecto e melhor matéria, o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943 despertará interesse geral.

Informações sobre o Mundo, notas a respeito do Brasil, calendários do novo ano, orientação sobre o tempo, contos policiais e de amor, história, literatura, curiosidades, charadas e quebra-cabeças — tudo escolhido dentro do mais rigoroso critério seletivo.

Páginas coloridas darão ao livro aspecto agradávelíssimo.

O **ALMANAQUE EU SEI TUDO** será posto à venda em todos os pontos de jornais do Brasil, bem como em todas as livrarias.

Redação do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** — Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Rio de Janeiro.

Ha uma falha em sua estante

Se V. S. ainda não adquiriu um exemplar da "CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL", está em falta para consigo próprio. Porque não ha quem possa desconhecer a legislação trabalhista de seu país quando o trabalho é a própria vida do cidadão.

Em dois volumes, primorosamente confeccionados, contando, ao todo, mais de mil páginas, tem V. S. toda a legislação do trabalho no Brasil, sistematizada, com índices claríssimos, o que torna fácil o manuseio.

Preceitos constitucionais, organização internacional do trabalho, organização (órgãos componentes e funcionamento) do Ministério do Trabalho do Brasil, são capítulos que deixam o leitor perfeitamente familiarizado com todo o mecanismo burocrático-trabalhista nacional.

A parte referente às normas substantivas relações individuais: carteira profissional, registro profissional, preparação do contrato de trabalho, colocação de trabalhadores, locação de serviços em geral, suspensão, rescisão, contratos de duração determinada e os de duração indeterminada, duração do trabalho, descanso semanal e diário, remuneração, salário mínimo, higiene, segurança e infortúnios do trabalho, etc., etc., é importantíssima e vem exposta com método admirável.

As normas adjetivas: administração do trabalho, fiscalização do trabalho em terra e no mar, solução dos conflitos do trabalho, regimes processuais etc. — são um conjunto de normas que, no livro em apreço, se apresenta ao alcance tanto do técnico quanto do leigo.

A parte que diz respeito ao ordenamento do seguro social é, igualmente, completa.

A organização dos institutos autárquicos (caixas e institutos de aposentadoria e pensões) e respectivo funcionamento constitui outra parte valiosíssima do livro. E a assistência econômica ao associado, auxílios pecuniários, empréstimos comuns, consignações, fianças, pecúlios, o financiamento da habitação — são os estudos que encerram o livro.

E', pois, a "CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL" um verdadeiro Código Nacional do Trabalho, cujo lançamento constitui o maior acontecimento no campo das edições de livros jurídicos em 1942.

O advogado, o juiz, o trabalhador da cidade ou do campo, o industrial, o comerciante; enfim, quem trabalha precisa ter em mãos a "CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL".

Quadros e esquemas completam a exposição de toda a matéria.

A' venda em todas as livrarias do Brasil por 70\$000 os dois volumes.

Pedidos — mediante vale do Correio ou pelo serviço de reembolso postal — à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, à Rua Maranguape, 15, Rio.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA

Recebemos o número 1 referente ao período compreendido de Janeiro a Março de 1942, do ano XXX. E' uma edição dedicada à Escola Militar, no qual se lê toda a evolução do ensino militar no Brasil.

O número em causa vem ilustrado com diversas gravuras.

Numeros atrasados desta Revista no Acre

Pedidos a

DIOGENES OLIVEIRA

RIO BRANCO



LIBERIA,

a Nação que surgiu de um capricho

Comprada por algumas bugigangas a terra que seria chave estratégica do Atlantico Sul

As nações têm um destino, assim como os homens. Lutam para afirmar-se, são tragadas pelos caprichos do acaso, e muitas vezes, quando já atingem o vórtice do abismo, salvam-se. Algum curioso, em época de mais ócio para a humanidade — talvez um Wells, talvez um Spengler — cuidará de catalogar as soluções imprevistas que do próprio destino têm, através das éras, surgido para as situações mais trágicas dos povos. Quem já se lembrou de afirmar, por exemplo, que uma mentira — aquela farça das muralhas de madeira que Temístocles arrancou a um oráculo — condicionou a fisionomia do nosso mundo? Seríamos nós o que somos se a Grécia não fôra salva pela mentira de Temístocles? Não estaria ainda hoje o polo principal da humanidade civilizada na Ásia?

Foi num desses seus caprichos que o acaso gerou a República da Libéria. Em dia do velho tempo do bom romantismo, um grupo de indivíduos ao redor de uma mesa deliberou — assim como em outros momentos havia deliberado festejar uma data ou fazer uma serenata — deliberou repatriar os escravos que conseguissem sua liberdade nos Estados Unidos. Não bastava serem livres. Aqueles amáveis românticos queriam que os africanos aspirassem o ar da liberdade em sua terra de origem. Enlevados por essas suaves idéias — idéias nutridas nas paginas poéticas de Rousseau, Chateaubriand e Cooper sobre a pureza da vida natural que desfrutaram os seres não corroidos pela civilização — não chegaram a antever as dificuldades que a insalubridade da terra a animosidade das tribus locais e a esperteza dos caçadores de escravos fariam surgir em torno daquelas pobres criaturas estigmatizadas por gerações de escravidão, calejadas pelo sofrimento, tornadas incapazes para a felicidade e afeiçoadas ao cárcere como pássaros nascidos em gaiolas.

Nada obstante, aquele sonho de românticos fôra o instrumento de que se servira o destino para criar o mais original dos povos — o povo da única nação independente do continente africano. A tentativa daqueles primeiros homens falhou; mas falhando deixou um vinco que serviu de roteiro para posteriores empreendimentos. A idéia estava lançada. E em torno de uma idéia pode-se construir um mundo.

A Libéria surgiu mais ou menos na época da independência do Brasil. O embrião do seu território foi uma faixa de terra comprada em nome de uma Sociedade de Colonização, dos Estados Unidos, a alguns reis de tribus africanas. Esse trapo de terreno insalubre do litoral ocidental da África, que não media mais de mil quilômetros quadrados, custou seis mosquetes, um pequeno barril de pólvora, dois caixões de tabaco, seis barras de ferro, um barril de contas, três espelhos, quatro chapéus, três pares de sapato e outras preciosidades. A vida nessa terra tropical esquecida dos deuses, onde nenhum vestígio

existe de uma civilização antiga, não chegaria, porém, a atrair os negros libertos na Norte América. Dos milhões de indivíduos que constituem a população negra dos Estados Unidos, apenas algumas centenas se decidiram a desfrutar as delícias de uma vida independente, numa nação onde a cor preta é condição *sine qua non* para desfrutar o direito de cidadania.

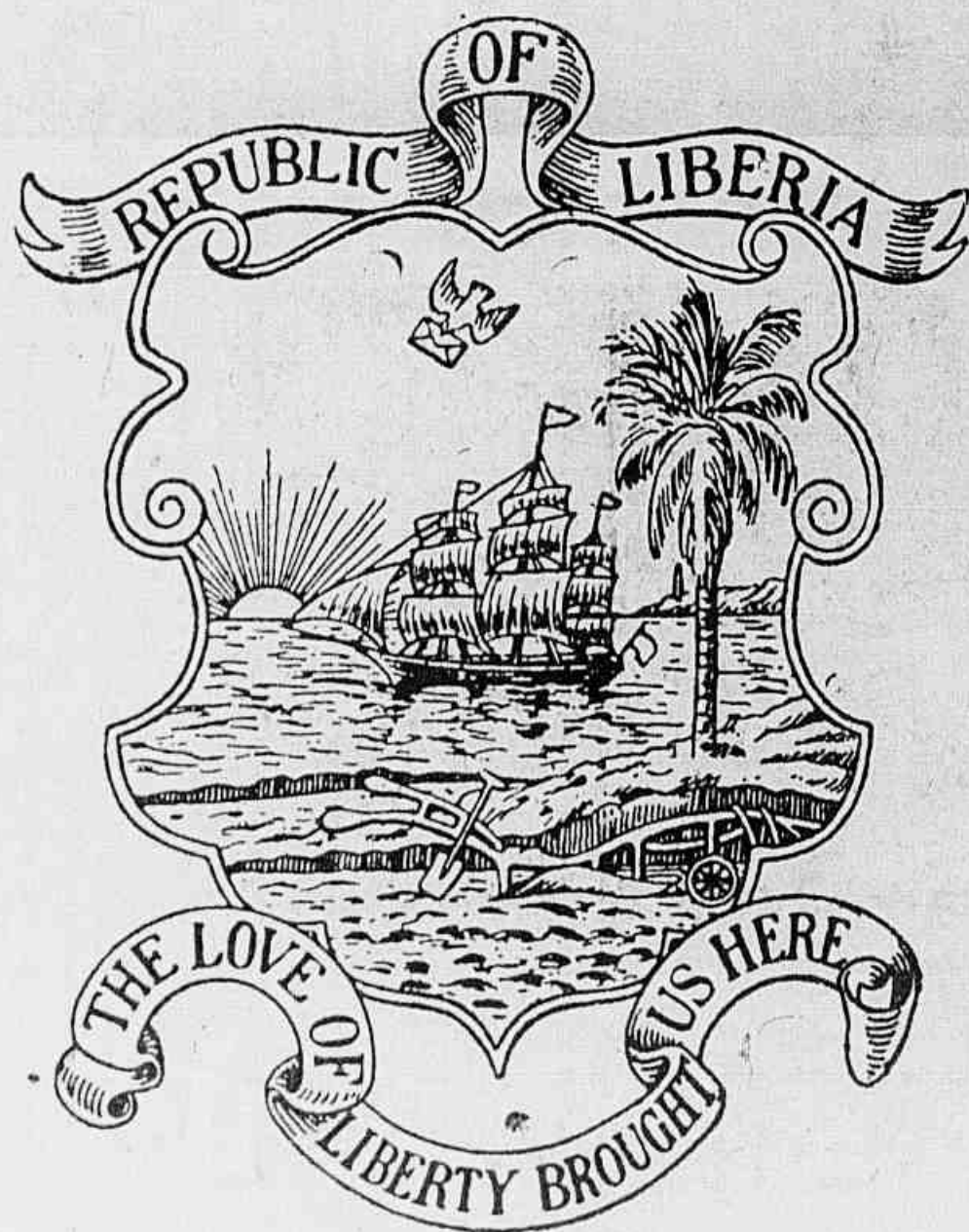
A Libéria como paraíso dos negros falhou, portanto. O mundo é mais complicado do que supomos, mesmo nos nossos momentos de mais doce enlevo. É melhor ser o segundo em Roma do que o primeiro na Gália — mal grado a opinião de Cezar.

Entretanto o novo Estado estava fundado. O heroísmo do seu fundador —

Johnson — que com 80 companheiros resistiu a terríveis assaltos de tribus bárbaras, era uma semente muito vigorosa para deixar de frutificar. Os negros americanos que para lá foram, se eram em numero demasiado pequeno para constituir uma nação, somavam, entretanto, uma quantidade suficiente para constituir a célula-mater de um organismo social. Em torno deles se congregaram, pouco a pouco, as tribus rebeldes. As suas cidades seduziam os selvícolas, suas igrejas atraíam-nos, suas escolas conquistavam-nos. Hoje a Libéria conta dois milhões de habitantes, tem centenas de escolas, dezenas de cidades. É a única nação independente na África e tem cumprido com bastante sucesso o juramento de fé democrática que fizeram os seus fundadores. Na guerra passada, a atitude decidida do governo de Monrovia levou a Alemanha a atacar a capital da Libéria com a artilharia de um dos seus submarinos. É este o único fato bélico na história da minúscula república.

Existe, porém, uma lógica do acaso. Se essa lógica falha, a História apressa-se em corrigi-la. Se a Libéria não foi, no momento desejado, aquilo que os americanos esperavam dela, se-lo-ia um dia. No dia em que o próprio destino da América estivesse ameaçado. Aqueles homens que

em 1821 desembarcaram no litoral da África estavam abrindo caminho para os seus irmãos de um século depois. Comprando por um punhado de bugigangas um pedaço de litoral africano, eles estavam adquirindo o ponto mais estratégico do Velho Mundo em relação à América. Mandando para a África um punhado de negros a quem presenteavam a liberdade, os românticos de 1820, sem o perceber, consolidavam a própria liberdade de sua pátria. A dívida de gratidão desses homens que se sabem filhos da liberdade em comunhão com a solidariedade humana, seria paga no momento em que mais os seus irmãos generosos da América necessitassem de estímulo para lutar pela liberdade e por todos os bens que geram amor entre os homens.



Escudo de armas da República da Libéria.

OUTROS RIRAM...



— Estes são os meus antepassados.
— Curioso... Estão todos com fantasias de carnaval!



— Queira perdoar; mas, se a senhora tem, como diz, vinte e cinco anos... com que idade nasceu?



— E' certo que a Elisa ama um homem em segredo?
— Certíssimo. Mas então ela ainda não te contou?



— Papai: que vem a ser lei da gravidade?
— Não sei, meu filho. Vê aí, no Código Civil.



— Papai é impossível! Ao cabo de cinco minutos de conversa, cismou que o meu noivo era um idiota.

— O quê! Levou assim tanto tempo para o conhecer?



— Que está fazendo, Joana? Provando a sopa com os dedos?!

— E então? A senhora queria que eu sujasse uma colher para isto?



— Vou ao enterro do meu amigo Gonçalves.

— E vai se demorar muito, o senhor?

— Conforme. Se estiver divertido ficarei até ao fim.



Imediata E DELICIOSA FRESCURA SEMPRE QUE SE ESCOVAM OS DENTES

Ponha um pouco do delicioso e puro Creme Dental Squibb na escôva e passe-o sobre os seus dentes e gengivas. Imediatamente sentirá na boca uma sensação de frescura e bem estar. Prove, com a língua, a diferença deste delicioso creme e verifique sua ação estimulante.

Note, depois, quão fresca e limpa se sente sua boca. E não se esqueça de que esta limpeza é feita com toda a segurança, pois, na fórmula científica Squibb não há nada que possa prejudicar os dentes, nenhuma substância raspante ou adstringente e nem sabão. Mais de 100 provas garantem sua pureza.

O Creme Dental Squibb é um produto dos Laboratórios Squibb — fabricado como contribuição eficaz para os cuidados do seu dentista. E com tudo isto não custa mais do que um dentífrico comum. Por que não proporcionar — hoje mesmo — os seus benefícios a toda a sua família?

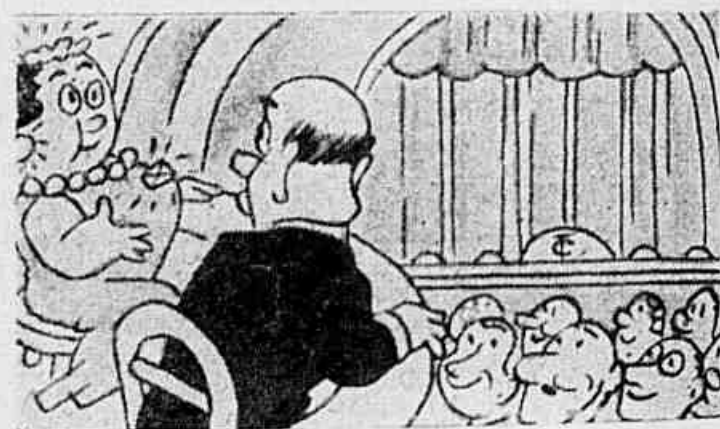


Creme Dental SQUIBB
... O DENTÍFRICO ANTI-ACÍDO



— Garçon! Já pedi dez vezes uma garrafa de água!

— Pronto, pronto, freguez! (Para dentro) Olha dez garrafas de água!



— Que tolice, Eusébio, chamares o autor a cena! Não sabias que era Shakspeare?

— Sabia. O que não sabia é que ele estivesse ausente.



— Escute, garçon... Por que é que não põem flores nas mesas?

— Porque temos uma porção de freguezes vegetarianos que com certeza as comeriam.



— Este livro, que saiu ontem do prelo, é o cúmulo da estupidez.

— Como assim? Já o leste?

— Não. Mas o autor é um amiguinho meu.

Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, 15 - Telefone 22-2550

VOLTA AO LAR

Conto do escritor francês MAURICE LEVEL

A O ouvir a sentença que o absolvía, Pegoulin còrou intensamente e um soluço lhe subiu do coração à garganta. Envergonhado, porém, de tal fraqueza, apurou-se, ergueu bem a cabeça e exclamou com força:

— Senhores jurados, não era à toa que eu confiava na vossa inteligência e no vosso sentimento de justiça. Muito obrigado!

Não disse mais porque a comoção lhe embargou a voz — e também por que se ouviram alguns assobios vindos do público que assistira à audiência. Mas deu de ombros, desprezivamente. Pouco lhe importava agora a imbecilidade popular. Ao cabo de cinco meses de detenção, saía dali de cabeça levantada e, senão com uma honra nova, pelo menos com a antiga tão bem concertada que ele próprio não estava longe de se considerar inocente. Ainda ha alguns minutos se dirigia ao seu advogado com a humildade dos fracos que precisam de proteção; agora encaminhou-se para ele com a altivez dum vencedor e, como de igual para igual, estendeu-lhe a mão. Mas o advogado apertou-lha friamente e de fugida, dizendo-lhe em voz baixa:

— Poupe-me ás suas demonstrações afetuosas, Pegoulin. Você e eu... sabemos.

— Como queira... respondeu Pegoulin, sacudindo o pó da manga, para disfarçar. — Mas depois do êxito que eu lhe proporcionei... chega a ser ingratidão de sua parte!

Afastou-se pela rua fóra. Um vendedor de jornais, que apregoava as folhas da tarde, reconheceu-o por causa dos retratos publicados naquele mesmo dia e atirou-lhe de lado uma frase de repugnância:

— Sai, malandro!

Mais adiante, uma senhora baixota e espetada, que ele notara na primeira fila da assistência, apontou Pegoulin ao cavalheiro que a acompanhava, dizendo:

— A cara não vale mesmo nada...

Medindo o abismo que separa a justiça dos homens da justiça das leis, Pegoulin suspirou profundamente. Refletindo, porém, logo depois, que estava livre, que voltava para a companhia da mulher e da filha, para a sua casa campestre, com o pequenino jardim à frente e o chafariz modesto, consolou-se daquela iniquidade; e, enfiando os polegares nas cavas do colete, repetiu consigo uma frase que se lhe tornara favorita: "Os cães ladram, a caravana passa". Atravessou a rua, em passo resolutivo. E entrou numa agência telegráfica.

Aí, antes de redigir o despacho, hesitou um bom momento. Por muito belo e nobre que fosse o termo "absolvido", achou-lhe certa feição equívoca, susceptível de chamar a atenção dos funcionários. Usou por isso duma perífrase um tanto dispendiosa mas que satisfazia ao mesmo tempo os seus escrúpulos e a verdade pura:

"Tudo acabou da melhor maneira chegarei amanhã onze dezessete abraços — Júlio".

Faltavam duas horas para a partida do trem. Gastou-as dando uma volta pelo boulevard Saint-Michel e tomando um copo de cerveja num café de estudantes. A uma mesa vizinha da sua, alguns freguezes comentavam a decisão do júri da maneira mais desfavorável... Pegoulin pensou um momento em os esclarecer com a verdadeira natureza dos fatos... Mas logo esse esforço lhe pareceu inútil. Levantou-se e saiu.

No trem, entre um cavalheiro condecorado e uma dama obesa que parecia querer assegurar a posse do ventre pela maneira como o protegia mantendo sobre ele as mãos cruzadas, Pegoulin dormitava serenamente. O passado ia longe; o presente não era tranquilo; o futuro anunciava-se jubiloso. Pegoulin pregosava as delícias do porvir. — A'quelas horas já sua esposa devia ter recebido o telegrama. Pegoulin "ouvia" o grito que ela soltara diante da folha azul, portadora de tão ditosa notícia. Via-a depois, apertando a filha contra o peito. E enternecia-se, pensando nas lágrimas e risos que as duas haviam de ter misturado...

Consultou o relógio. Meia noite. Disse consigo: "Com certeza estão acordadas, na excitação nervosa que o telegrama lhes causou, e conversando dum quarto para o outro. Daquí a pouco, assim que clarear o dia, descerão ao jardim para apanhar flores, escolher no galinheiro o pato mais gordo, no pecegueiro os frutos mais maduros, na adega uma garrafa do velho bordéus meu predileto"...

Rompeu a aurora, uma aurora còr de violeta e còr de rosa, que fazia reluzir a verdura dos prados. O ar nasal repelia o fumo da locomotiva e os campônios, apoiados à enxada, pareciam ter interrompido a faina unicamente para saudar a ele, Pegoulin que regressava, aos seus penates. E afinal não seria justo isso?

Uma torre, depois tectos de casa surgiram da bruma. O cavalheiro condecorado sacudiu-se, a senhora gorda debruçou-se na portinhola. Entravam na estação. Com a ligeireza dum rapaz, Pegoulin saltou do vagão. Mas um espanto lhe franziu o rosto. A esposa não o viera esperar!

De maleta na mão, Pegoulin largou a correr, apavorado à idéia duma doença grave, um desastre, quem sabe lá? Mas o aspecto da casa nada indicava de extraordinário. As janelas estavam abertas, o toldo vermelho já desdobrado sobre o patamar...

Empurrando a porta, chamou:

— Valentina! Alice!

A esposa apareceu, com o vestido simples de dona de casa que se ocupa dos arranjos de cada dia e trazendo nas mãos uma peça de louça que acabava de limpar. Tão severo, porém, era o seu semblante e o olhar tão frio que Pegoulin se deteve, estupefacto. A esposa esperava que ele se aproximasse. Julgando-a imobilizada pela comoção, gritou-lhe:

— Valentina! Meu bem!

A esposa não se moveu. E ele, sem saber o que pensar daquillo:

— Não sabes então de nada? Não recebeste o meu telegrama?

— Recebi... respondeu ela com a maior frieza.

— E é assim que me recebes? Palavra de honra! Dir-se-ia que não desejavas a minha absolvição ou que a minha volta a casa só te causava contrariedade. Não me faltava mais nada!

— Pois é isso mesmo! declarou ela, ásperamente.

Pegoulin arremessou o chapéu, enxugou o suor da testa. A esposa encarou-o desdenhosamente:

— Está visto! Sempre o mesmo. Só pensas em ti. Sabes o que nos custa a tua absolvição? A felicidade da nossa filha. Sim, sim, a felicidade da nossa filha! O filho do Mirandol pediu-a ha oito dias em casamento.

— Do Mirandol? Aquele patife que cumpriu seis meses de cadeia, por abuso de confiança?

— Sim, homem honrado, sim, o filho desse patife que tem hoje uma fortuna de mais de quinhentos mil francos. A Alice preferia o filho do Ridel, mas os Ridel, burgueses e pobretões, não queriam nem ouvir falar em semelhante coisa; e eu conseguí convencer a pequena de que nunca eles consentiriam na união do filho com a filha dum criminoso. Agora, com a tua absolvição, é ela que não se quer unir ao filho dum homem que cumpriu pena de cadeia. Ai tens — se te parece que hei de estar muito satisfeito.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequencias de Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar Ventre Livre sem demora.

Ventre Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha Ventre Livre sempre em casa.

A NOSSA CAPA

Ilustram a capa deste número da "Revista da Semana" alguns aspectos da ilha de Fernando Noronha, trecho de nossa pátria que vem de ser instituído em território nacional. A ocupação de Fernando Noronha pelo Exército socorrida logo após o ato presidencial que transformou o antigo presidio em Território diretamente subordinado à Federação, é objéto de uma reportagem que inserimos neste número. Das fotos ilustradoras dessa reportagem escolhemos para a capa da Revista algumas mais representativas daquele pedaço de terra do Brasil, de feição tão tropical e pitoresca. Pode-se ver por essas ilustrações a exuberância da flora do arquipélago, realçadora das costas irregulares escarpa das que lembram os territórios vulcanicos do Pacífico. Paralelamente apercebemo-nos da ação do homem nessa região tão perto



ao mesmo tempo tão longe de nós. Cumpre notar que dentro dos próximos anos Fernando Noronha terá sentido mais intimamente esta ação do que nos seus séculos de história.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios das Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Teleférico: "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones — Direção: 22-2623; Gerencia: 22-2650; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866.

Tam agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratullano Brito — Sucursal na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9100 — B. Aires.

Santos e Efemérides da Semana

OUTUBRO

31 SÃO QUINTINO. — Apóstolo do Vermandois e do Amiénois, onde converteu com as suas prédicas e o seu exemplo grande numero de infieis. Seu zelo chamou logo a atenção da autoridade romana, e ele foi, primeiramente, perseguido e depois martirizado, em 287, aproximadamente, na cidade da França que conserva seu nome. As suas reliquias foram aí recolhidas com solenidade em 835.

— **SANTA LUCILA.** — Virgem romana, filha de São Nemesio, martirizada com muitos outros cristãos ao tempo do imperador Valeriano, entre os anos 254 e 260.

— **Ação de Santa Rosa,** perto de São Bernardo de Russas, no Ceará (1824). — Falece no Rio José Werneck Ribeiro de Aguiar, Ministro do Supremo Tribunal (1854).

NOVEMBRO

1 TODOS OS SANTOS. — A instituição desta festa na Igreja Romana tem sua origem na consagração que, em 608, o papa Bonifácio IV fez da igreja do Panthéon a Roma. O antigo templo pagão foi dedicado à Virgem e a todos os mártires, e tomou o nome de Nossa-Senhora-dos-Mártires. Em 731, aproximadamente, o papa Gregório III ergueu uma capela em honra de todos os santos na igreja de São Pedro de Roma; desde esse tempo Todos os Santos é festa sempre celebrada em Roma.

— André Gonçalves descobre a baía de Todos os Santos (1501). — É instalada, segundo Jaboatão, a cidade do Salvador (1549). — Nasce em Santos Antonio Carlos Ribeiro de Andrada

Machado e Silva, notável orador (1773). — Falece no Rio Manoel Inácio da Silva Alvarenga, natural de Minas, professor, poeta, patrono da cadeira 18 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1814). — Falece no Rio o marechal João Paulo dos Santos Barreto, ministro da Guerra varias vezes (1864). — Falece no Rio o Visconde do Rio Branco, natural da Baía, professor, Ministro de Estado, patrono da cadeira 40 da Academia Brasileira (1888). — Falece em Santos Julio Ribeiro, natural de Minas, romancista, jornalista, filósofo, da Academia Brasileira (1890).

2 FINADOS. — A instituição desta festa remonta a 998. Cabe a iniciativa a Santo Odilon, abade de Cluny, que ordenou a sua celebração em todos os conventos de sua congregação, em recordação de todos os fiéis mortos. Logo aprovada pelos papas, a festa se difundiu e é hoje universalmente celebrada em toda a cristandade.

— **SAO VITORINO.** — Bispo de Pettau, em Panonia, de quem São Jerônimo assinalou os exatos, que não chegaram até nós. Foi martirizado sob o reinado de Diocleciano (302-311).

— **SANTA ROSALIA.** — Virgem da Sardenha, martirizada em época imprecisa.

— Falece na Baía Sebastião da Rocha Pitta, grande historiador, membro da "Academia dos Esquecidos", patrono da cadeira 8 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1738). — Nasce o general Raymundo José da Cunha Matos, escritor, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1776). — Nasce no Rio de Janeiro o general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Teresa (1800). — Falece no Rio o chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito, que foi Ministro da Marinha (1830). — Inaugura-se no

Rio, no cemitério de S. Francisco Xavier, o monumento a José Clemente Pereira (1858). — Tomada de Tají pelo general João Manoel Mena Barreto (1867). — Falece no Rio João Pedro Belford Vieira, Ministro do Supremo Tribunal (1910).

3 SANTO HUBERTO. — Padroeiro dos caçadores. Filho de Bertrand, duque de Aquitânia e descendente de Clovis, viveu na corte da Neustria, que abandonou para escapar à tirania do prefeito Ebroin e refugiar-se

junto de Pepino de Heristal. Pela caça, chegou a esquecer os seus deveres religiosos. Numa sexta-feira-santa, quando caçava, teve uma visão, foi procurar São Lamberto, bispo de Maestricht, e, mudando de vida, consagrou-se inteiramente à piedade. Eleito bispo de Maestricht por morte de São Lamberto, morreu em 727. Suas reliquias passavam por ter o dom de curar a mordidela dos animais raivosos.

— **SANTA SILVIA.** — Esposa do senador Gordio e mãe de São Gregório o Grande. Passou na solidão os ultimos anos da vida (século VI).

— Os franceses capitulam no forte de São Luiz do Maranhão (1615). — Morre no naufrágio da barca "Ville de Boulogne", nas costas do Maranhão, Gonçalves Dias, grande poeta, historiador, etnógrafo, patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira (1864). — Segunda batalha de Tuyuty (1867). — Falece em Santos Domitila de Castro Canto e Melo, Marquês de Santos (1867). — Falece no Rio o Visconde Vieira da Silva, senador do Imperio (1889).

4 SÃO CARLOS BORROMEU. — De ilustre família da Lombardia, nasceu no castelo de Arona em 1538. Arcebispo de Milão aos vinte e três anos de idade, foi cardeal logo em seguida e alma do Concilio de Trento. Reformou os costumes do clero e consagrou-se estoicamente ao combate à epidemia de peste que caiu sobre Milão em 1576. Morreu em 1584. Foi-lhe erguida uma enorme estatua em sua cidade natal.

— **SANTA MODESTA.** — Virgem do Reno, abadessa de Horen, falecida em 680, aproximadamente.

— Duguay-Trouin evacua a cidade do Rio de Janeiro (1711). — O marquês de Lavradio assume no Rio de Janeiro o cargo de vice-rei do Brasil (1769). — Nasce no Rio de Janeiro Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, Ministro do Supremo Tribunal (1837).

5 SÃO ZACARIAS. — Teve a honra de ser pai de São João Batista. Tornara-se mudo, por não ter aceitado a palavra do anjo que lhe anunciava o nascimento de um filho; mas recuperou a palavra logo que deu um nome a esse filho. Foi morto por Herodes, por haver anunciado aos judeus que Nosso Senhor seria rei.

— **SANTA IZABEL.** — Prima da Virgem Maria e esposa de Zacarias. Tornou-se, após longa esterilidade, mãe de São João Batista.

— Falece no Rio Grande o general Sebastião da Veiga Cabral, governador da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul (1801). — Nasce na Baía Zacarias de Góes e Vasconcelos, grande estadista e orador parlamentar (1815). — Nasce no Rio de Janeiro Martins Pena, comediógrafo, patrono da cadeira 29 da Academia Brasileira (1815). — Chega ao Rio a arquiduquesa Maria Leopoldina Josefa Carolina da Austria, primeira imperatriz do Brasil (1817). — É inaugurada no Rio a Academia de Belas Artes (1826).

6 SÃO LEONARDO. — Companheiro de Clovis, convertido por São Remígio após a batalha de Tolbiac. Mostrou desde então muito zelo pela religião e fundou um convento em Limoges, no lugar que se chamou depois Léonardle. Noblet. Morreu em 559.

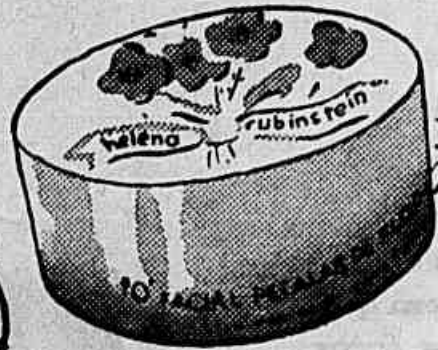
— **SANTA BERTILA.** — Nascida perto de Soissons, entrou, a conselho de Santo Ouen, no convento de Jonarre. Foi em seguida indicada abadessa do mosteiro de Chelles e morreu em 692.

— São concluídas as obras de reconstrução da fortaleza de Santa Cruz, na barra do Rio de Janeiro (1690). — Realiza-se no Rio o casamento do príncipe D. Pedro — depois imperador D. Pedro I e D. Maria Leopoldina, arquiduquesa da Austria (1817). — É proclamada a independência da republica riograndense em Piratininga (1836). — Nasce em Capivarí (S. Paulo) Amadeu Amaral, jornalista, poeta, da Academia Brasileira (1875). — Falece no Rio Francisco Mariani, Ministro do Supremo Tribunal (1905).

Mantenha o frescor do seu rosto, por horas...

como famoso

"PÓ DE ARROZ PÉTALAS DE FLORES"



de

Helena Rubinstein

QUANTO mais a Sra. usar o delicado "Pó de Arroz Pétalas de Flores", mais satisfeita ficará com o frescor que elle proporciona ao seu rosto e com as tonalidades que se adaptam à coloração natural da sua pele.

... E sua pele conservará a sua beleza natural, porque todos os grãos de pó são impregnados de bálsamos e refrescantes benéficos para constituir um perfeito tratamento de beleza diário.

O "Pó de Arroz Pétalas de Flores" possui uma série de tons apropriados para tornar o rosto feminino ainda mais fascinante.

Peça ao seu fornecedor que lhe mostre os produtos de Helena Rubinstein e experimente: Mauresque, Opalescent, Aquarelle, Peachbloom e outros famosos tons que Helena Rubinstein criou especialmente para os vários tipos de pele.

Para assegurar ainda mais a beleza do seu rosto, use a Base "Cidade e Campo" de Helena Rubinstein e conheça a satisfação de apresentar-se encantadora a qualquer momento.

CASA HERMANNY

RIO DE JANEIRO:
Rua Gonçalves Dias, 50

PETRÓPOLIS:
Av. 15 de Novembro, 766

SOFRE DE CATARRO E NÃO OUVES BEM?

O aturdimiento, provocado pelo catarro, é muito incômodo e aborrecido. As pessoas que não ouvem bem, que sofrem de zumbidos nos ouvidos e padecem de aturdimiento catarral, encontram pronto alívio tomando PARMINT — o remédio realmente eficaz no tratamento da afecção catarral. Pela sua ação tonificante, Parmint reduz a inflamação do ouvido médio, causadora do catarro. E uma vez eliminada a inflamação, cessam os zumbidos nos ouvidos e a dor de cabeça, e desaparecem gradualmente o aturdimiento e a dificuldade de ouvir. Parmint é obtido em qualquer farmácia ou drogaria.

Todos que sofrem de catarro, aturdimiento catarral e zumbidos nos ouvidos, farão bem experimentando Parmint.

A SEMANA QUE PASSOU

COM A PALAVRA OS GRAMATICOS

Ninguém desconhece a tendência dos povos latinos para as letras, artes — para o humanismo, enfim. Enquanto os nórdicos se deixam empolgar pela técnica e pela cultura material, as nações mediterrâneas e ibéricas não desprezam as lides amenas de um intelectualismo total. Principalmente a Terra de Camões. Nenhum país, como o velho Portugal, para lembrar as glórias literárias de antanho, cultivar tradições de arte e zelar por essa ULTIMA FLOR DO LACIO, tão rude e tão doce. O DIÁRIO DE LISBOA, de dias atrás, criticou acerbamente a edição portuguesa de SELEÇÕES. Acusa a publicação de usar brasileirismos e inventar neologismos! E acaba dirigindo um apelo aos seus diretores.

RETRATO DE CRISTO

Não é uma gravura, simples gravura ou imagem, destas que podemos ver a cada momento. É coisa mais valiosa. Afirmando tratar-se de um retrato autêntico do Salvador. Foi encontrado durante uma escavação empreendida em Dura Europa, na Síria, e integra, atualmente, a coleção particular da Sra. Maria Alfonsina dela Paolera, na Itália.

Telegramas de Berna dizem que um colecionador chileno ofereceu 300 mil esterlinos pelo tesouro. O fato pode ser observado de vários prismas. Façamos, porém, uma única interrogação: haveria em tal gesto apenas o desejo de enriquecer uma coleção — ou a piedosa vontade de guardar o retrato de Jesus?

REVOLUÇÃO NO REALENGO!

Embora o leitor desprevenido haja pensado em um levante nas unidades militares ali existentes apressamo-nos a declarar que não é nada disso. Aliás o MOMENTO dos movimentos de quartel já passou definitivamente, no Brasil. Mas vislumbramos uma sintonia de revolução no Realengo. Sintoma indiscutível. Tentemos explicar. Revolução é TRANSFORMAÇÃO, mudança, novas concepções de vida, nova atividade humana em face dos valores universais. Daí a palavra possuir um sentido SUBSTANCIAL e não FORMAL. A Revolução de 30, por exemplo, só chegou às fronteiras de si mesma a 10/11/37. Nesta data é que se tornou uma REVOLUÇÃO. Porque só daí em diante o governo, liberto de certas engrenagens que o entravavam, pôde realizar o seu vasto programa de assistência, que viria modificar tão fundamentalmente a fisionomia social do Brasil. Adotou-se, portanto, uma nova ATITUDE, face ao trabalho. De MERCADORIA, sujeita à lei da oferta e da procura, subiu à categoria de DIGNIFICAÇÃO da espécie, coerente com a doutrina cristã. O INDIVÍDUO se eleva a um plano mais alto — a PESSOA HUMANA. Ela é intangível na sua INTEGRIDADE e na sua LIBERDADE. O trabalhador sempre teve DEVERES perante o Estado. Era preciso declarar os seus DIREITOS. As leis sociais destinam-se a isso. No Realengo, por exemplo, acabam de ser construídas 1.400 casas proletárias, pelo I. A. P. I. Sem dúvida, uma obra magnífica do Governo. Um marco decisivo da Revolução Brasileira.

CASAMENTO NA CORTE

O fascínio das casas nobres se faz sentir, de uma maneira muito intensa, sobre todos os povos. Príncipe, princesas, duques, condes, ainda conhecem, ao seu redor, uma curiosidade que está bem longe de se extinguir. Contrariando a demagogia dos teorizadores políticos, parece que os homens não descreeram de todo o SANGUE AZUL e o DIREITO DIVINO. Pelo menos o sub-consciente das massas nos leva a supor. Ha dias, casaram-se no Brasil D. Duarte Munoz e D. Maria Francisca de Orléans e Bragança. Independente da elevada jerarquia dos nubentes, a simpatia irradiante de ambos mais contribuiu para fazer da festa um acontecimento nacional. A Petrópolis compareceram os mais destacados elementos da sociedade brasileira, inclusive a esposa do Presidente. No entanto, os acontecimentos sérios ostentam sempre um aspecto chistoso. Estas núpcias apresentaram o seu. Acorreu um exército de fotógrafos, cinematografistas e auxiliares. Enquadraram-se de arranjar um posto de ação para os rapazes, na igreja. O resultado é que eles tomaram a iniciativa. Levaram escada, cadeiras, montaram, treparam, fizeram ginásticas incríveis. Ao decorrer da cerimônia, um conseguiu subir por trás do altar, entrancheirando-se no Crucifixo. O fato é que o sacerdote, quando piedosamente abriu os braços para cima, deu com a cara do fotógrafo, a quem, por certo, excomungou.

Para os Rins e a Bexiga. Preferidas porque são: Diuréticas e balsâmicas. Desinfetam e ativam os rins. Fáceis de tomar. Indicadas para uricemias, uretrites, pielites e cistites.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

A morte dos grandes personagens é sempre assinalada por uma série de homenagens tributadas à sua memória. O que se relaciona

com os funerais ostenta as aparências de um espetáculo. Daí o interesse que desperta às multidões que a eles comparecem. Poderia se haver caracterizado assim, o casamento de D. Sebastião Leme. Tal, entretanto, não aconteceu. A longa romaria que desfilou, desde a primeira hora, ao redor da camara ardente, foi um desses gestos coletivos com que as multidões tão bem exteriorizam os seus sentimentos, porventura existentes. As cenas de pesar ocorridas no Palácio S. Joaquim, durante a remoção do corpo para a Catedral Metropolitana, e finalmente nesta Igreja, foram diversas impressionantes. O Cardial desfrutava, sem dúvida, em tôdas as classes sociais, um grande prestígio. Era sábio, um bom e um patriota. Esta última qualidade constituía mesmo um apanágio. Demonstrou sua brasilidade de várias maneiras. Por tudo isso uma sombra, desse, no abismo dos abraços, enquanto os sinos dobram. E o Brasil inteiro participa nessa dor.

DEMOCRACIA PELOS PÉS

Extraordinária essa influência da guerra que, a pouco e pouco, vai se manifestando em todos os setores de vida, no seio dos povos nela mais diretamente empenhados. Uma notícia de Londres acaba de nos fazer cientes de que o Ministério da Economia do Reich determinou que dentro em breve todos os pés alemães serão calçados do mesmo modo. Padronizarão os sapatos. A medida visa simplificar e economizar. Realiza, entretanto, de maneira bem germanica — pelos pés — um dos princípios democráticos — o da igualdade. Com o tempo, certamente, outras providências destas virão. A' uniformidade

das idéias individuais, o Estado deseja, agora, juntar a dos vestuários. E' o último direito a ser destruído.

CAPITALISMO DOS NOVOS TEMPOS

Dentre as características mais decisivas que assinalaram a fase da História que esta guerra está encerrando, mistura-se, inegavelmente, o capitalismo. Por este fenômeno compreendemos um SISTEMA ECONOMICO, em que o capital, de simples MEIO, passou a ser um FIM e, mais do que um fim, uma FORÇA.

Nesta condição, fomentou de certa maneira a prosperidade material dos povos. Crescendo porém acima do Estado, tornou-se opressor das nações, INHUMANO portanto. Graças à ficção do padrão ouro, certos grupos cosmopolitas conseguiram submeter governos e populações a uma verdadeira tirania branca. Tudo isso estava errado. E tanto estava que as novas leis que se sucedem na Inglaterra e nos EE. UU. vêm derrubando sistematicamente aquilo que mantinha a estrutura de tal regime.

O que importa, no momento, é uma certa modalidade de capitalismo que acaba de surgir. Capitalismo bem humano, bem aceitável. Repousa no lastro da solidariedade e do amor ao próximo. Cristão, portanto. Fundou-se no Rio um estabelecimento para receber, guardar e DOAR o CAPITAL SANGUE. Denominaram-no BANCO DE SANGUE, tal a semelhança de função com o outro, semelhança que seria quase uma sátira, levando em conta que o dinheiro sempre foi considerado o "sangue e o suor do homem".

FLAVIO

JACAREPAGUA

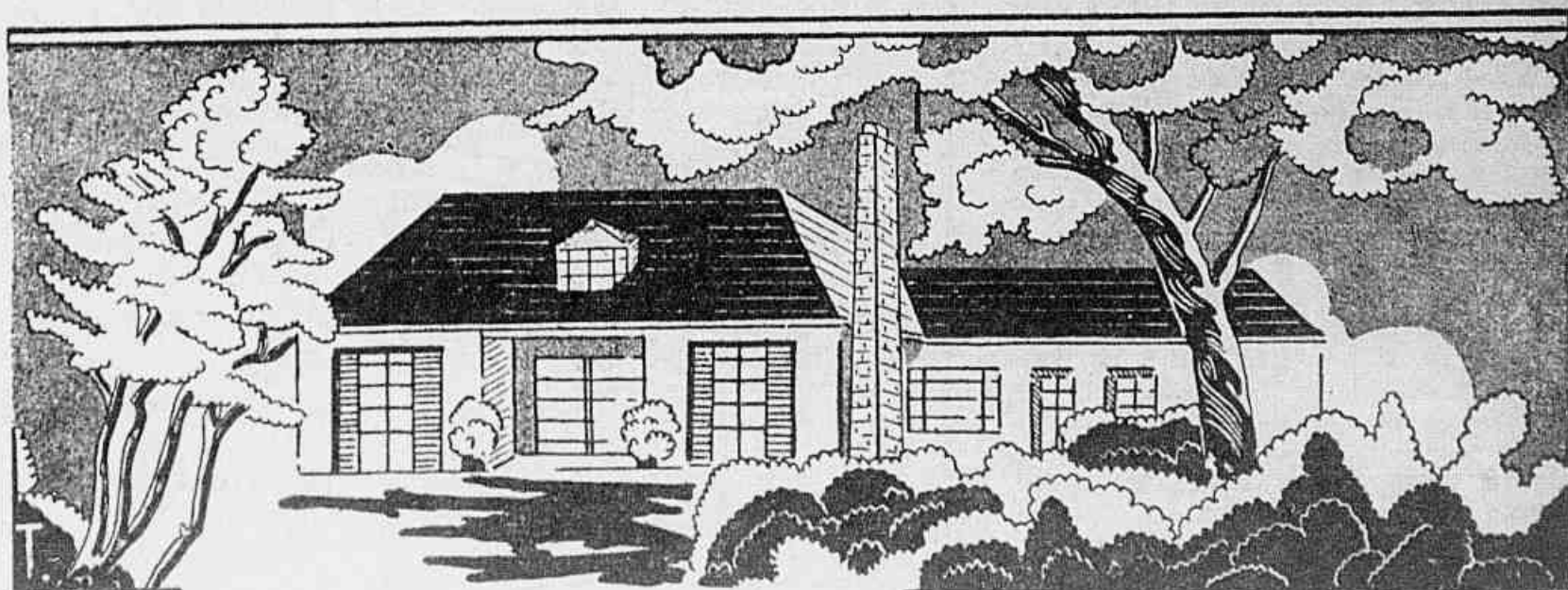
RECANTO IDEAL

Transforme em ENCANTADORA REALIDADE aquele seu VELHO SONHO tão longamente acariciado de possuir. — UMA CASA DE CAMPO — UMA CHACARA — UM SITIO — UM RENDOSO AVIARIO — Enfim. Gose um pouco as delicias da VIDA DO CAMPO, onde o contacto com a natureza maravilhosa o fará esquecer a vida agitada da cidade.

JACAREPAGUÁ, a 40 minutos do centro da cidade, saluberrimo e pitoresco bairro, de crescente e rápida valorização, é o RECANTO IDEAL para animados e divertidos "week-ends" ou "lucrativos aviarios". JACAREPAGUÁ possui todos os recursos do conforto moderno: AGUA — LUZ — TELEFONE — ONIBUS — BONDES — APROVEITE pois esta rara oportunidade que lhe oferecemos de adquirir uma ótima área, à vista ou A LONGO PRAZO — mediante pequena entrada.

Marque um domingo para conhecer Jacarepaguá. Telefone para 23-2180 e um dos nossos representantes terá prazer em acompanhá-lo, sem nenhum compromisso de sua parte.

CIA. EXPANSÃO TERRITORIAL



RUA 1.º DE MARÇO N.º 82-1.º-TEL. 23-2180

Memorial inscripto sob o n.º 16 de acordo com o decreto-lei n.º 58 de 10-12-1937

Não se pôde trabalhar com os Rins doentes!

Que martírio! Dores nas costas, nas juntas, reumatismo, pés inchados, urina turva e escura — cuidado com estes sintomas. Tudo isto pôde ser sinal de uricemia, eliminação insuficiente do ácido úrico, que está envenenando seu sangue. Tome Pímulas de Foster e combata este mal.

Pímulas de FOSTER

Para os Rins e a Bexiga. Preferidas porque são: Diuréticas e balsâmicas. Desinfetam e ativam os rins. Fáceis de tomar. Indicadas para uricemias, uretrites, pielites e cistites.

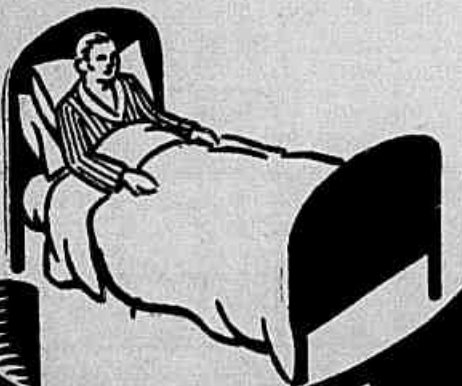


DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 35000.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCÊNCIAS

T. TARQUINO



Estando as
**PILULAS DE
BRISTOL**
ao alcance de todos,
para que commet-
ter-se a impru-
dência de expe-
rimentar ca-
tharticos
violên-
tos?

LSK

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

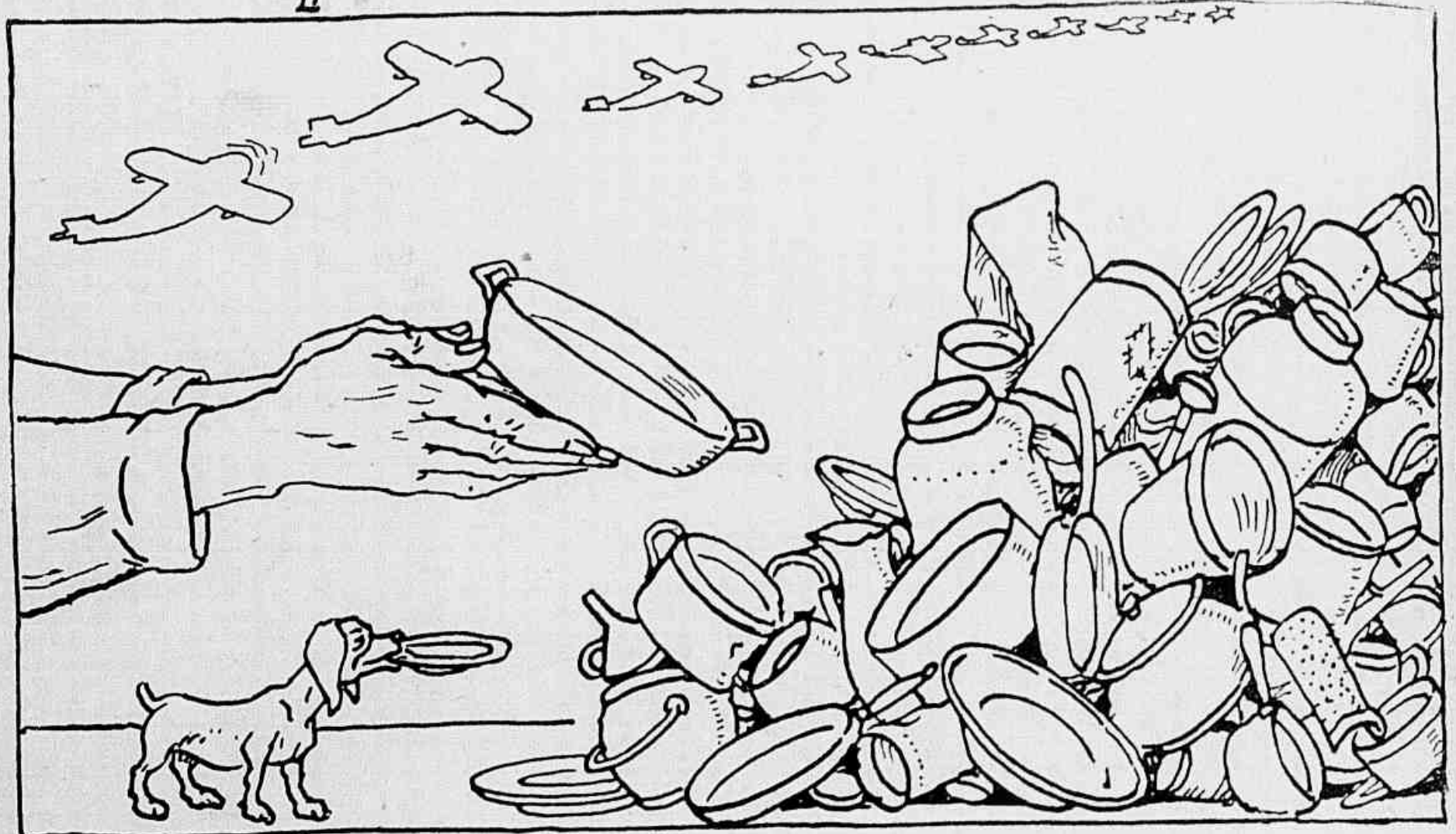
Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

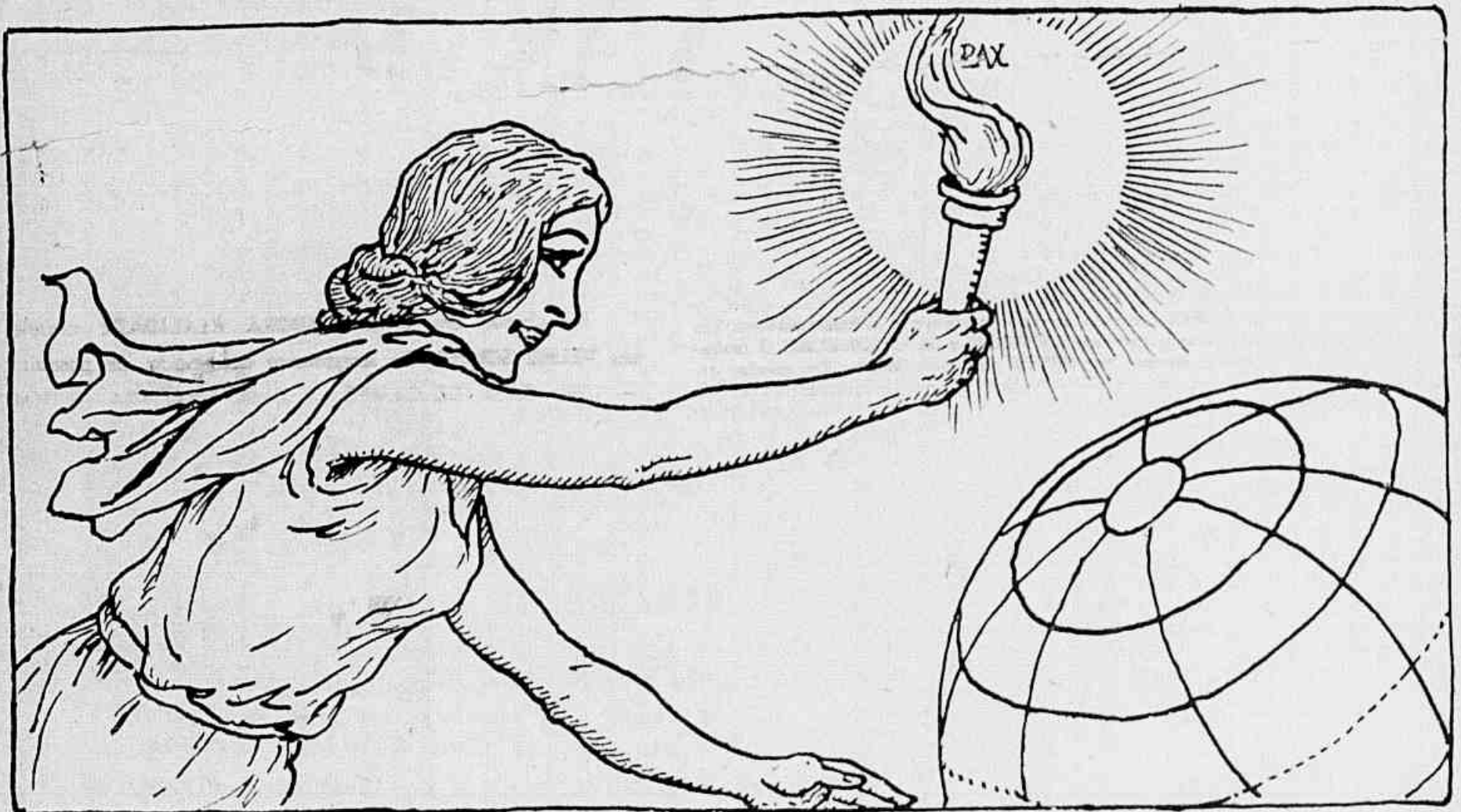
O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

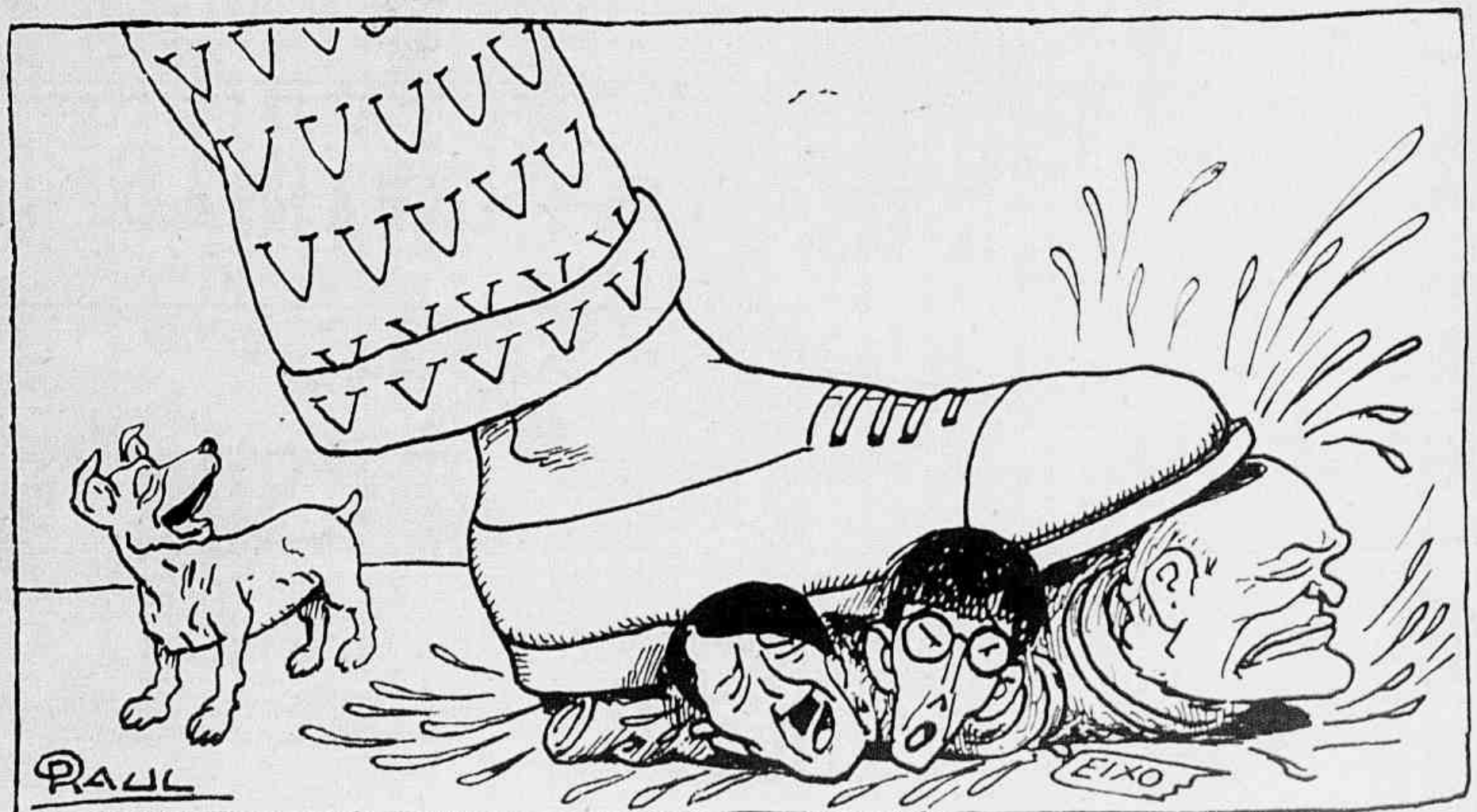
Imperativos



- Alumínio!



- Ilumine-o!



- Elimine-o!

LIVROS

"A LUA CRESCENTE", de RABINDRANATH TAGORE, por Abgar Renault — Rio de Janeiro, 1942.



O sr. Abgar Renault poz o seu nome ao alto da capa deste livro, e teve razão. Para nós, a obra lhe ficou em boa parte pertencendo. Tínhamos lido Rabindranath Tagore em diversos idiomas; esta tradução espontânea e pura dá aos poemas do maravilhoso Hindú uma formosura e uma expressão que passam a ser da nossa gente. Nestas páginas nos sorriem, na sua vera efígie, as crianças a quem amamos; e como a um espelho magicamente respectivo nos vemos, a nós próprios, quando meninos. A prosa do sr. Renault ca ta e ressoa como se composta em rigorosa métrica e animada de exatas rimas. Eis, ao acaso, uma página, *A minha canção*:

"Esta minha canção enleará sua musica em tórno de ti, meu filhinho, como os braços apaixonados do amor. Esta mi ha canção tocar-te-á a fronte como um beijo de benção.

Quando estiveres sózinho, ela se assentará ao teu lado e segredará ao teu ouvido; quando estiveres no meio da multidão, creará uma barreira de distância em torno de ti.

A minha canção será como um par de asas para os teus sonhos.

Transportará teu coração às bordas do desconhecido.

Será como a estrêla fôr lá em cima, quando a noite escura tombar sobre a tua estrada.

A minha canção pousará nas pupilas de teus olhos e levará a tua vista até o coração das cousas.

E quando a minha voz emudecer na morte, a minha canção falará no teu coração vivo."

O QUE O POVO CANTA EM PORTUGAL por Jaime Cortesão — Rio de Janeiro, 1942.

Em plena mocidade da figura e do espírito, o sr. Jaime Cortesão é, no entanto, um velho apaixonado da poesia popular. Não lhe vota apenas admiração de artista, respeito de crítico, interesse e enlevo de estudioso. Em verdade se lhe afeiçoou pelo lado sentimental. É uma airosa, fresca, suave, cândida — mas inteligentíssima e até às vezes genial — rapariga do campo a quem ele faz a corte, à Marivaux e à João de Deus, em prosa e verso. E esse namoro dura há, pelo menos, trinta anos — pois seis lustros já decorreram depois que o sr. Jaime publicou a antologia *Cancioneiro popular*.

Desta vez a sua obra se ampliou e aprofundou, para constituir uma das mais instrutivas e cativantes que no gênero e em qualquer época teem aparecido. O sr. Cortesão tornou-se um folclorista que, entre as suas virtudes, dispõe de certa maneira pessoal, tanto quanto possível original. A musa popular ou regional em verdade o inspira. Sugere-lhe reflexões e conceitos, graças aos quais, por muito que tenhamos lido e meditado os outros ensaístas, sempre alguma coisa — e não pouco — encontramos capaz de nos produzir o efeito de revelação. Ha definições, comentários, sugestões — e muitos — que até agora não tinham sido feitos nem provavelmente pensados e que ele nos oferece à inteligência e à emotividade como achados preciosíssimos. A sua erudição na matéria alange os outros especialistas, pois a todos ele compulsoou para vários fins ou com resultados diversos, entre os quais o de nos participar a sua existência... O contingente bibliográfico destas páginas indica uma verdadeira biblioteca. Mas, a par de tanta sabedoria alheia, avulta sempre o que o autor do livro conhece, sente e realmente ensina por si mesmo.

O estudo que precede "o poema do povo português", apresentando e explicando a parte de coletânea rústica ou plebéia, vai a mais de cem páginas. Ninguém de certo interromperá essa leitura. E ninguém deixará de se identificar com o espírito e o coração, enamorados ambos, que assim se despedem de nós:

"Leitor, se algum dia visse e ouvisses esse povo cantando em meio duma paisagem bucólica e enamorada, bailando as saborosas danças de roda em terreiros de arraial e romarias, ou rezando em capelinhas de sonho, pousadas como pombas alvas nos outeiros; compreenderias que uma lágrima de comoção e saudade puzesse nesta página o *Finis, Laus Deo*.

CONGONHAS DO CAMPO, ligeira notícia e fotografias de José Casais — Rio de Janeiro, 1942.

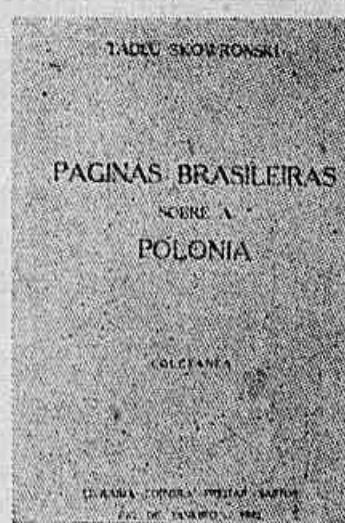


Deliberada ou casualmente o sr. José Casais segue o exemplo do sr. Edgar de Cerqueira Falcão, autor das admiráveis *Relíquias da Bahia* e de mais dois albums, excelentes também, que àquele se seguiram. O volume *Congonhas do Campo* oferece-nos, depois dalguns breves capítulos informativos e duma espécie de guia para turistas, uma série de enlevadoras e, quando menos, curiosas fotografias. Não só o tesouro de arte existente na velha cidade mineira interessou ao sr. Casais; também os panoramas o seduziram, levando-o a estudar a melhor maneira de os apanhar, na sua grandeza ou graça, na eloquência do seu sentimento. Nestas páginas, Congonhas se nos apresenta de vários pontos de vista, sempre amável e enternecedora entre os seus arvoredos magníficos, dominada pelos templos duas vezes sublimes: pela fé e pela beleza; e ha arrabaldes, estradas rústicas, interiores de floresta que cercam de recordações, de saudades, o santuário famosíssimo. *Clichés* amplos e detalhados reproduzem as imagens que saíram das mãos e do coração do Aleijadinho. E outros quadros nos mostram costumes, episódios, gente da atualidade local. Sem haver atingido a perfeição gráfica do artista do *Roteiro do Iguaçu* — que de tudo cuida, pessoalmente, desde a fotografia primitiva, passando pela gravura, até à ultima demão da tipografia — o sr. José Casais não lhe ficou devendo na escolha dos aspectos nem no gosto da interpretação.

NOVOS

PÁGINAS BRASILEIRAS SOBRE A POLONIA, coletânea organizada por Tadeu Skowronski — Rio de Janeiro, 1942.

Bem procurado e bem escolhido, o que no Brasil se tem escrito em louvor da Polónia — e ninguém de certo se lembrou de escrever contra ela — deu um volume de vasto formato e de duzentas páginas. Aqui se encontram nomes dos mais notáveis das letras brasileiras. Num preâmbulo sob o título *Do leitor*, explica o sr. Tadeu Skowronski, ministro da Polónia junto ao governo brasileiro, como lhe acudiu a idéia de compor esta poliantéia que é, dentro de certo periodo, um florilégio. Foi pouco depois da sua chegada ao Brasil, ha quatro anos. A simpatia geralmente manifestada, o ambiente de admiração e ternura estabelecido sempre que se tratava de figuras ou assuntos do

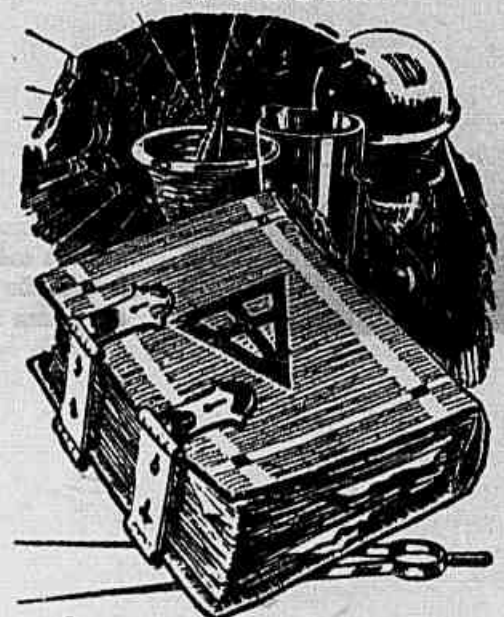


seu país, causou profunda impressão ao ilustre diplomata. Não imaginava ele que a Polónia aqui fosse tão conhecida e tão amada. Verificou depois o motivo de tal bemquerença. O convívio com os brasileiros o levou a "compreender esse sentimento desinteressado e nobre para com uma nação tão distante e ao mesmo tempo tão próxima da alma brasileira". E' que "o espírito de liberdade, de sacrifício e de heroísmo, de que a Polónia constitui um símbolo, também forma a própria essência da indole brasileira". E diante de certas páginas de versos ou de prosa, o sr. Skowronski se sentiu "deveras comovido, vendo que, como fio de ouro em trama preciosa, o sentimento de apreço pela Polónia perpassava em tantas obras de valor".

O livro, que traz um curto mas veemente *Antelóquio* do sr. Fernando de Mello Vianna, remonta aos poetas do século passado e vem até aos articulistas e cronistas da imprensa da atualidade. E, para só falar dos mortos, podemos citar trabalhos ou excertos de Castro Alves, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Felix da Cunha, Pedro Luiz Pereira de Sousa, Ruy Barbosa, José Veríssimo, Rocha Pombo, Humberto de Campos.

A condição de antologia bastaria portanto para inspirar, aos que por entender a arte realmente a estimam, o desejo de possuir este livro.

SEGREDOS CONFIADOS A POUCOS



A maior energia do mundo: a FÔRÇA MENTAL

SERÁ possível que grandes homens como Salomão, Sócrates, Alexandre o Grande, tenham sido enganados pela feitiçaria dos oráculos? Ou existe mesmo uma ciência natural, ao alcance de quantos queiram estudá-la, conhecer as leis e os mistérios da vida? É evidente que sim. A força mental pode influenciar coisas e fatos, porque é a maior fonte de energia do homem que souber usá-la com clarevidência, maravilhando os outros com os seus dons aparentemente inexplicáveis. Se deseja firmemente livrar-se das trevas do não-saber e das falsidades do charlatanismo, desenvolva seus poderes naturais, estudando os segredos que poucos têm a coragem de descobrir.

ESTE LIVRO LHE DIZ COMO

Desperte as forças latentes do espírito. Os Rosicrucianos, uma antiquíssima fraternidade de estudiosos, o ajudarão. Os Rosicrucianos não vendem seus ensinamentos porque não visam lucros. Não são uma firma comercial, nem uma seita religiosa ou maçônica. Escreva-lhes pedindo o livrinho grátis "The Mastery of Life (O Domínio da Vida)". Dê este passo hoje mesmo porque o livrinho não é enviado a todos, mas apenas aos que mandam cartas; diga se quer em inglês ou espanhol. Em suas páginas, um mundo novo de oportunidades. Dirija-se a: R. E. L.

The ROSICRUCIANS
(AMORC) SAN JOSÉ, CALIFÓRNIA, E.U.A.

POEMA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Pedro Maciel Bomfim — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Pedro Maciel Bomfim compoz um poema à beleza, à grandeza e à gloria do Rio de Janeiro. Compoz, pelo menos, a primeira parte: a que constitui o presente volume. Aqui se encontram cento e quarenta estrofes, todas de oito versos, sem porém observarem a maneira clássica. Ou porque a denominada oitava rima lhe desagradasse, pela monotonia, ao ouvido, ou porque lhe embaraçasse, pela tirania, o ímpeto da inspiração, tomou o poeta a liberdade de alterar, variar a disposição seguida pelos épicos dos *Lusíadas* e do *Caramuru*. Estava certamente no seu direito e tanto mais quanto, ele próprio o faz notar, se não trata neste caso, a rigor, duma epopeia. Em geral, os seus versos se apresentam claros e desenvolvidos. Se o sr. Maciel Bomfim os não obtém com a maior facilidade, é que, assemelhando-se a tantos rimadores, artistas de extremo requinte, os trabalhou e apurou até lhes dar a aparência do improvisado e nos deixar supor, a todos nós, que poderíamos fazer a mesma coisa. As últimas páginas inspiram-se na morte de Anchieta. E eis as estrofes finais:



Voz de Anchieta: — Brasil, filho querido,
Eu vivo nos entrecos dessa história
Que te construiu jovial e generoso!
Quando te vejo esbeto e tão crescido,
No meio dos teus pares forte, unido,
Sinto o meu nome alçado para a glória!
A' luz da fé cristã robustecido,
Serás no amcr infindo venturoso!

No bérco traduzi os teus vagidos!
O chilro dos teus pássaros canoros,
O murmúrio gentil dos teus regatos
Inda ressoa doce aos meus ouvidos!
Se em meu louvor sublimes cantam córos
E meu renome cobre-se de ornatos,
Que o fumo dos turbulos incense,
Se ao teu valor meu mérito pertence!

J. L.

Esmergnolle Doria

ANTANHO

No fim do século XVIII contendiam a valer Portugal e a França. Chegaram a odio velho, nascido em épocas anteriores, e proverbialmente odio velho não cansa. Mais acirrado ficou quando a Revolução deteve Luiz XVII na prisão do Templo para que depois deixasse no mesmo carcere, por dois meses, o enviado português Araújo de Azevedo, o futuro conde da Barca, para obter paz, suspeito de ter gorgateado membros do Diretorio. Na corrupção qual pior: o que recebe ou o dádoso interesseiro? Tenta este quem não quiz repelir.

Foi-se o Diretorio, veio Bonaparte. Tornava do Egipto onde alinhára exercito para que o contemplassem quarenta seculos alcandorados nas Pirâmides.

Consul, imperador, Napoleão não suportou Portugal, sombra da Inglaterra, a grande inimiga. Despachou para Lisboa o general Lannes, embaixador de credenciais também na impolidez. O Príncipe Regente, ladino, sabia que quem com ferro fere com ele é ferido: a grosseria de Lannes opoz outra maior e proposital, a do intendente Pina Manique. De 1802 a 1805, general e intendente jogaram as cristas e Lannes, vencedor em Montebelo, se confessou vencido em Lisboa.

A Lannes sucedeu Junot, o antigo Sargento Tempestade, de modos acalmados pelas grandesas do imperio napoleónico mais fragilidade e apparencia que solidez. *Pourvu que ça dure*, dizia a mãe de Napoleão.

Em Outubro de 1807 o tratado franco-espanhol de Fontainebleau tirava corôa da casa de Bragança reduzindo Portugal a três retalhos territoriais.

Voltava então Junot a Portugal, desta vês para invadi-lo na esperança de apri-sionar D. João. Proverbio italiano afirma achar-se o mar entre dizer e fazer. O Prin-



A casa de Taunay na Cascatinha da Tijuca.
Desenho de Rodolfo Chambelland. 1897.

cipe Regente fiou-se no mar. Tomou o caminho nudoso rumo do Brasil, chegando a ele ao alvorecer de 1808, vendo primeiro a Bahia, depois o Rio de Janeiro.

A passagem atlântica da família real portuguesa foi sucesso tanto inesperado como grande. Successo grande sempre traz rebentões, nisso os fatos se parecem a raízes de arvores.

Transmigrado o Príncipe Regente, transmigraram numerosos franceses para o Brasil. Eram infensos a Napoleão, regando glorias a sangue. Que é porem a Historia? Sucessão de revira-voltas, registro de tombos. Percebeu-o Roma. Atrás do carro do seu triunfador ia um escravo advertindo-o em alta voz que se precavesse para não cair, o cativo pelo aviso profetico muito acima da humilima condição.

Napoleão foi rio abaixo da omnipotencia, a ilha d'Elba depois dos Cem Dias, Santa Helena insular após Waterloo. O burbonico Luiz XVIII conheceu trono em França. A Historia, na sucessão de revira-voltas, trouxe bonapartistas ao Rio de Janeiro para companhia de legitimistas fixados na cidade carioca. Formavam todos colonia numerosa, de influencia social e de primasia comercial, mormente em certos ramos de negocio. Assim no de modas, preferido pelas cariocas o *article de Paris* ou o *made in London*, os ingleses vestindo até a tropa.

Agremiações humanas têm grosso e fina flôr: Tal sucedia á colonia franceza do Rio, nela militares de terra e mar, eclesiasticos, medicos, farmaceuticos, dentistas. Trese eram os clinicos franceses e de boa clientela. Um deles, Sigaud, deixaria nome em nossa bibliografia científica.

O conhecimento da lingua francesa era basico na pedagogia brasileira. Nos collegios de meninas de Madame Mallet e de Madame Boudinot, no curso de meninos de Monsieur Picot professores franceses ensinavam bastantes discipulos a ler e escrever em francês sem escorregar na sintaxe. Dous impressores franceses da época marcariam nome no jornalismo carioca balbuciente. Estão nomeados Ogier e Siegnot-Plancher.

De longa data fidalgo era militar ou agricultor. Frigor de batalhas ou calma de campos, armas ou safras. Aristocratas como a condessa de Roquesuille e o conde de Scey, agricultavam na Tijuca, o conde de Gestas na ilha do Moinho, hoje do Viana, enquanto o batavo general Hogendorp, habitante das Laranjeiras, tratava de carvão.

Franceses cultivavam café em Ubatuba, em Friburgo e na Ilha Grande, lucrando ou perdendo conforme estações de tempo firme ou de céos bruscos. Ainda assim o nosso doce inverno pareceria elemento a gente de climas de inverno rude, de vento e neve, de florestas em esqueleto ou aguas tornadas gelo.

A patria distante se fazia lembrada a transmigrados por muitas mercadorias. Por exemplo as das *nouveautés* de tanto brilho na rua do Ouvidor. Quando a pereceu, o principe de Joinville exclamou, referindo-se á rua parisiense notavel pelo luxo de suas lojas: *"mais c'est la rue de Rivoli!"*

Nas lojas da rua do Ouvidor, abertas á noite, para encanto das senhoras brasileiras que de tesouros nas leves-transparentes musselinas, nas batistas inventadas por Baptiste fabricante do século XIII, nos sefins volutuosos ao tacto a poder de macios, nas sedas da China sericicultora, nas luvas de Paris e Grenoble, as luvas curtas preferidas ás compridas.

Antes do filosofar cumpre viver. Isto se diz solenemente em latim. Em português o Rio de Janeiro o sabia. Nele não se comia nem pouco, nem caro, nem mal. Para franceses o Havre e Marselha eram de recurso contentando-lhes o estomago. De

Marselha vinham frutas, doces, nozes, figos, amendoas, avelãs e castanhas, tudo genero *friandises* tão caras a franceses.

Alguns figuravam no grupo de artistas que o marquês de Marialva e o cava-leiro Brito, encarregado de negocios de Portugal no Brasil, haviam contratado em Paris. Realizando desejo do Príncipe Regente, formavam Missão Artistica de orien-tação ao estudo de belas artes no Rio de Janeiro.

Colonialmente as belas artes tinham surgido no Brasil, embora os artistas na-cionais tateassem na arte á mingua de estímulo só adquirido por alguns pintores favorecidos por estudos na Europa.

A Missão Francesa chefiada por Lebreton veio, conforme expressão corriqueira, "preencher uma lacuna". Sem ser profissional Lebreton entendia de Belas-Artes. Membro da seção das mesmas no Instituto de França vivera sob a cupula do palacio Mazarino, o cardeal satélite do Rei Sol.

No Rio de Janeiro os membros da Missão Astistica foram distinguidos pelo Príncipe Regente, rei em 1816, pela morte de D. Maria I, e de governo fresco como soberano de direito se desde 1792 o era de fato. Os cariocas acompanharam o exem-plo de cima. Consideraram os componentes da Missão Francesa. Sempre alcunhares, os cariocas trataram os artistas franceses de "sabios" e promoveram Lebreton a "capitão" da honrosa companhia.

Os transmigrados procuraram alajar-se. Lebreton foi para o Flamengo onde morreria, Debret escolheu Catumbi, Grandjean buscou a Gavea, os Taunay prefe-riram a montanhosa e aguosa Tijuca.

No momento qualquer desses arrabaldes era tebaida. O Flamengo deitava-se em janela enorme para o mar, Catumbi punha-se em bosque no sopé de Santa Te-resa, a Gavea tanto era cimo como planura, a Tijuca florestal.

Descnhece-se imagem da casa de Lebreton. Só se a sabe no Flamengo, Debret aquarelou sua residencia em Catumbi. Onde? Se alguém conhece o sitio responda ao adverbio. Aquarelou também Debret o seu gabinete de artista, e os seus trabalhos de aquarelista tiveram realce em recente exposição do Museu Nacional das Belas Artes.

A permanencia de membros da Missão Francesa no Rio de Janeiro ficaria se-cularmente recordada por três casas, as de Grandjean de Montigny e dos Taunays. Em chacara da Lagôa, na Gavea, Grandjean desfrutaria trinta e quatro anos de Brasil até ser posto em sepultura no convento de Santo Antonio á Carioca, Santo Antonio dos Ricos em contraste com a pobreza da ordem franciscana imposta pela regra do sodalicio. No convento jouve a primeira esposa de Grandjean. Em registro mortuario assim lançaram-lhe o obito:

"Grandjean de Montigny (francesa) aos 15 de 9bro de 1829. Sepultura 32"

Um modelo de laconismo. Aos mudos para sempre nada de muita palavra, bas-tam-lhes algumas saudades sobre a terra e as verdadeiras saudades são de coração a dentro.

Da viuvez de 1829 passou Grandjean de Montigny a novas nupcias, com uma brasileira, ainda mais o prendendo á nossa terra. O retrato da segunda Madame Grandjean, do pincel de Augusto Muller, foi conservado por muitos anos pela dedi-cação de fiel domestica, Rosa Reis, a quem a ama doára a tela em lembrança de cui-dados e bons serviços. Figura hoje o quadro no Museu Nacional de Belas Artes por aquisição e donativo do dr. Goffredo Taunay, filho do barão de Taunay, segundo diretor da Academia Imperial das Belas Artes e membro da Missão Artistica como seu pae, Nicoláo Antonio Taunay.

Comprou este terras na Tijuca e construiu casa onde passou a residir com mu-lher, cinco filhos e um irmão todos assinalados no Brasil por varios modos.

A casa edificada por Nicoláo Antonio para habitação sua e dos seus, por ele patriarcalmente dirigidos, visinhava com a quêda d'agua geralmente conhecida por Cascatinha da Tijuca e por muitos como Cascatinha Taunay.

Da casa historica e do seu exterior ha lembrança em obra de Rugendas, noutra de Jacques Arago e em desenho de Rodolfo Chambelland.

A casa, em centro de terreno, fôra levantada para afrontar seculos por alicerces fundos solidos e paredes de fortaleza. Jardim a rodeava por três lados, o fundo da habitação proxima de morro. Dele vinha agua de mina a correr incessante para tanque de pedra sobre o qual musgos e avenças gosavam necessaria humidade. Jorrava a agua da boca de um leão de bronze apenas apresentando cabeça e pois na maior in-sensibilidade.

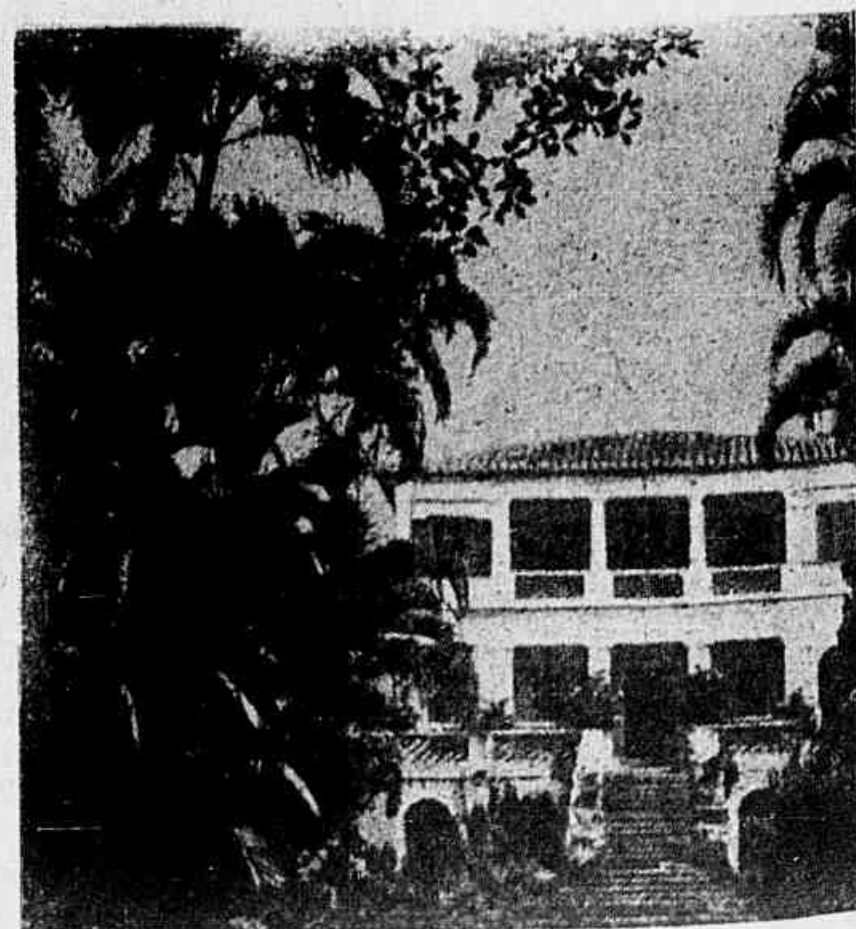
A sala de jantar, em dous angulos, apresentava lareiras e seus pertences. Tudo em previsão de rigor hiemal. As chaminés das lareiras funcionaram sempre mal amea-çando enfumaçar a casa. As lareiras tornaram-se apenas atestados de previsão de gente conhedora de frios intensos a ponto de mortais.

A joia da casa era a sala de visitas e causava sempre admiração a visitantes, entre eles D. Pedro II e muitos personagens do Imperio, Bom Retiro, Pirapama, Villa da Barra e outros sem esquecer visitantes estrangeiros illustres.

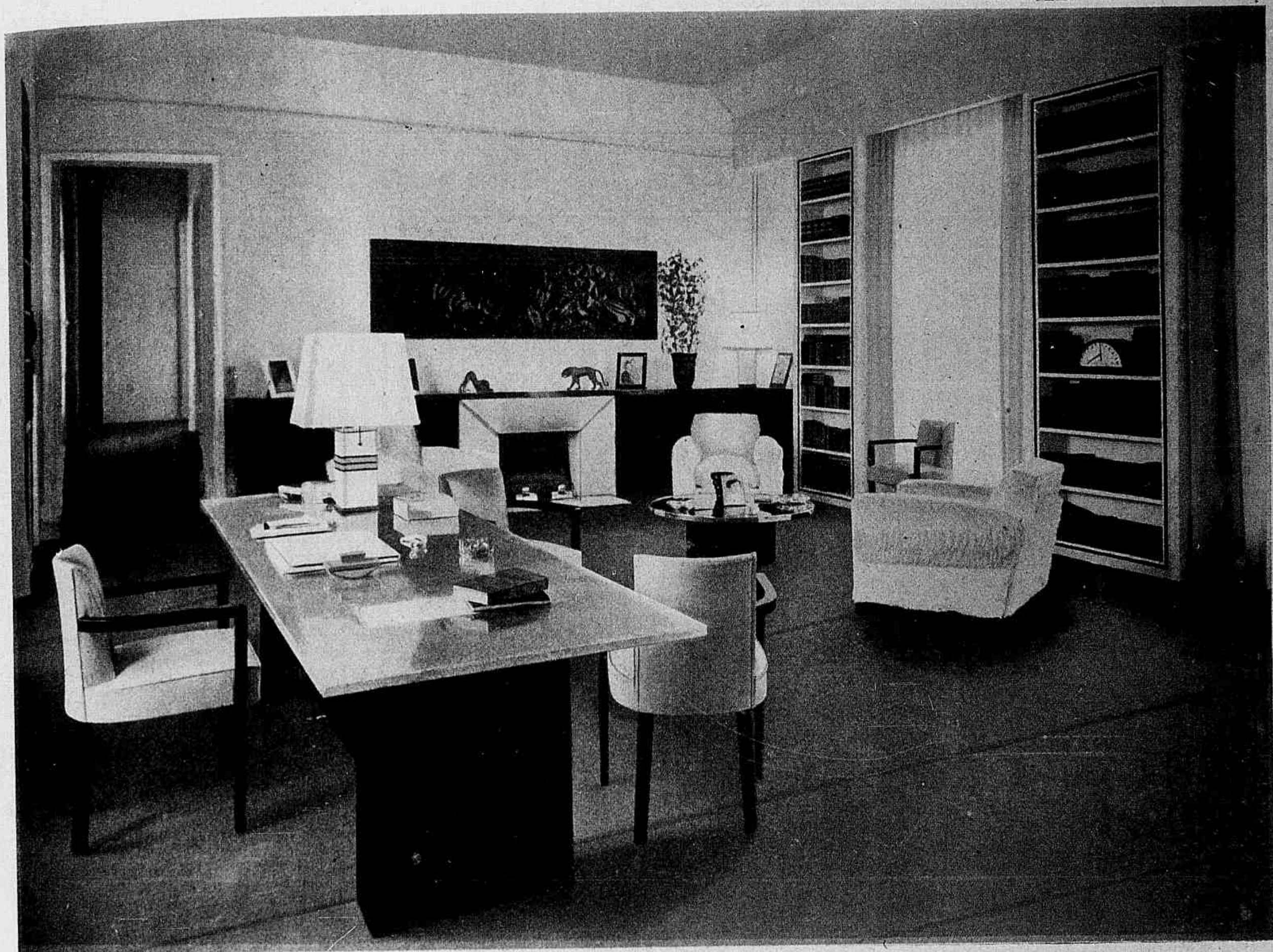
Adriano Taunay ornára grande parte do aposento com pinturas a fresco, em estilo pompeano, reservado o fundo da sala a painel representando o *Triunfo de Baco*. Tudo executado a primor.

Fôra da casa a grande joia, dádica do Creador Supremo, era a cascata des-penhando aguas de altura para fazel-as cair por argenteo tropel em larga bacia de onde se escapavam para socego e murmurio em outra bacia sob ponte monumental á romana, obra de Felix Taunay e Job Justino de Alcanta-ra. Dessa segunda bacia fugiam as aguas para caixa receptora do largo da Boa Vista e, ora em silencio, ora a sussurrar deslisa-vam batidas entre pedras e em sinuo-sidades ocultas pelo mato aos transeun-tes da Cascatinha em demanda da Floresta da Tijuca.

Hoje a queda d'agua não repre-senta mais impo-nencia por volume de aguas. O leito sobre o qual cor-riam outr'ora acha-se completamente seco. A casa que mereceu desenho de Rugendas foi destruida. Mas na memoria do antigo panorama do sitio está a justificação das "lagrimas" que ás cousas atribuiu a sensibilidade de Virgilio.



Fachada principal do solar Grandjean na Gavea, em a rua Marquês de S. Vicente. Conforme estampa de obra de Mo-rales De Los Rios Filho, grande biografo de Grandjean de Montigny.



"HOME... SWEET HOME!"

Meu leitor: É nas horas de repouso que você pode realizar o seu melhor e mais valioso trabalho: organizar os elementos para a luta do dia seguinte; dar, na sua própria casa, o exemplo edificante de método, cordialidade, disciplina e boas maneiras, que no escritório, na fábrica ou na sociedade lhe grangearam, em grau tão elevado, amigos, consideração e atencioso respeito.

Para o Brasil e para você mesmo, este exemplo vale tanto quanto o trabalho extenuante de um dia cheio de emoções e atividade. É com disciplina e força de vontade que se criam gerações fortes, de espírito empreendedor, audazes e heroicas, de que a Pátria tanto precisa para continuar na gloriosa estrada que sempre trilhou.

Mas... o indivíduo será sempre um produto do seu próprio meio. A esta verdade ninguém pode fugir.

Perdê-me a indiscreção: a sua casa está preparada para lhe proporcionar o descanso reconfortante, que dignifica, eleva e prepara um homem para as lutas do dia seguinte longe de seu lar? Si tem dúvidas, isto é si nem os móveis nem as decorações estão de acordo com os seus desejos de ordem e harmonia, si tudo atualmente ali o aborrece, então chame um técnico, pois somente ele sabe como resolver problemas que a você parecem insolúveis.

12.º EXEMPLO: — Veja a disposição harmoniosa e equilibrada dos móveis, não somente quanto à proporção, mas também pela originalidade e singeleza de suas linhas: grandes estantes embutidas na parede, entre as janelas, para aproveitar melhor o espaço; vasta *étagère* em continuação da lareira exhaustora (coisa moderníssima) dá a esse recanto um aspecto de exotismo que se torna ainda mais interessante pelo contraste com o restante das decorações; grande *bureau*; amplas poltronas estofadas...

Tudo grandioso; mas, apesar disso, tudo tão á vontade, dando uma agradável e indefinível sensação de paz... Fotos de entes queridos, em suportes de madeira trabalhada ou metal precioso, emprestam ao ambiente esse delicioso ar de intimidade que somente o nosso *home* nos pode proporcionar e que em nenhuma outra parte mais poderemos encontrar.

No exemplo desta página, os móveis, as decorações e até os adornos se destacam, pelo tom claro-escuro, da cor neutra do tapete aveludado e das cortinas executadas em tule, sob reposteiros de pelúcia *double-face*.

Faça de seu lar uma fonte perene de energias, e que ele seja, ao mesmo tempo, um espelho de sua personalidade.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

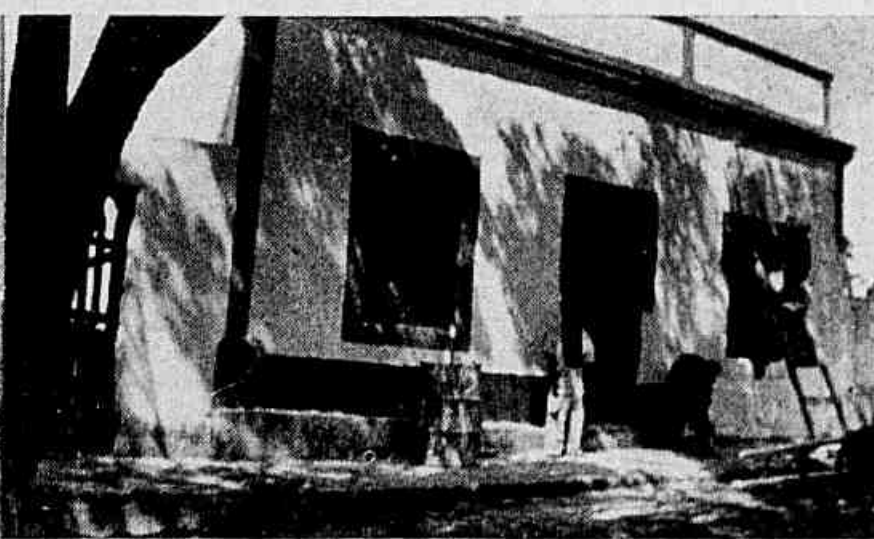
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 RUA DE CARIOCA 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

A ocupação de Fernando



O 7 DE SETEMBRO. — O primeiro aniversário da independência da Pátria, após a ocupação da Ilha, foi comemorado brilhantemente. Aí vemos o 39.º B. C. formado em frente a um velho edifício que está sendo utilizado.



EDIFICAÇÕES DO PASSADO — O espírito pratico dos "ocupantes" da ilha não desprezou os velhos hábitos. Retocados e pintados, esses dois prédios se prestam otimamente para o Serviço de Intendencia das tropas.

N^o meio do oceano, um sombreado escuro como um estranho desenho desordenado, se apresenta, de súbito, aos olhos do viajante que, após 36 horas de percurso, demanda do Recife, a ensolarada Veneza Americana.

Mais e mais se acentuam os relevos dos picos que emergem do abismo oceanico, como formidáveis cariatides vulcanicas, sob o ceu mais azul do mundo!

E' uma renda de ilhas congregadas em volta de FERNANDO DE NORONHA, a maior de todas e cujo nome batiza todo o minuscuro arquipélago. Seus nomes lembram, quasi sempre, grotescas semelhanças fisionomicas: — Rata, Dois Irmãos, Conceição, Ilha de Fora, Chapéu do Nordeste, Cúscús, São José, Ros, Sela Cinete, Ilha do Meio, Saco da Atalaia, Ilha do Lucena, Ilha do Frade ou dos Sinos, Ovos, Cabelluda, Chapéu do Sueste, Espigões, Morro do Leão, Morro da Viuva, cujo nome recorda uma desencantada e romanesca historia de amor, lá para as longinquas eras de dominação francesa, nos princípios do século dezesseis.

Sem praia quasi, abruptas, lambidas e constantemente açoitadas pela lingua espumosa das ondas revoltas, essas pequeninas ilhas são praticamente inacessíveis, como as fortalezas medievais.

Inacessíveis e tristonhas, eternamente açoitadas por todos os ventos do Quadrante e pelo rugido monótono do mar que enerva e amedronta, alta noite, quando a lua anda, muito branca, passeando pelo céu...

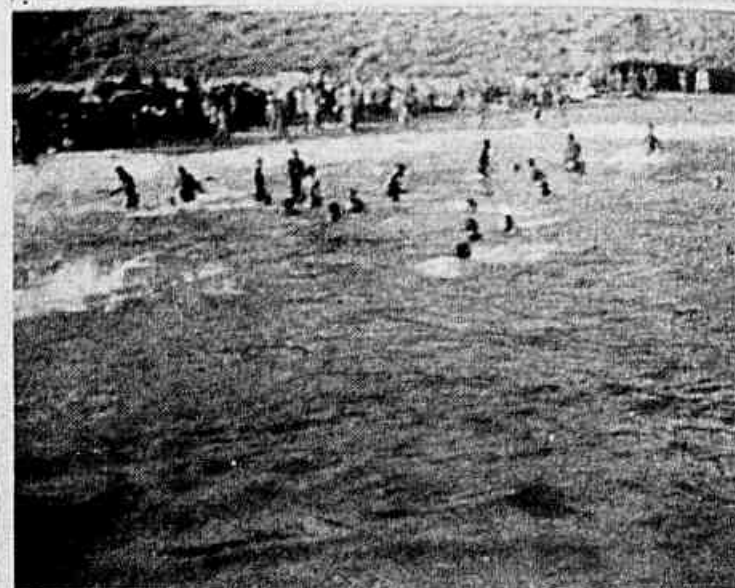
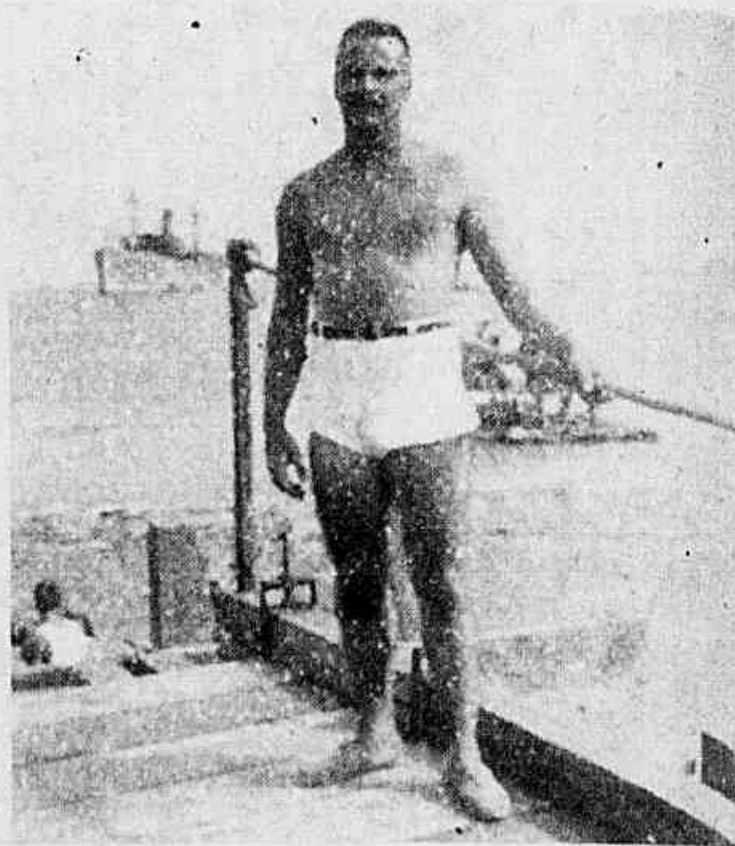
Ninguém sabe si estas penedias exsurtas afloraram de uma convulsão submarina ou procedem de erupções vulcanicas, muito antes da Atlântida!

Sabe-se que, desde a historia da Descoberta, elas eram o ponto de referencia dos piratas e dos navegadores audazes que não quizeram descobrir a Terra de Santa Cruz...

Holandeses, portugueses, franceses e novamente portugueses foram-lhe os primeiros senhores, erigindo-as de fortalezas e fortins, para a defesa afastada da costa e o impedimento das rotas arbitrárias dos caudilhos do Oceano.

Ainda se vêem hoje restos dessas fortificações coloniais que já foram consideradas de 1.ª classe pelo Ministério da Guerra em 1857.

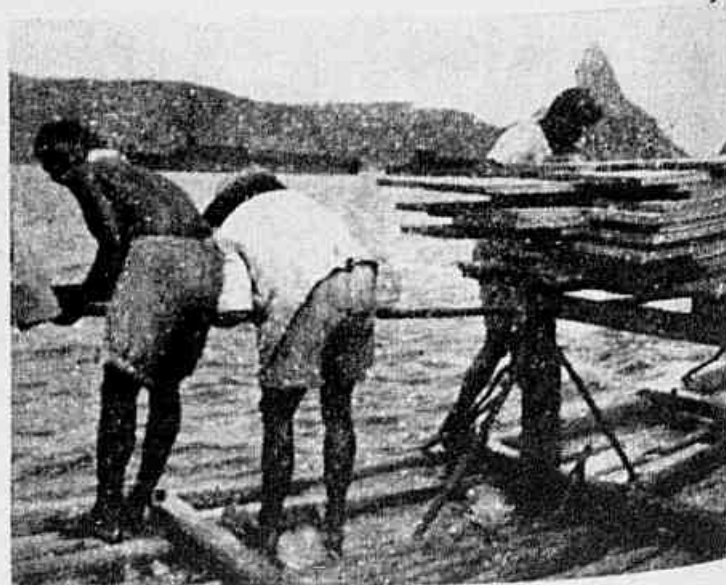
São elas as fortalezas de "N. S. dos Remedios" (hoje, depois da ocupação militar, transformada em presidio) a de "São José do Morro", o forte de "Santo Anto-



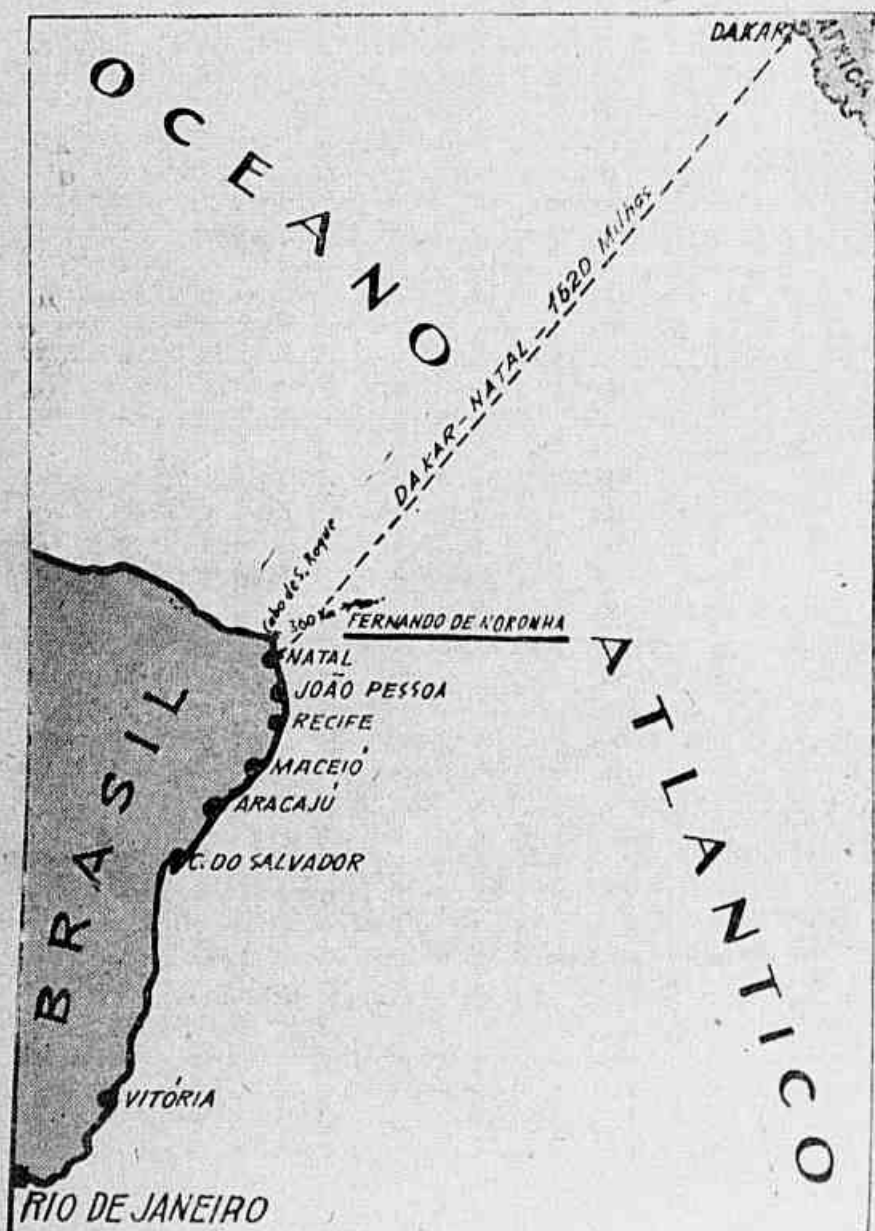
FOLGA E ESPORTE. — Uma trégua na faina diária: um pouco de natação, alguns mergulhos ligeiros porque os tubarões andam perto. Ao alto: o Cap. Lobato Vale, Comandante da 1.ª Cia. de Obuses.



ABASTECIMENTO D'ÁGUA. — Não falta água hõa no sub-solo; nota-se, porém, a ausencia de serviço moderno de águas, o que, certamente, virá sem demora. Duas latas d'água para a residencia do tenente Appelt.



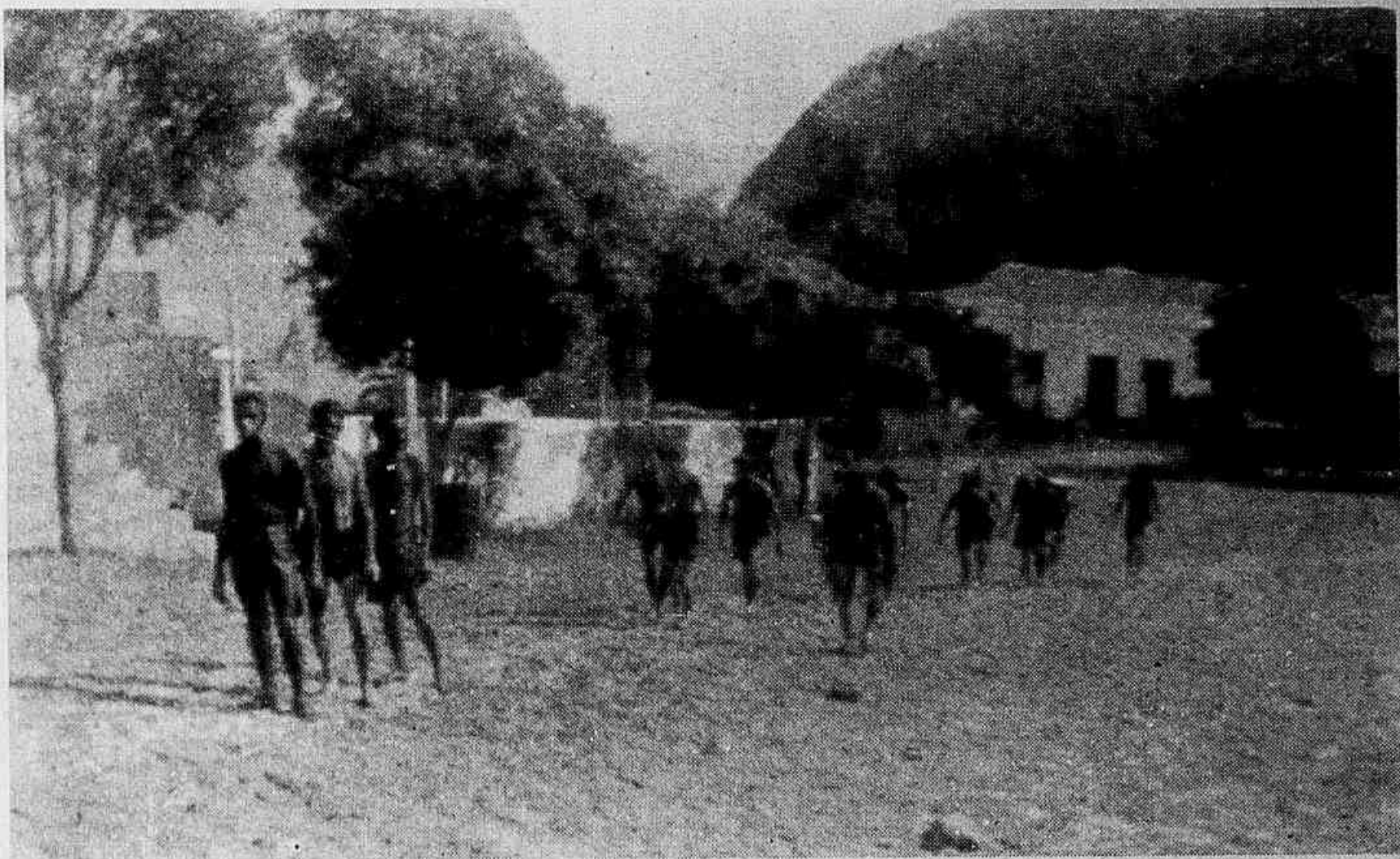
DE BORDO PARA TERRA. — Materiais e utilidades diversas, como os viventes que se destinam à ilha, vão de bordo para terra em grandes balsas. São permanentes exercicios de desembarque. E nem sempre o mar está de bom humor.



de Noronha pelo Exercito

Aspectos da natureza e da vida no novo território federal -- Praça de guerra e prefeitura militar -- Futuro recanto de turismo -- 14 mulheres; e a do padeiro é a mais bonita

Por Carlos Sudá de Andrade (especialmente para "REVISTA DA SEMANA").
Fotos do major Olegario Marcondes e tenente Alfredo Apel.



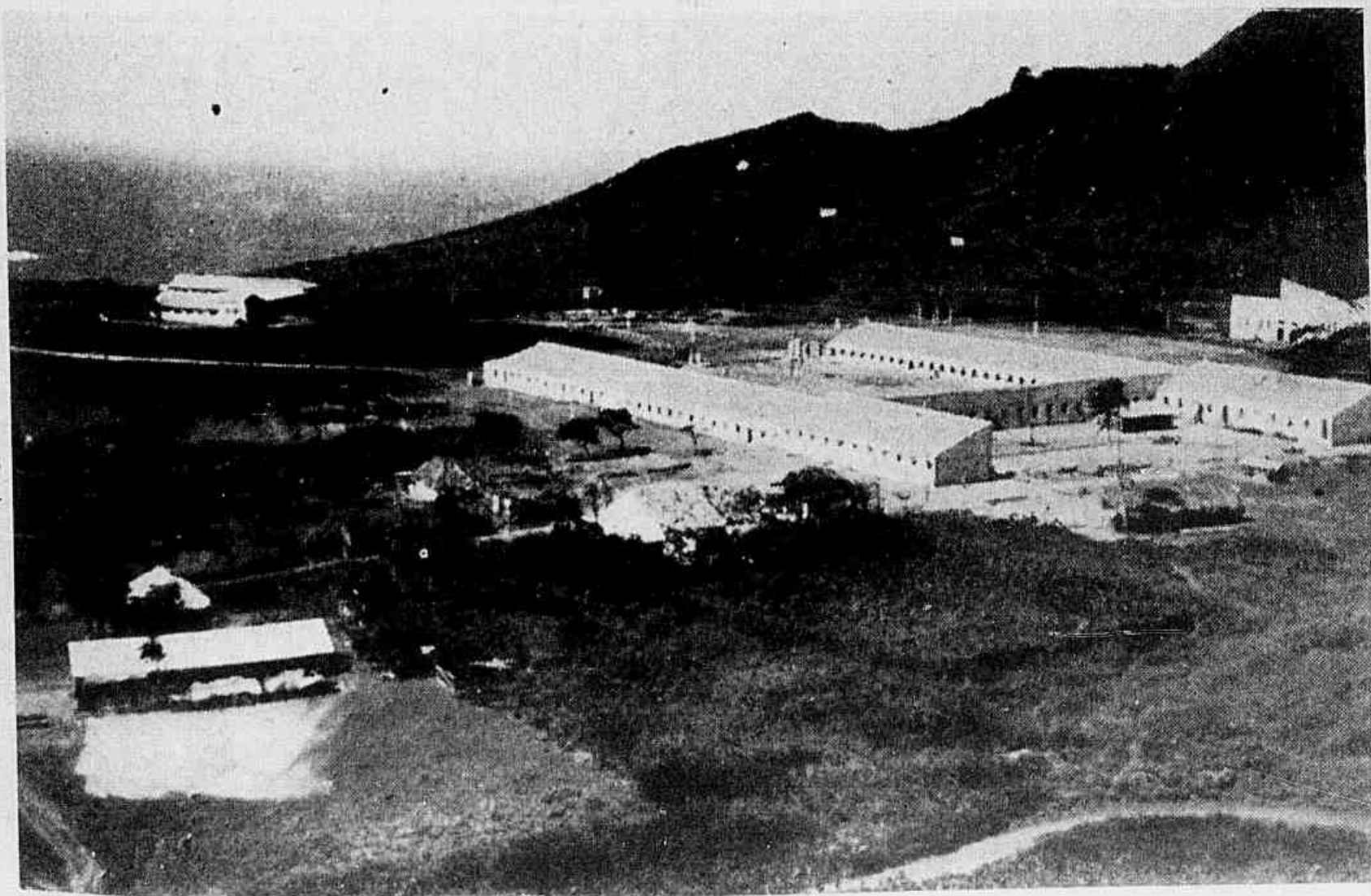
OUTRA VIDA PARA OS DETENTOS. — Retirados de Fernando de Noronha todos os presos políticos, ficaram, apenas os presidiários comuns. São os trabalhadores da terra. Vemo-los, aqui, a caminho do descanso depois de um trabalho de descarga no porto da ilha. Estão mais contentes com o novo destino daquelas paragens insulares. São 361 ao todo.



CAMINHÃO DE SERVIÇO. — Não podemos afirmar se o arquipélago estava virgem da ação dos pneus; mas não há dúvida que este caminhão é um sucesso em Fernando de Noronha.



ENCOSTAS ABRUPTAS. — Muita coisa a natureza já fez em defesa das ilhas: poucas são as enseadas e praias baixas. A' direita: Uma penedia de 150 mts. de altura. A'o centro: As escarpas da Praia dos Remédios.



OS NOVOS ALOJAMENTOS. — São simples porém modernos e confortáveis os novos alojamentos de tropa. Banhados de luz, arejados e plantados numa encosta suave, oferecem ótima impressão.

nio", os redutos de "Santa Cruz do Pico", "Sant'Ana", "Conceição", "São Joaquim", São Pedro de Boldró, "Bom Jesus do Leão" e "São João". Como se vê, todo um calendário cristão!

Discute-se, ainda, si foram os holandeses ou os portugueses os primeiros que construíram as fortificações do arquipélago. O certo é que os portugueses as aperfeiçoaram, aumentando-lhes o número e remodelando algumas, como por exemplo a Fortaleza de N. S. do Remédios, que o coronel João Lobo de Lacerda em 1737 transformou na mais poderosa de todas, depois de haver expulso os franceses daquelas paragens.

FERNANDO DE NORONHA era, então, uma sentinela avançada, como hoje, exatamente, de olhos arregalados frente aos horizontes contra a incursão dos corsários e dos inimigos da Pátria.

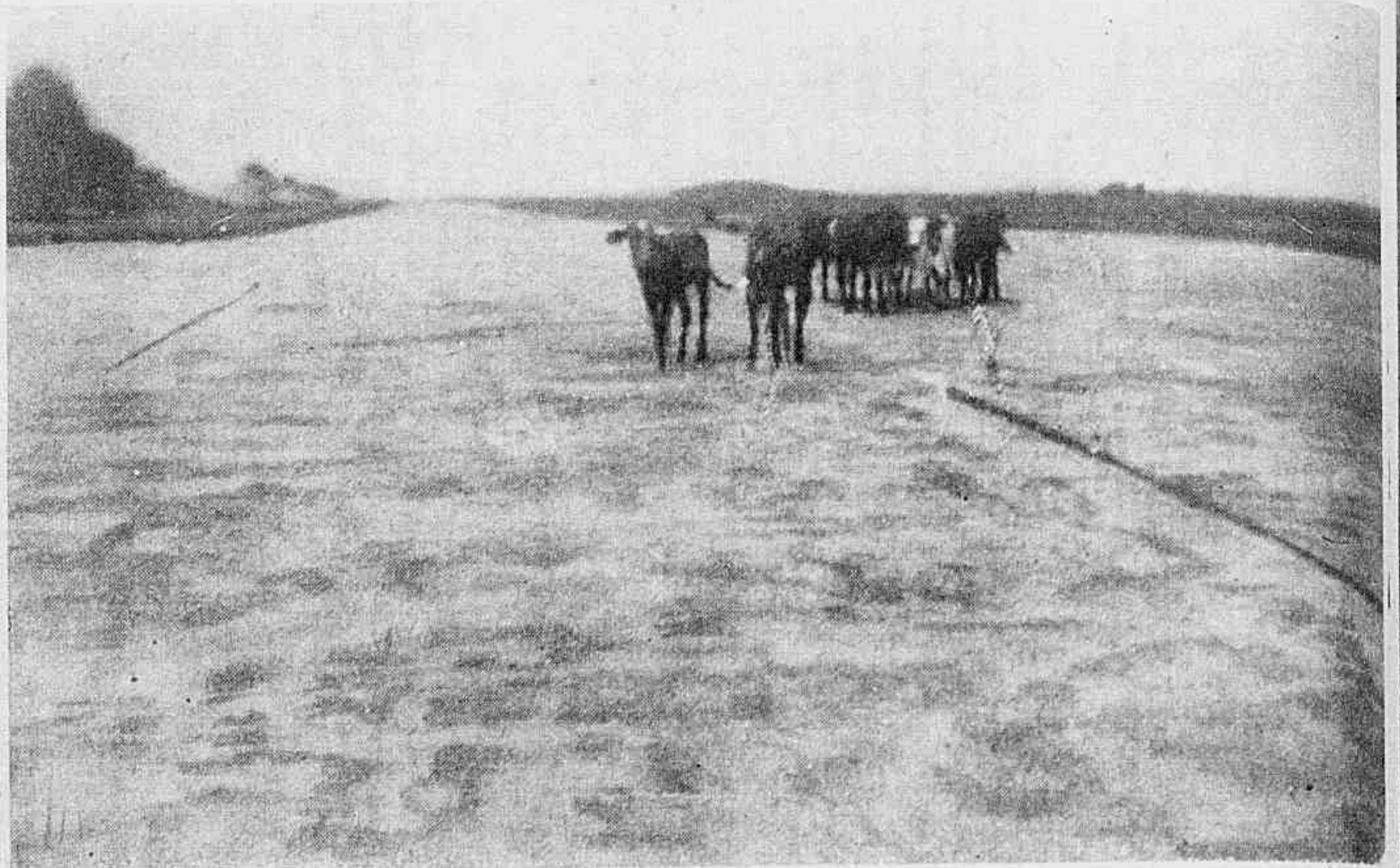
Singular é o destino de **FERNANDO DE NORONHA**, a ilha principal, que mede 18 quilômetros de comprimento por 6 de largura. Na sua extremidade noroeste se ergue, altaneiro, o Pico, com 321 mts. de altitude — a maior elevação do minúsculo sistema orográfico, de cujas ribas se destacam, mofinos, por entre as grupiarias, alguns sussurrantes corregos d'água, chamados o Boldró, Maceió e Munhugú — a caixa d'água dos ilhéus.

Praça de guerra, depois da criação do novo Território Nacional, ela está dirigida por uma prefeitura militar. Singular, por que o destino fe-la sempre viver entre o ruído das ondas e os toques claros das cornetas marciais, malgrado a paisagem

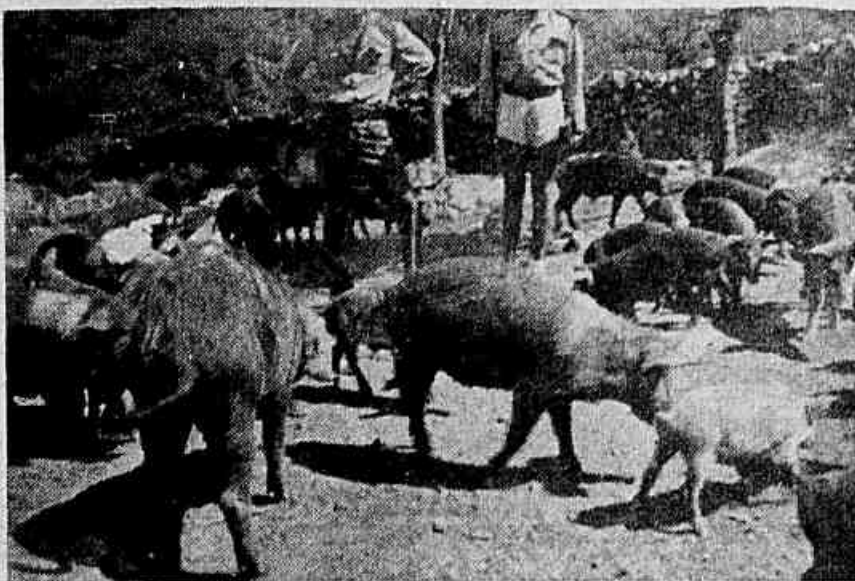
bucólica a que, no fundo do vale, emprestam os pendões verdejantes das plantações de fumo, de milho, de mamona e dos algodoeiros tufados de branco.

Na vila dos Remédios, engastada na garganta do vale, ergue-se o modesto casario colonial, encimado, na praça principal, pela vetusta igreja de N. S. dos Remédios, em cujo adro o chafariz barrôco canta, noite e dia, a ária alegre e saltitante da ninfa cristalina. Oitiseiros vestustos, esgalhados sombreiam, romanticamente, a praça batida pelo sol e as duas ou três ladeiras sinuosas que lhe dão acesso tormentoso, vindas da Praia de Santo Antonio e dos povoados da Vila Nova, Santo Antonio e Luixaba.

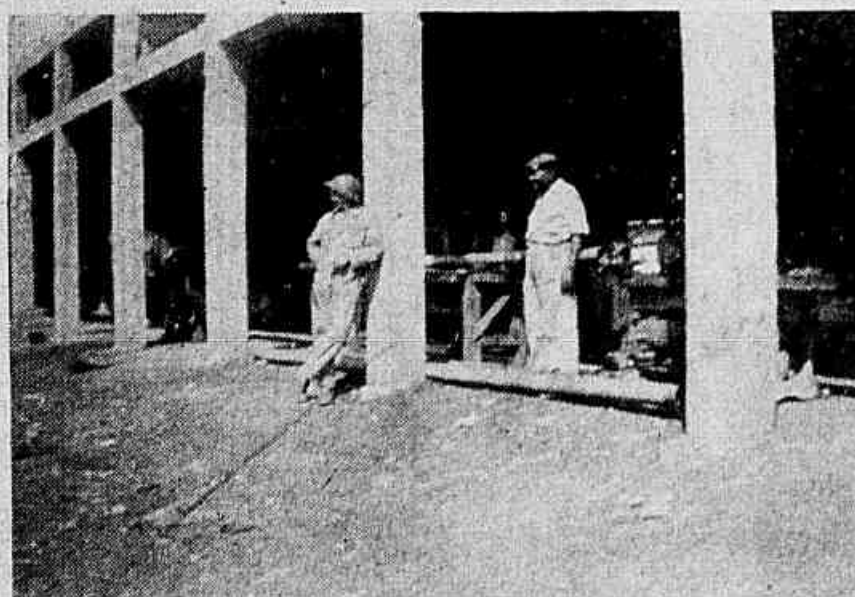
Hoje, aqui e ali, barracões de madeira, grandes galpões, vistosos, dão uma nota estranha à paisagem ilhóia. E o ruído moderno dos aviões, no grande aeródromo construído, o alarido das multidões de soldados, a faina febril de mais construções —



CONTRASTE CURIOSO. — Na vasta lage de concreto, lindos garrotes, de boa mistura, passeiam tranquilamente, satisfeitos e nédios. Aí está uma prova de que a pecuária é possível nas terras do arquipélago.



CRIAÇÃO DE PORCOS. — Esta fotografia documenta as possibilidades das ilhas em relação à suinocultura. Se os exemplares que se vêem ainda não estão gordos é porque, de certo, chegaram lá pouco.



AS OFICINAS. — Amplas e modernas, as oficinas são um contraste em meio das edificações antigas: o cimento armado está francamente introduzido ali, em nome da Civilização.



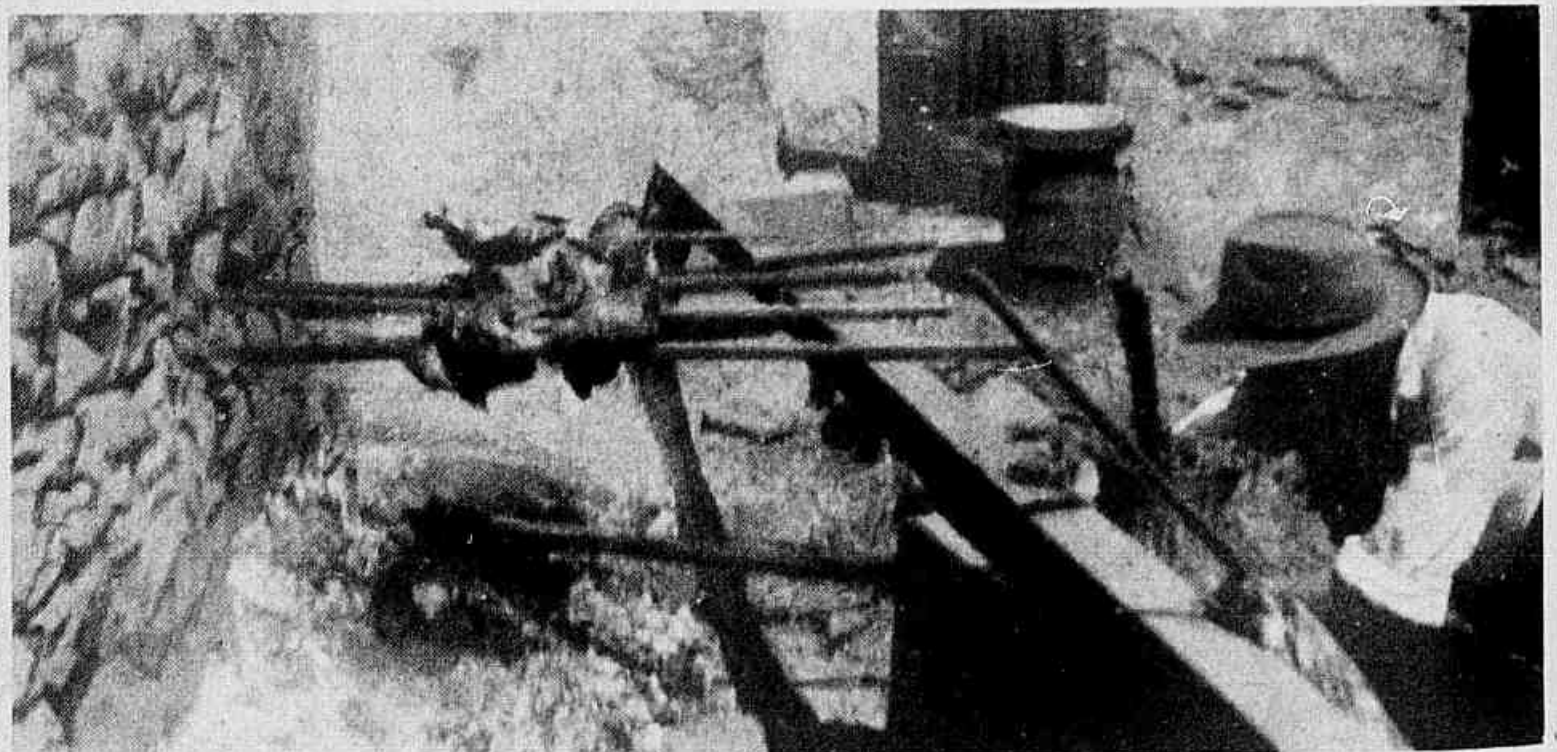
O ANCORADOURO — É assim o "porto" de S. Antonio: vai ficando atulhado. Aspecto da ampla rampa coberta de pedras repintadas, que foram um calçamento rustico porém realmente útil.

toda uma vida nova transformou o povoado numa inexpugnável e movimentada cidadela militar.

De dia, o trabalho insano! De noite, a velha alma sensível do soldado brasileiro, nos bivaques, nas serenatas dos "ranchos", canta as canções

pitorescas do folk-lore nacional, ao som das violas nortistas, dos realejos gauchos, das guitarras nostálgicas, das serras da Mantiqueira.

Brasileiros vindos de todos os quadrantes, para a defesa da Pátria, àquela cidadela perdida no Atlan-



O SUL ESTÁ PRESENTE. — São de todos os recantos da Pátria os ocupantes de Fernando de Noronha. Aí vemos um gaúcho churrasqueando para os companheiros. Outros hão de preferir carne de sol assada, outros tutu de feijão, outros peixe cozido com pirão d'água. E a alimentação se confunde. O Brasil é mesmo uno e indivisível.



OS TIMES DOS OFICIAIS. — E o esporte bretão penetra no arquipélago lendário porque a própria oficialidade organizou dois times que se batem bravamente em campo gramado.



O DESEMBARQUE. — Eis o momento exato de uma operação de desembarque: é algo semelhante às façanhas dos "comandos". Dir-se-ia um treinamento, imposto pela ausência de cais, nas encostas do novo território federal.

tico, misturam as suas vozes alegres, na toada das canções que lembram, distantes, no perfume da saudade, as lendas românticas dos seus rincões nativos.

Os sapos e caranguejos que são de três espécies — os do mar, da praia e os dos morros — superlotam a ilha e têm causado aos soldados constantes motivos de brincadeiras.

A' noite, no black'out, à luz baça dos lampeões, no interior das casas e acantonamentos, os sapos enormes costumam "sapear", o POKER e o "SETE E MEIO" dos oficiais ou puxar as fraldas dos seus mosquiteiros de campanha!

Ha lutas tremendas entre sapos e caranguejos, testemunhadas pela soldadesca, em apostas e "torcidas" folgasãs. Vencem sempre os caranguejos cozidos enormes, de patas afiadas e agressivas, mas saborosíssimos quando feitos com pirão, à hora do jantar.

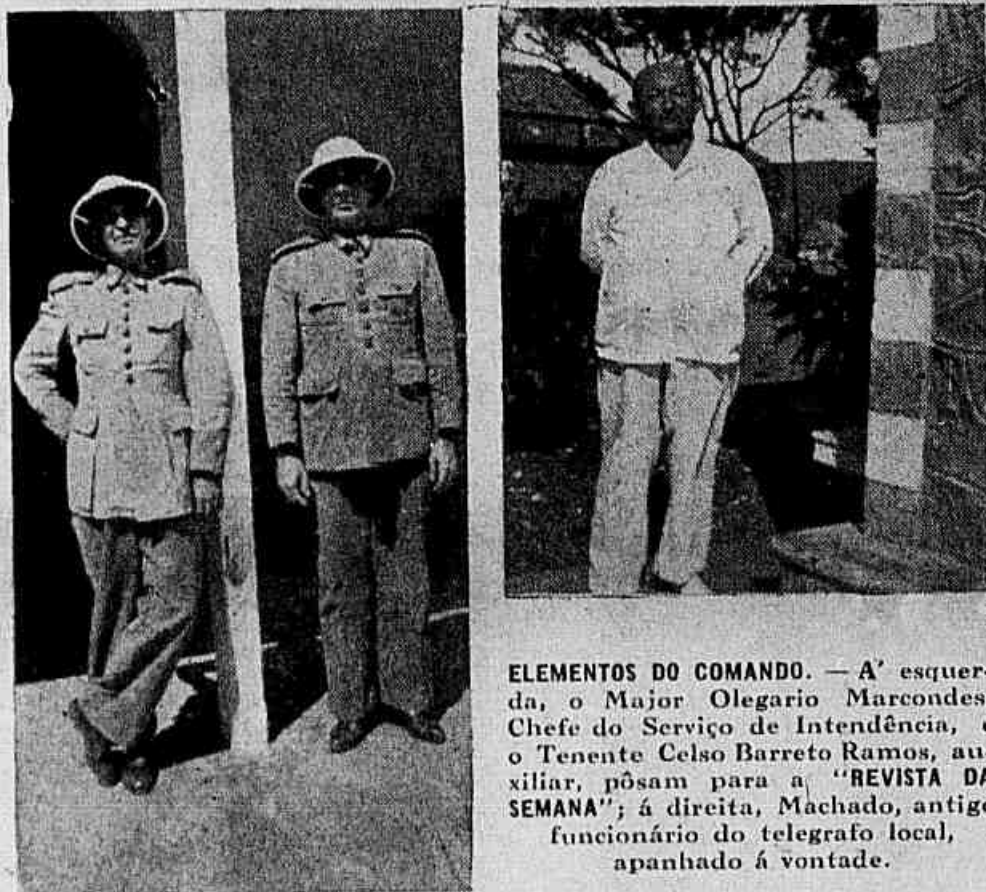
Ha na ilha uma árvore original, chamada Burra-Leite, que é um arbusto de dois metros de topo, mais ou menos, dando agasalhadora sombra, na canícula.

Desgraçada da pessoa que a procura, pois das suas folhas se desprende uma espécie de pó que é tão corrosivo e tóxico como o pó da Persia. Cortado o caule, dele escorre um leite altamente corrosivo que queima como fogo. Os presidiários antigos afirmam que só existe um antídoto para essa queimadura: é o suco de certa erva, a "azedinha", também muito comum naquelas paragens.

Os melões saborosíssimos, as melancias, os cocos da Baía, as atas em abundância (aquí no Sul "fruta do conde") são frutas ali produzidas e largamente saboreadas por todos. Os três únicos pés de limoeiro de



UMA INTERROGAÇÃO. — Muitas ilhotas e rochedos como este circundam a ilha principal. Que utilidade terão eles? Que fará deles a técnica de hoje e de amanhã?



ELEMENTOS DO COMANDO. — A' esquerda, o Major Olegario Marcondes, Chefe do Serviço de Intendência, e o Tenente Celso Barreto Ramos, auxiliar, põem para a "REVISTA DA SEMANA"; à direita, Machado, antigo funcionário do telegrafo local, apanhado á vontade.

toda a ilha estão cercados de arame farpado e de sentinela à vista, tal como a mulher do padeiro cuja história é interessante.

Das 14 mulheres existentes atualmente em todo o arquipélago, ela é a única bonita e ainda moça, casada com um presidiário que era o padeiro oficial de FERNANDO DE NORONHA; Foi preciso ao Comando colocar uma sentinela embalada à porta da choupana dessa beldade para que vivessem scocegados o ciumento padeiro e a sua cara metade!

Um passáro esquisito, a Viuva, é a única ave da região. Assim se chama pelo fato de ser preta a sua linda plumagem quando atinge a idade adulta, pois é ela mais branca que o arminho ao nascer. Tem um piá melancólico, comprido como o choro sentido de uma viuva recente e chorosa. Contam os presidiários, e os ha de longos anos, que, na calada da noite, na encruzilhada das estradas de Boldró e da Vila dos Remédios, costuma aparecer, amortalhada de branco e com lindos cabelos loiros, que lhe batem pelos pés, uma visão de mulher, formosa como Nossa Senhora, perseguida por um frade sem cabeça...

Trata-se da mais antiga lenda de FERNANDO DE NORONHA e que tem o poder de afastar daquele lugar o mais ousado daqueles homens rudes que o crime condenou á solidão da ilha-presídio.

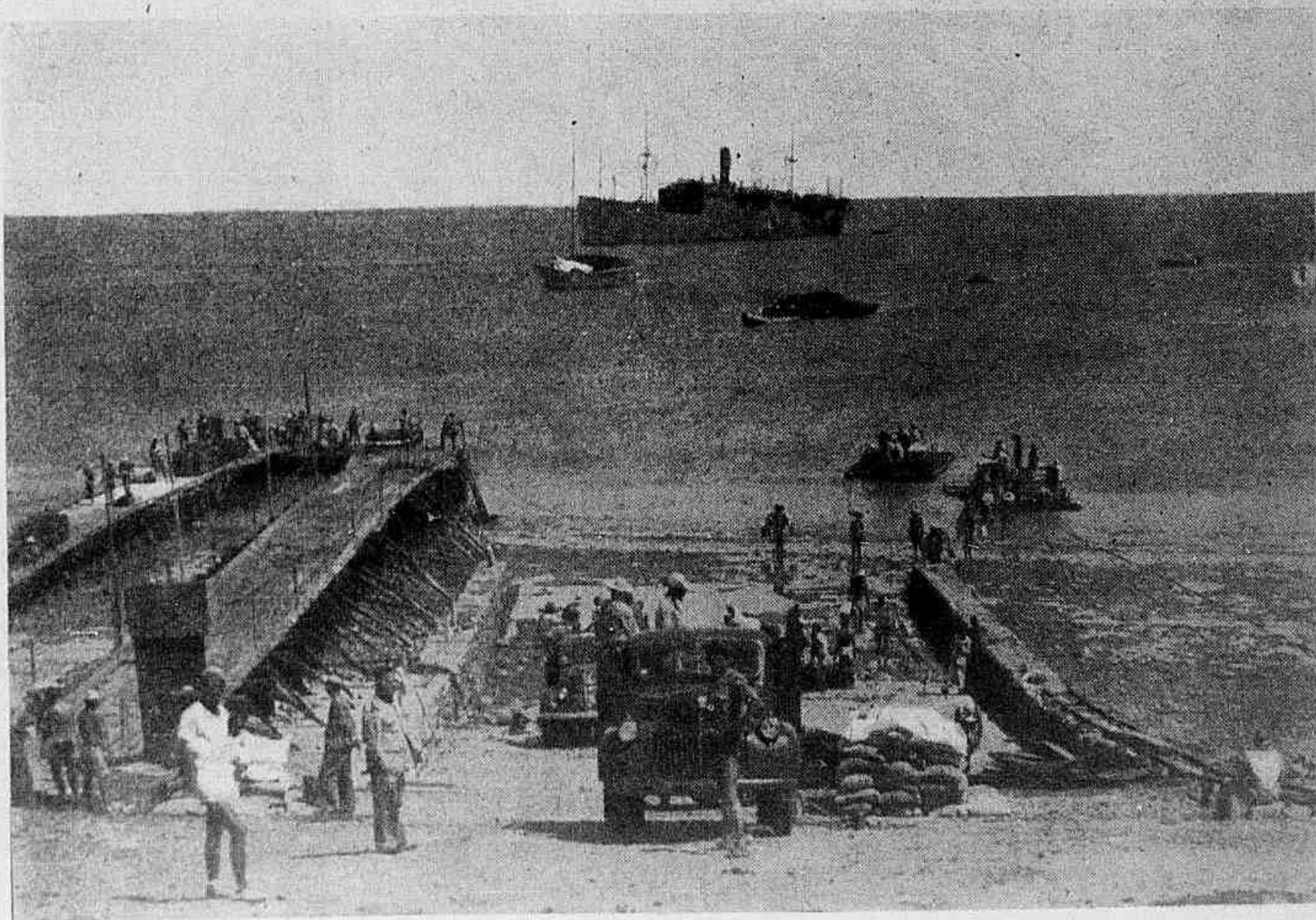
Pedro-Velho, um preto, ha quarenta anos presidiário, foi o unico, dentre eles, que teve o privilégio ou o susto de "ver" a linda "aparição".

A lenda da "alemôa", assim chamada a história desse fantasma, se remonta ao tempo dos holandeses, com os quais chegou á ilha a esposa de um certo fidalgo e aventureiro. O capelão das tropas apaixonou-se loucamente por ela. E por isso teve a cabeça cortada, pelo cume feroz do oficial flamengo. Até hoje, o burel do frade sem-cabeça persegue, pelas estradas solitárias, a loira beldade recalcitrante!

A lenda da "alemôa" excita a curiosidade galhofeira dos soldados que, digamos de passagem, jamais a viram nas estradas, apenas iluminadas pelos pirilampus.

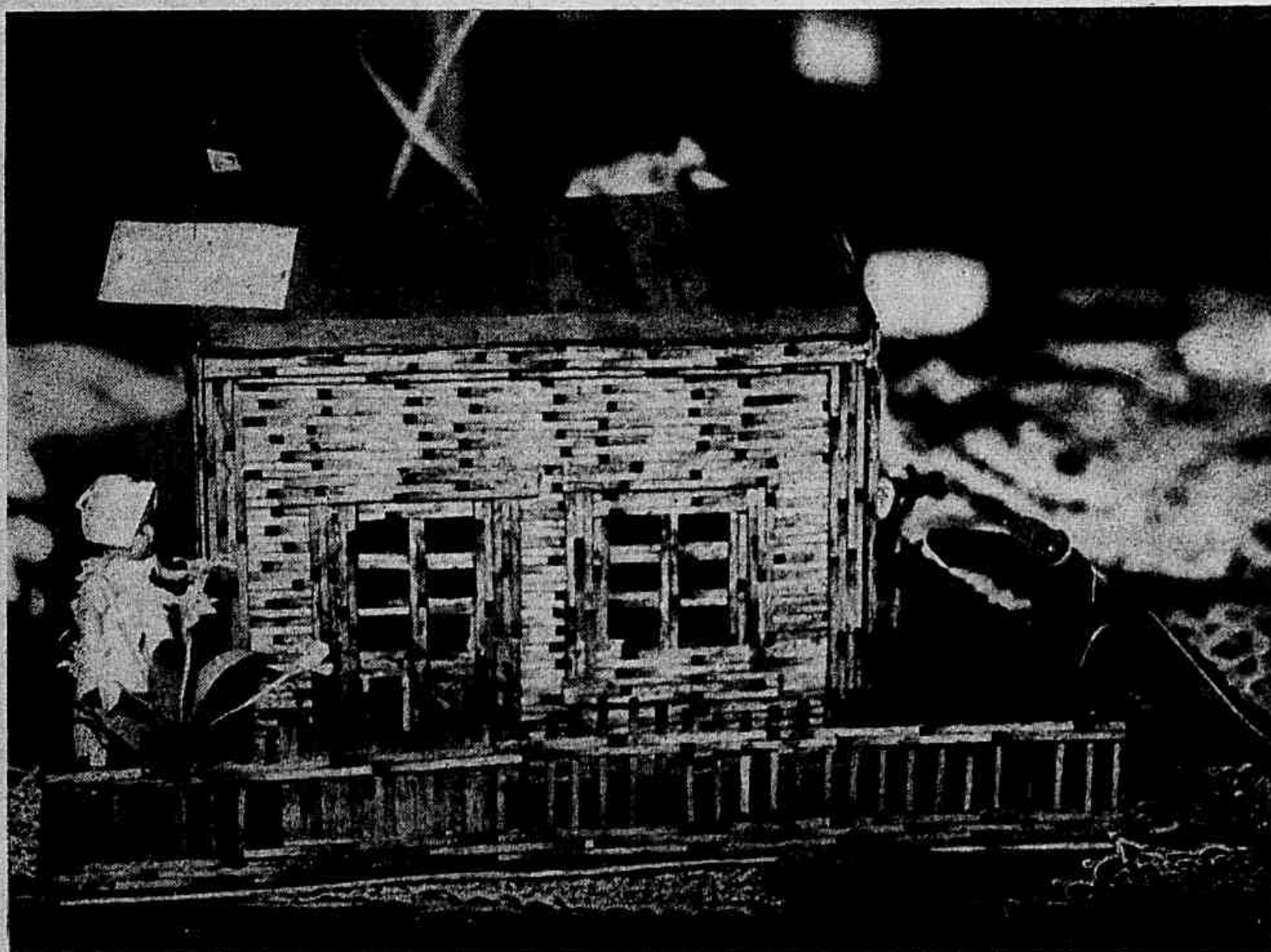
Lenda, romântico fiapo de ilusão, tranzindo de medo aquelas almas simples que olham, de olhar comprido, os que deixam a terra solitária, dizendo-lhes com a voz trémula de emoção.

— "Adeus, meu senhô, vosmicê vae p'ro mundo?! Dê lembrança a ele!...



O PORTO DE S. ANTONIO. — E' o "ancoradouro" que servirá á Capital do território. Os navios ficam ao largo e a mercadoria vem para terra em balsas, rebocadores, lanchas, etc. Vê-se, na foto, que o exército está levando vida ao arquipélago.

VITÓRIAS REGIAS NO ESFORÇO



CASINHA PEQUENINA — Mas sem colina e sem coqueiro. Confeccionou-a, com fósforos queimados, Mlle. Genira Horta de Araujo.

Mãos creadoras da Mulher Brasileira -- Sentido de uma exposição - Também a humilde artista das fábricas

Os gestos de cooperação patriótica são cada vez mais numerosos e edificantes. Classes, associações, todos os brasileiros enfim, espontaneamente, procuram oferecer à Causa do País, aquilo que o seu tempo e capacidade lhes permitem. A palavra de ordem é *mobilização*. Mobilização total das energias disponíveis. Hoje as guerras não são vencidas, apenas, pelos soldados e, sim, pelo esforço conjunto de todos os cidadãos. Pela atitude de todo um povo.

Isto vem a propósito da Exposição de Artes Femininas inaugurada a 20 p. p., nos salões do Club de Engenharia — mais uma vitoriosa iniciativa do *Club das Vitórias Regias*.

Falando à REVISTA DA SEMANA declarou a sra. Iveta Ribeiro que semelhante empreendimento signi-

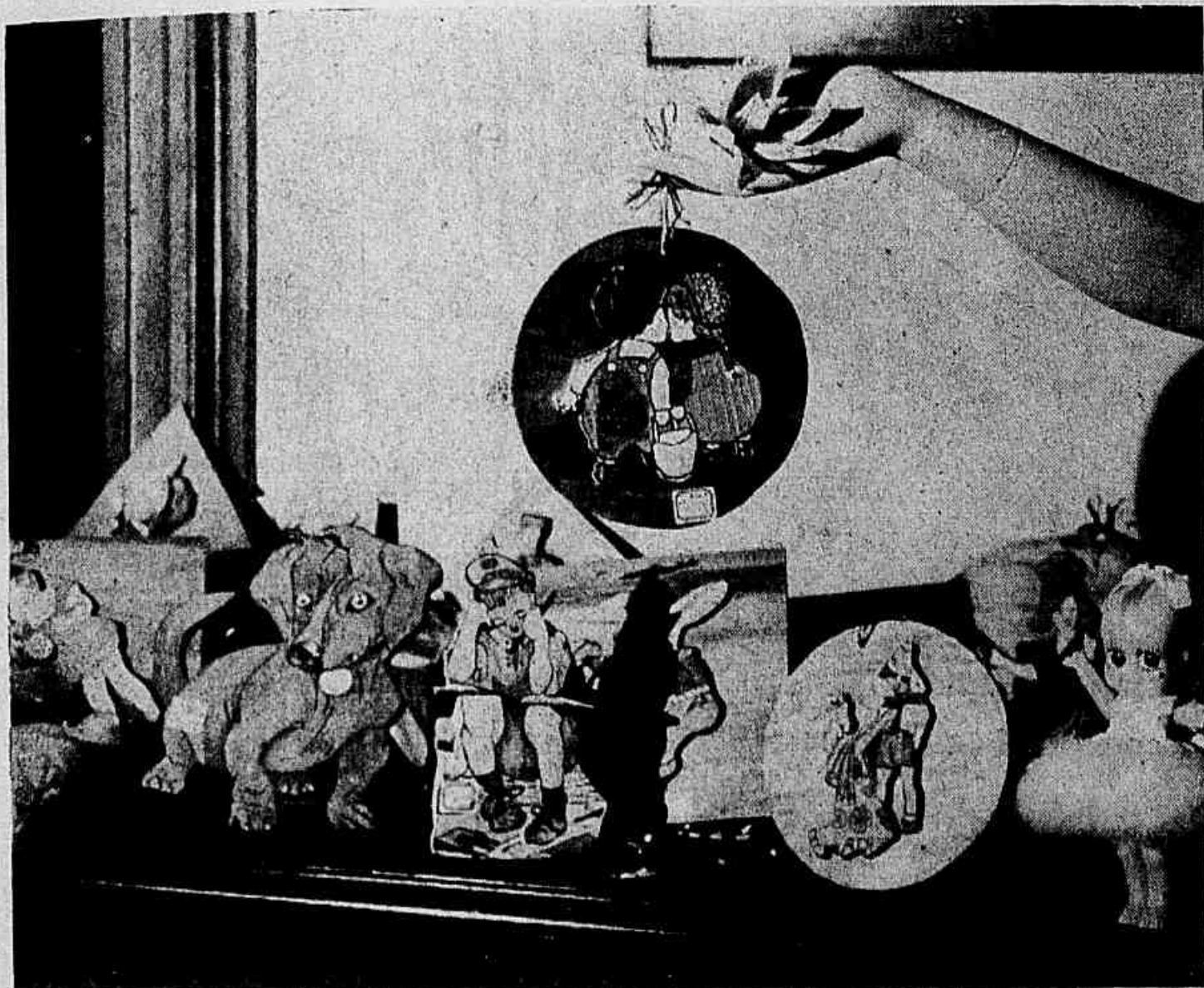


BAIANA — Ela era uma das bonecas mais bonitas da sala. Chamava a atenção de todos os olhares. Ofereceu-a Mlle. Gilda Maria Morais e Silva.

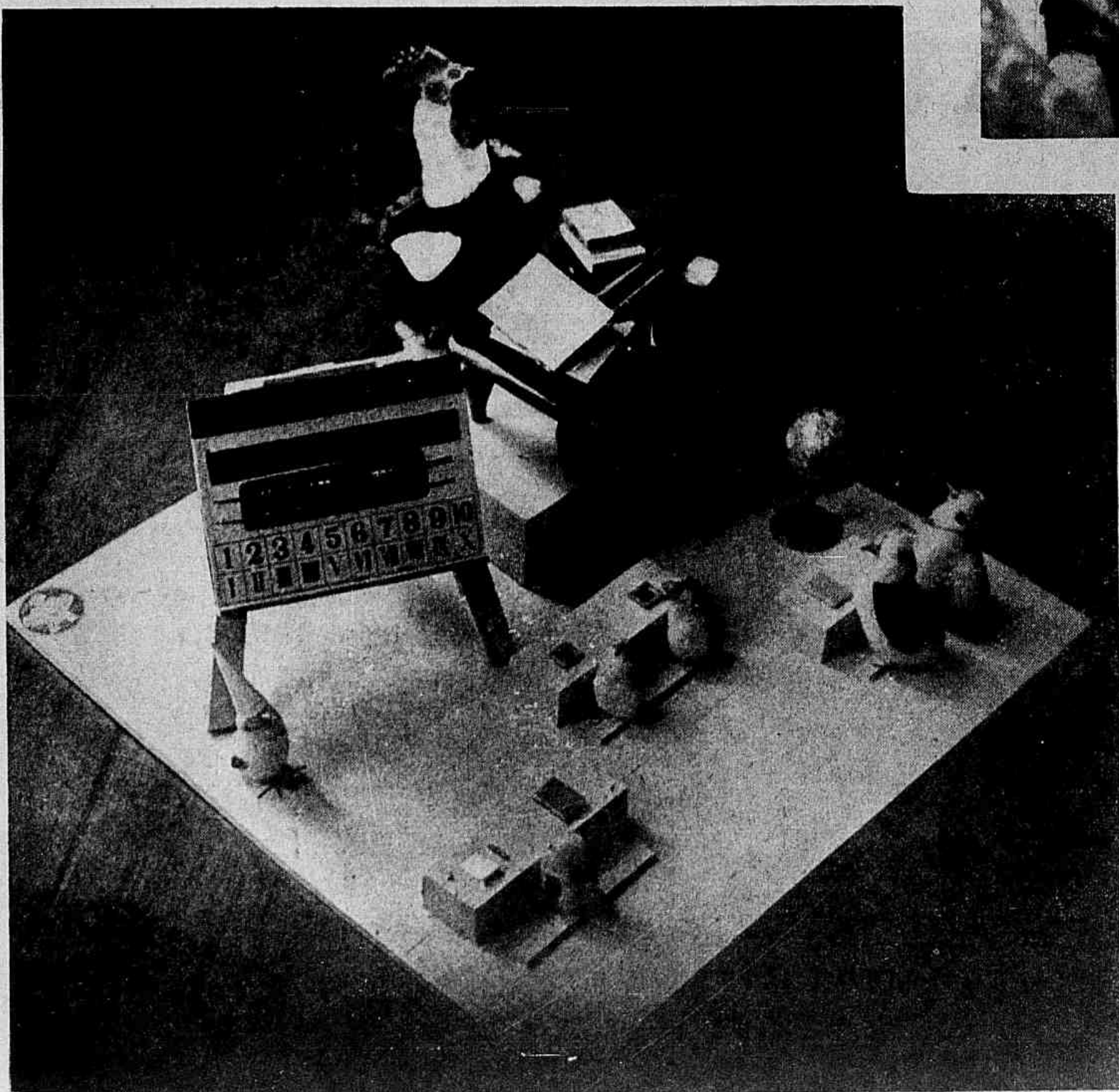


OBRA PRIMA — Sem dúvida, o trabalho de maior valor exposto no Club de Engenharia é a estatueta de Oswaldo Cruz, de autoria do escultor Ugo Bertazzon.

DE GUERRA



CONTRIBUIÇÃO DO S. O. S. — Estes recortes de madeira, feitos pelas crianças pobres da Escola S. O. S., da rua do Bispo, valem um tesouro. Formam um dos conjuntos mais lindos da Exposição.



ESCOLA DE PINTOS — Aí estão eles, mui quietinhos, escutando o sábio cacarejar do mestre. Nos livros depositados sobre a mesa, encontra-se uma ciência que só a eles interessa. Um trabalho que demonstra paciência e delicadeza, assinado pelo pseudônimo de Zuimã.



PRESTANDO SERVIÇOS — Uma legionária da Cruz Vermelha, destacada no local, examina um rico trabalho. Sua imaginação, no entanto, parece distante. Em que pensará?



ficava a mobilização da mulher artista. Não somente o grande nome dos salões da Cidade, mas também a artista humilde, operária, aquela cujo trabalho vale mais porque deriva de um sacrifício maior. E até a artista anônima.

Conseguimos ver, entre outros, quadros das pintoras Sara Vilela Figueiredo, Malisa, Regina Siberalli, Maria Dulce, Odete Barcelos, Iveta Ribeiro.

Deliciosas reuniões de arte e elegância animam o velho casarão da Avenida, durante as tardes. As festas são dedicadas a países amigos. Portugal, Estados Unidos, França, Inglaterra e muitos outros foram lembrados. Comparecem àquele local os elementos mais representativos das colônias estrangeiras desta Capital e muitas personalidades brasileiras.

Colaboraram nesta realização, além do Club que cedeu a sede, o Departamento do Café e o Instituto do Mate. A Exposição está sob imediata fiscalização da Cruz Vermelha, cuja representante ali é a sra. Antonieta Faustino Cardoso Martins, uma de suas diretoras.



EM MEMORIA DOS MORTOS DA AVIAÇÃO — Antes da inauguração do monumento a Santos Dumont, foi celebrado, no aeroporto que tem o nome desse grande inventor brasileiro, missa solene em memória dos mortos da Aviação. Dessa solenidade, á qual compareceram, entre outras pessoas ilustres, o cel. Dias da Costa, presidente do Aeroclube do Brasil, foram apanhados os dois aspectos acima e á esquerda.

O DIA DO AVIADOR

O "Dia do Aviator", transcorrido a 23 do corrente, foi brilhantemente comemorado nesta Capital, sendo de destacar a expressiva festa cívica realizada no aeroporto Santos Dumont, com a presença do Presidente da Republica, durante a qual foi inaugurado o monumento erguido ao "Pai da Aviação". Há cerca de vinte anos que um monumento ao grande Santos Dumont era objeto de cogitações entre nós. Este ano tivemos o prazer de vê-lo erguido.

As cerimônias tiveram início com uma missa campal, celebrada junto ao "hangar" da Aeronautica Civil. Entre numerosa assistência, viam-se o ministro da Aeronautica, o prefeito do Distrito Federal, autoridades da FAB, etc. Celebrou o ato religioso D. Benedito de Sousa, bispo de Oriza, tendo, ao seu termino, falado o conego Benedito Marinho. Em seguida todos se encaminharam para o local em que se encontrava, em parte coberto pela bandeira brasileira, o monumento. Pouco depois chegava o Chefe do Governo, em companhia do chefe da Casa Militar, general Firmo Freire, e do capitão aviador Oswaldo Pamplona, seu ajudante de ordens. O sr. Getúlio Vargas descerrou então, em meio de uma salva de palmas, a bandeira, inaugurando o monumento.



ROMARIA AO TUMULO DE SANTOS DUMONT — Na manhã do dia 20 ultimo, realizou-se uma romaria cívica ao túmulo de Santos Dumont, na necrópole de São João Batista. A cerimonia iniciou-se com uma breve oração do brigadeiro Heitor Varadi, que salientou as glorias do "Pai da Aviação". Em seguida teve a palavra o brigadeiro Newton Braga. Durante essa solenidade foi apanhada a foto que se vê acima.



A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO — Ao som do Hino Nacional, o presidente Getúlio Vargas descerrou a bandeira que cobria o monumento, sendo saudado por uma salva de palmas.



Logo após a inauguração do monumento, o brigadeiro Virgínius De Lamare pronunciou um vibrante discurso de exaltação a Santos Dumont.

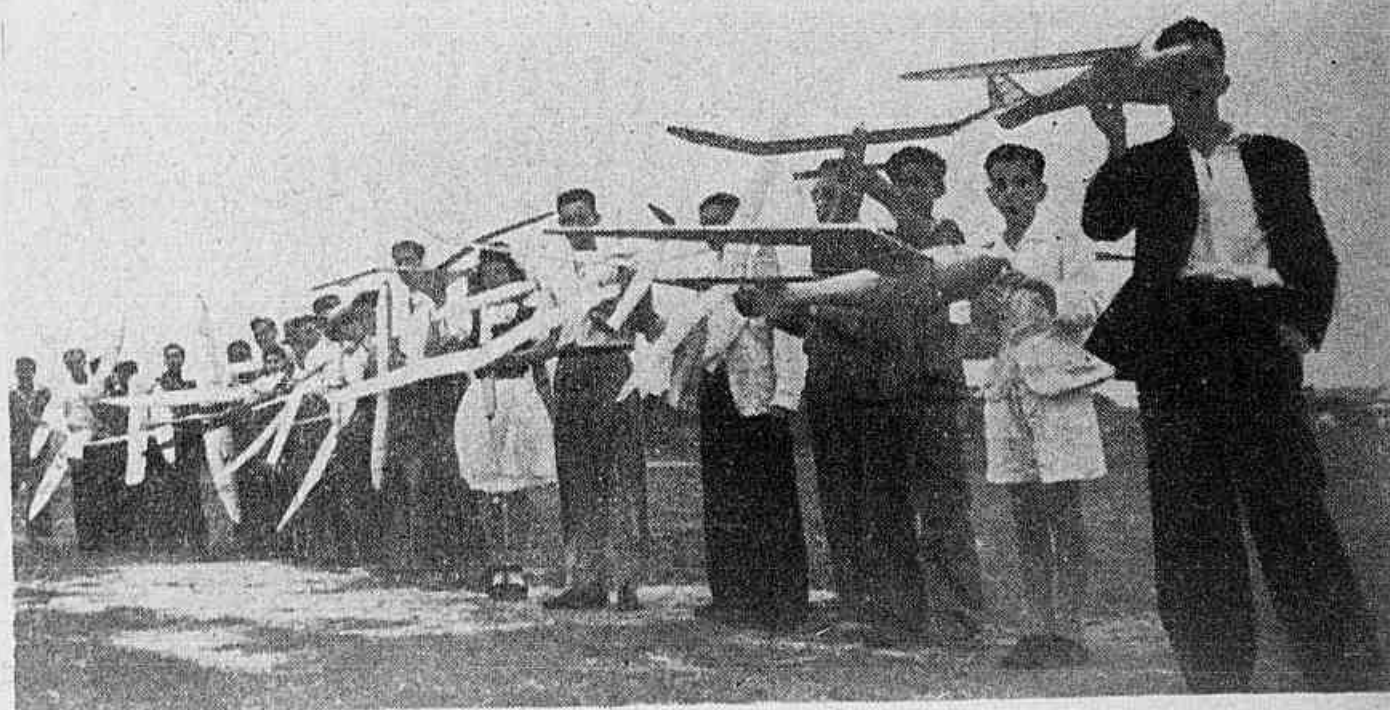
Em nome do Presidente da República e por sua delegação, o prefeito Henrique Dods-worth recebeu o monumento incorporando-o ao patrimônio da cidade.



O MONUMENTO — De autoria do escultor Amadeu Zani, a execução desse grandioso monumento foi iniciada ainda em vida de Santos Dumont, que pousou para o escultor dando a este inúmeros e úteis esclarecimentos. Ao crédito de 250 contos votado pela Câmara dos Deputados para realização do monumento, a Prefeitura do Distrito Federal acrescentou 200 contos para a base e sua colocação no local onde hoje se encontra.



Detalhe do monumento a Santos Dumont, e em baixo a placa em que estão registrados os nomes do presidente da República, do ministro da Aeronáutica e do prefeito do Distrito Federal.



AEROMODELISMO — Patrocinado pelo Aero-clube, e integrando as comemorações da "Semana da Asa" realizou-se em Manguinhos, a exemplo do ano anterior, um interessante concurso de aero-modelismo. Numerosos jovens de ambos os sexos tomaram parte nas provas, como se pode ver na foto acima.

Vida e Morte do



D. Sebastião Leme em trajes cardinalícios.



Como coadjutor do cardeal Arcoverde, D. Leme aparece nesta foto histórica em que se vêem o Dr. Artur Bernardes, o almirante Alexandrino Alencar, Dr. Estácio Coimbra, Dr. Miguel Calmon, Dr. Félix Pacheco, D. Mamede, D. Helvécio e o general Santa Cruz.



Quando da trasladação da imagem de N. S. Aparecida, D. Sebastião Leme dirige a palavra aos fiéis.

O cardeal D. Sebastião Leme nasceu em Espírito Santo do Pinhal, S. Paulo, a 20 de Janeiro de 1882. Era filho do professor Francisco Furquim Leme e de sua esposa, d. Ana Pio da Silveira. Aos doze anos de idade, seguindo os impulsos de sua vocação, matricula-se no Seminário Provincial de S. Paulo, tendo, dois anos depois, recebido a primeira tonsura das mãos de d. Joaquim Arcoverde. O seu valor indicou-o para fazer os cursos de filosofia e teologia no Collegio Pio Latino-Americano, em Roma, no qual conquistou o doutorado. Na capital italiana recebeu as ordens sacras até o presbiterato e lá foi ordenado sacerdote a 24 de Outubro de 1904. De regresso ao Brasil, rezou a sua



Poucos meses depois de ser elevado ao cardinalato, D. Sebastião Leme recebia a séria incumbência de acompanhar o presidente deposto, dr. Washington Luís, em sua descida de Palácio.

O eminente príncipe da Igreja por ocasião de uma das cerimônias civico-religiosas realizadas na praia do Russell.

Cardenal Leme



Como Cardeal, d. Sebastião Leme oficiou a sagração do bispo de Valença, d. Renato Pontes.

primeira missa em sua cidade natal de Pinhal. Em 1905 foi nomeado vigário-coadjutor da Igreja Santa Cecília. Três anos depois era chamado para o Cabido Metropolitano de São Paulo, com as honras de conego capitular catedrático. Pouco depois era nomeado vigário geral da arquidiocese paulista. Em 24 de Maio de 1911, recebia de d. Joaquim Arcoverde a sagração episcopal, na qualidade de bispo titular de Orthosia. Em 1914 vamos encontrar d. Leme como arcebispo de Olinda e Recife, e em 1921 na Capital da Republica como arcebispo-auxiliar da arquidiocese, cargo que ocupou até o falecimento do cardeal d. Joaquim Arcoverde, em 1930. Três meses depois do desaparecimento desse eminente prelado, D. Leme é elevado ao cardinalato, tendo recebido as insignias cardinalicias na cidade do Vaticano. Nessa ocasião, foi indicado para agradecer ao Santo Padre em nome dos cardeais sagrados juntamente com ele. Nas funções de arcebispo do Rio de Janeiro e cardeal, D. Leme prestou relevantes serviços, por doze anos, ao Brasil e à Igreja. Entre as suas principais iniciativas vitoriosas, cumpre destacar a promoção dos Congressos Eucarísticos Nacionais e paroquiais, a construção do Cristo Redentor, o desenvolvimento da Ação Católica e do ensino religioso.

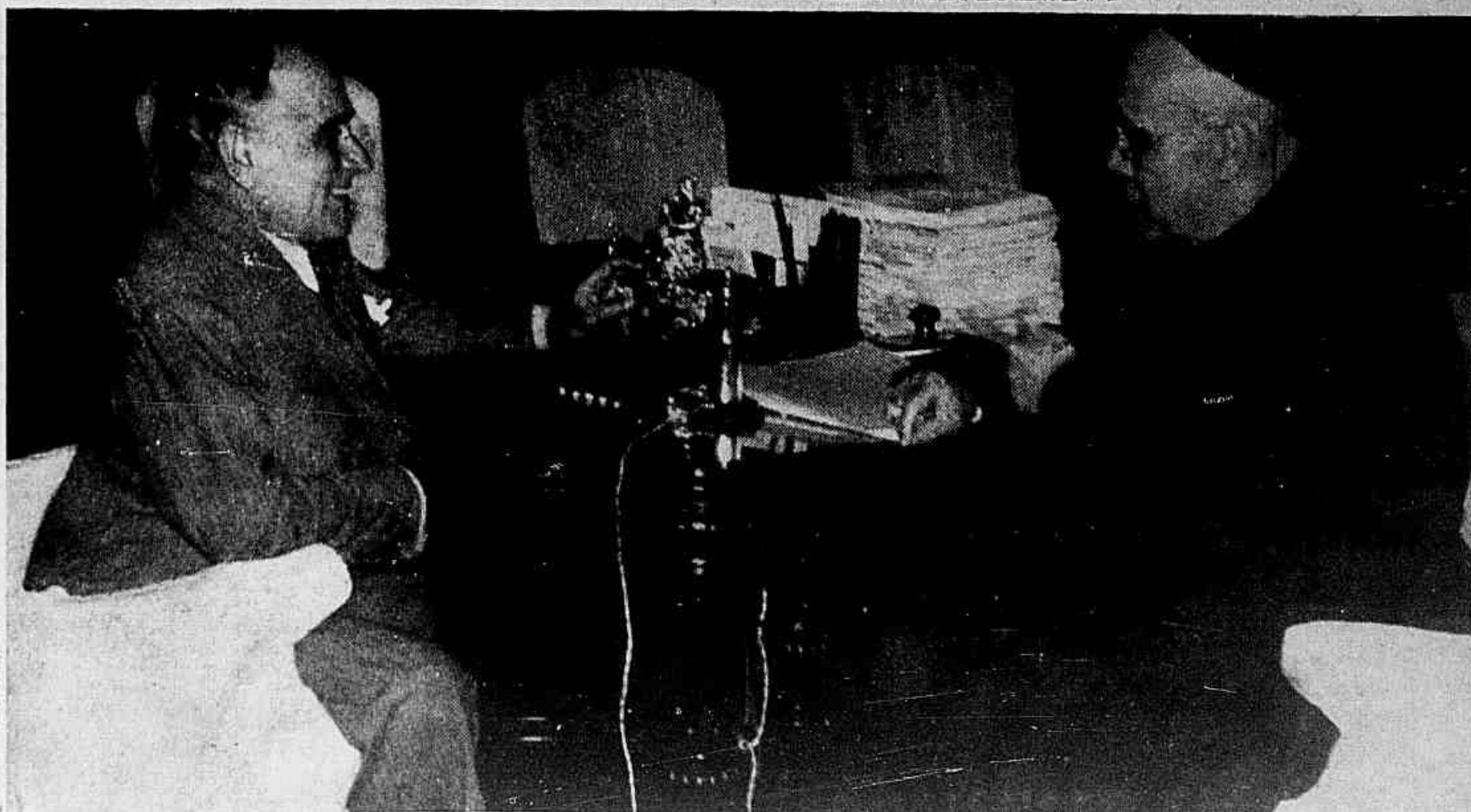
A morte dessa figura eminente de sacerdote e de brasileiro, não podia deixar de ecoar em todo o país, causando por toda parte funda e sincera magua. D. Leme por sua vontade e intelligencia empreendedora, entrara em contacto com todos os brasileiros direta ou indirectamente, em todos despertando simpatia e admiração. O seu nome está ligado de diversas maneiras á grande obra de reconstrução moral e material que se realizou em nossa Patria nesta ultima década. As homenagens que lhe foram prestadas após a sua morte, são o tributo de uma gratidão imorredoura.



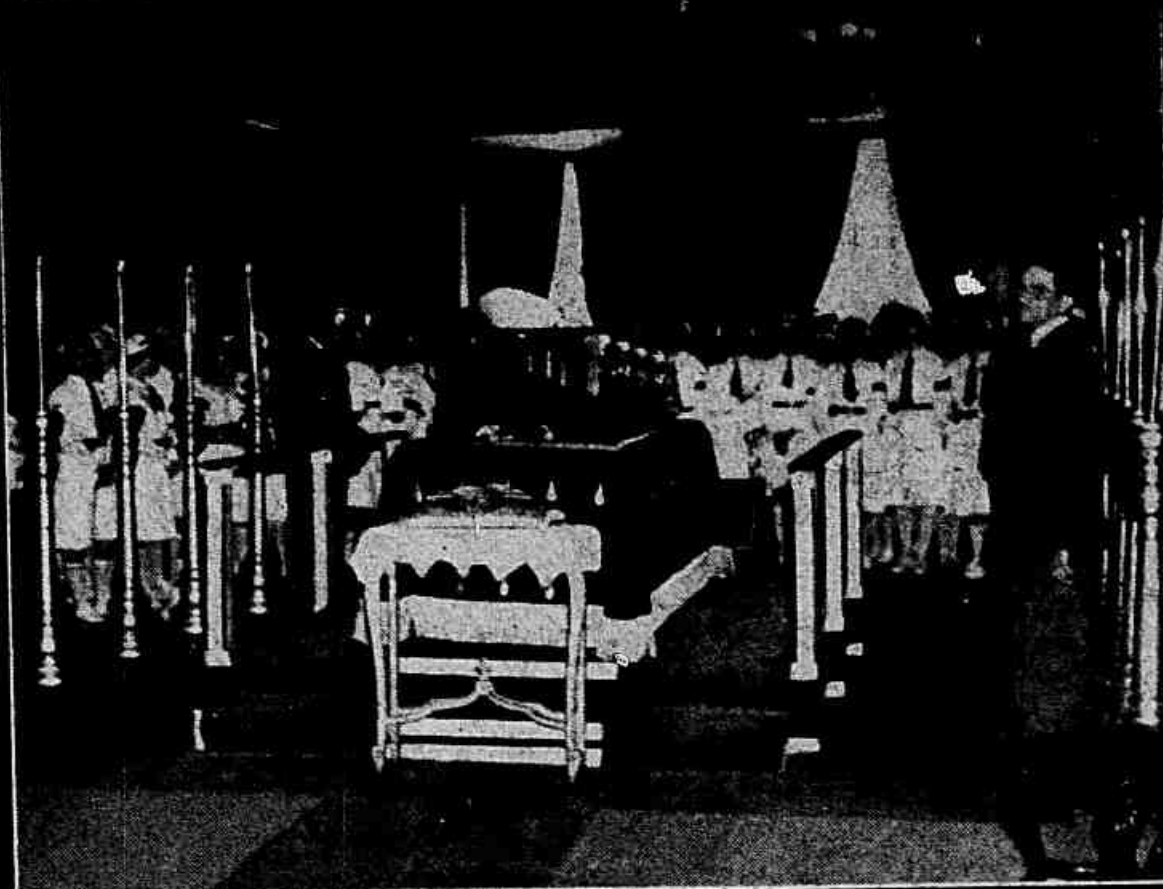
D. Sebastião Leme no seu trono cardinalicio.



D. Sebastião Leme na Pontifical do 1.º Congresso Eucarístico Nacional, na Candelária.



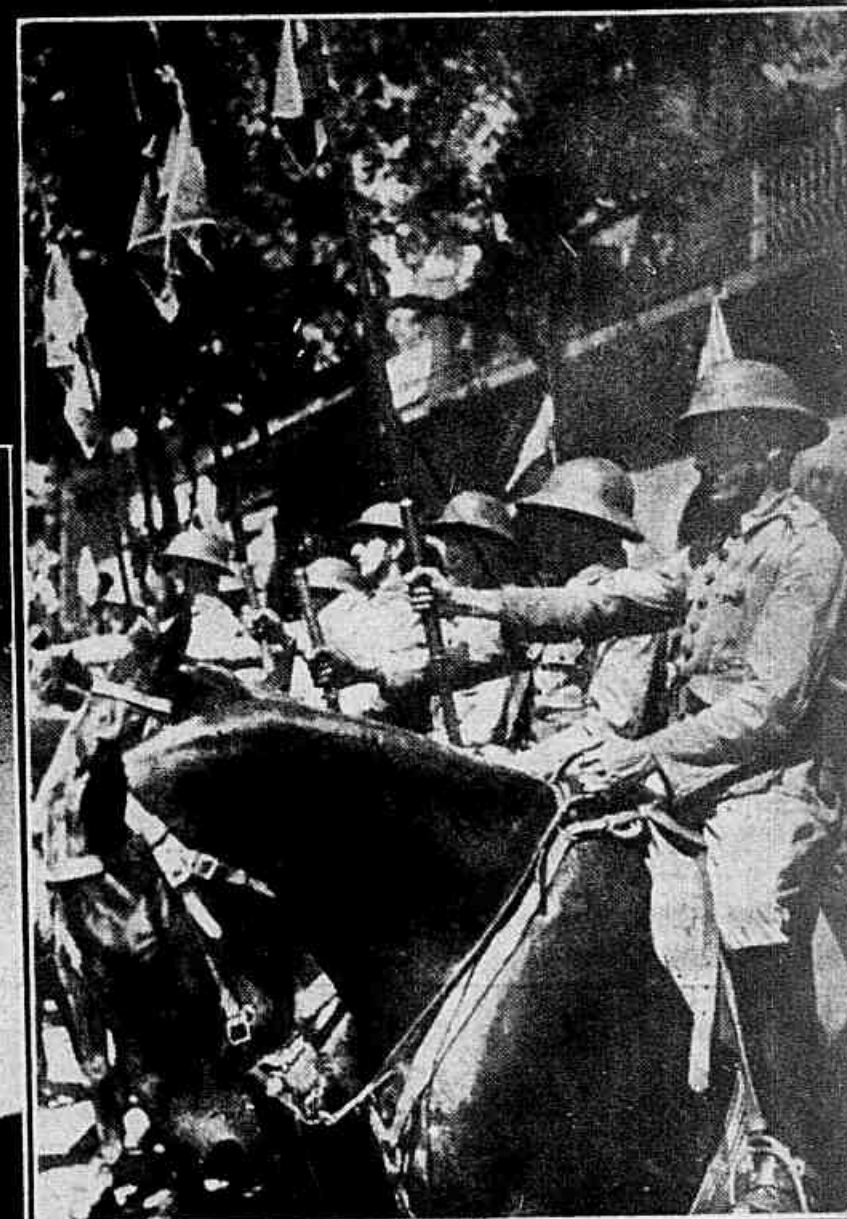
Ao regressar do Vaticano, onde fôra em 1939 para tomar parte no Conclave em que foi eleito papa Pio XII, o cardeal Leme visita o presidente Getúlio Vargas.



AS CERIMÔNIAS FÚNEBRES



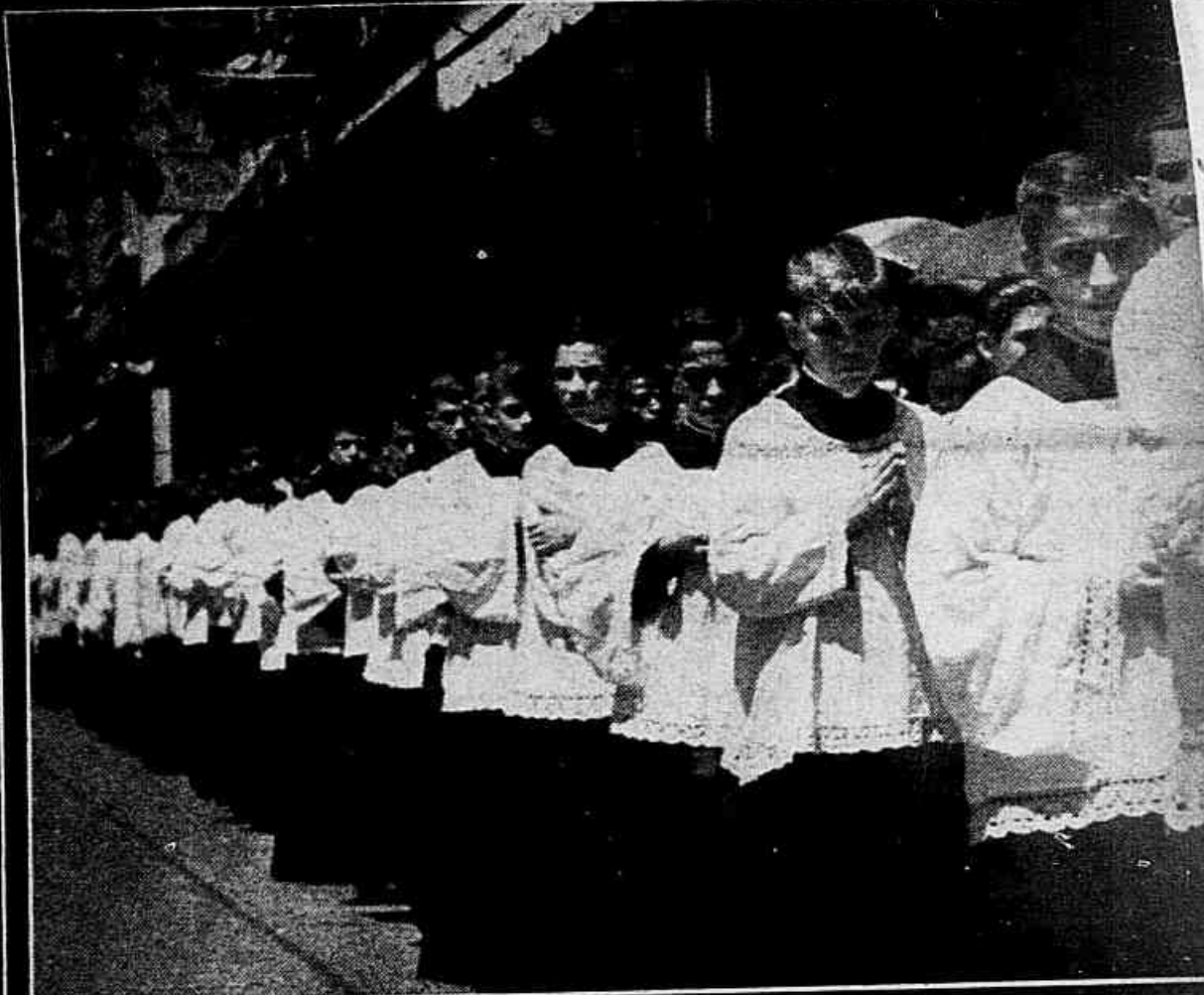
As solenes exéquias do corpo presente, com assistência do mundo oficial, diplomático e eclesiástico, tiveram início às 10 horas, oficiando s. ex. o Núcleo Episcopal, acolhido pelos cônegos da Catedral Metropolitana e com o comparecimento de todos os arcebispos e bispos presentes no Rio, especialmente para essas exéquias, o arcebispo de São Paulo, o arcebispo de Jaboatão, o bispo de Olinda e o bispo de Recife.



reira de Albuquerque, arcebispo de Campos; d. José Pereira Alves, bispo de Niterói; monsenhor Rosalvo Costa Braga, presidente do Cabido metropolitano. A seguir, teve início a direção do salmoneamento funebre, em direção ao Templo Votivo da Adoração Perpétua (Igreja de Santana), onde, em cumprimento à vontade expressa do falecido, foi seu corpo sepultado. Tomaram parte no funeral o governador do Estado, o senador e o deputado federal, além de autoridades locais e militares. O cabido metropolitano realizou o serviço fúnebre.

tolico, acolitado pelos con-
Metropolitano e com o comparecimento
de todos os arcebispos e bispos presentes
no Rio, especialmente para essas ex-
pressões. Tomaram parte no desfile o Semi-
tado, o clero secular e regular, cabido.
Na foto acima vêem-se elementos da Ordem Franciscana.

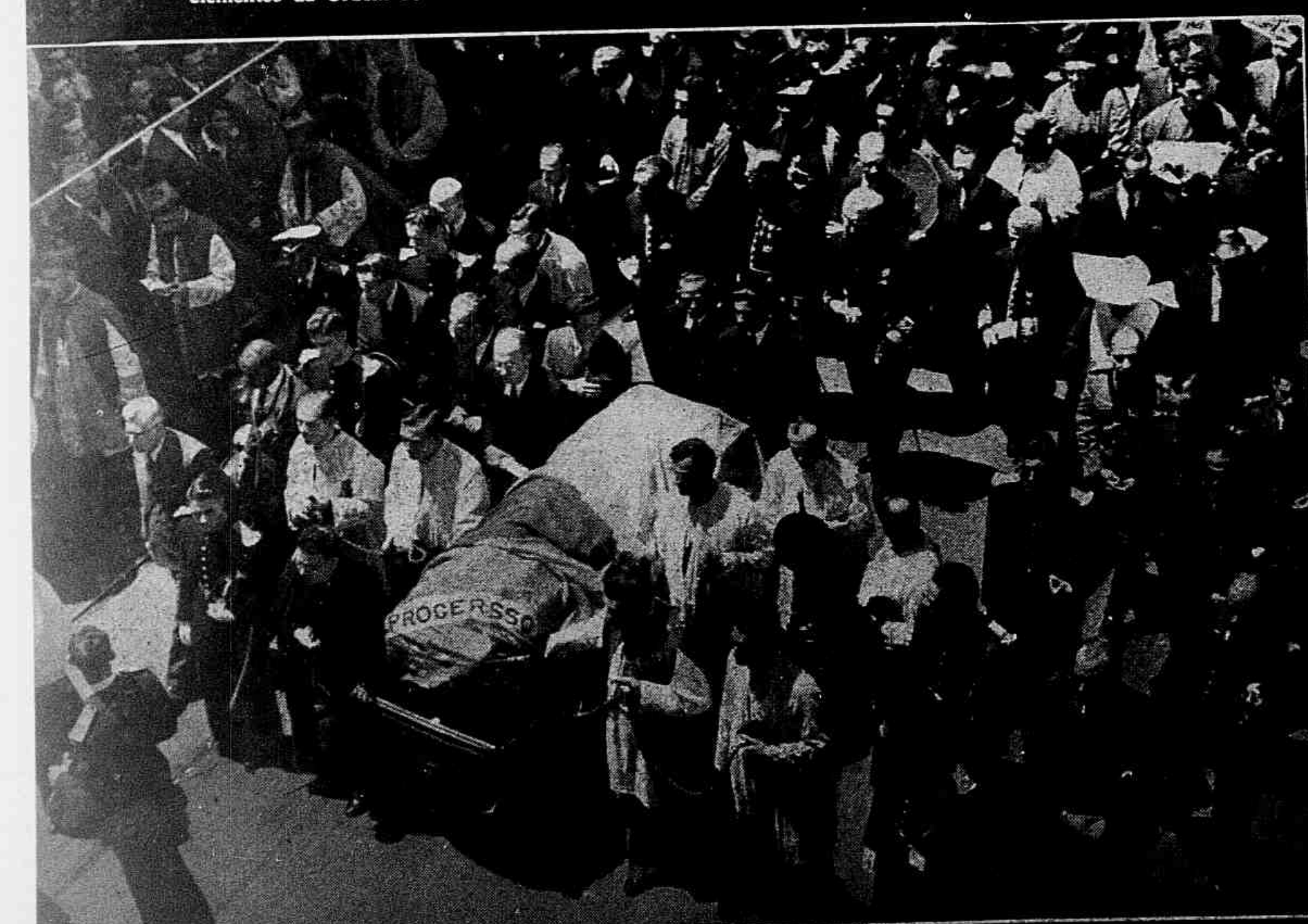
expressa do falecido, foi seu corpo sepul-
tado. Tomaram parte no desfile o Semi-
tado, o clero secular e regular, cabido.
Na foto acima vêem-se elementos da Ordem Franciscana.



Sociedades religiosas de todas as paróquias da cidade, colégios, congregações, clero regular e secular tomaram parte no desfile, acompanhando o corpo do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro à sua última morada. Na foto acima vêem-se elementos da Ordem Franciscana.

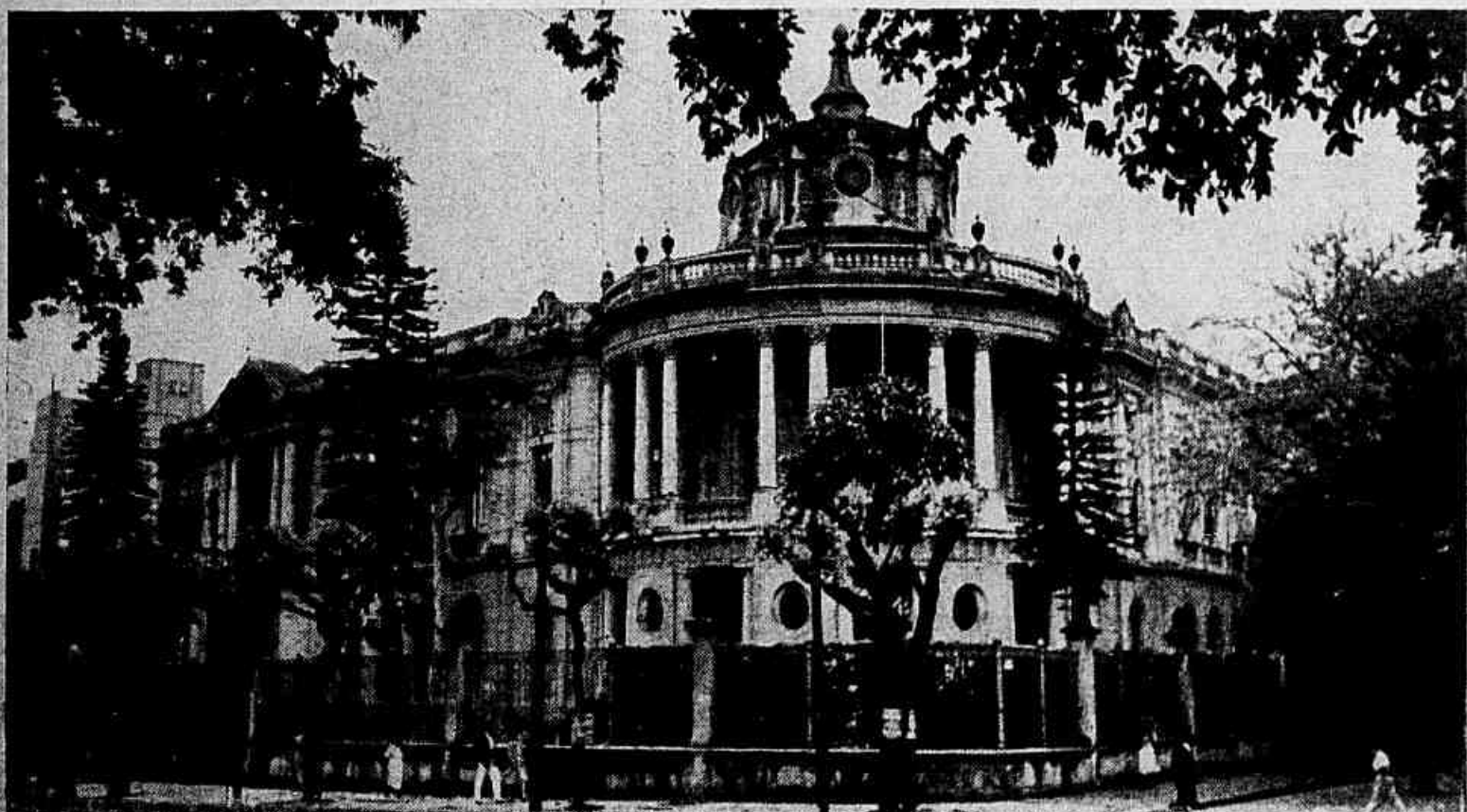
Somente às 14 horas chegou o cortejo à igreja de Santana. Nesse momento a tropa aí postada para as honras devidas ao cardeal deu as salvas de estilo. Na praça 11 de Junho, onde estava postada uma bateria de artilharia, suas peças deram uma salva de quinze tiros.

Por motivo especial de ter sido o cardeal Leme comissário da Ordem Terceira dos Meninos de S. Francisco de Paula, o respectivo Corretor, comendador Oscar da Costa, solicitou permissão para que a mesma acompanhasse os restos mortais do Cardeal até à igreja de Santana.



NAS RUAS — Incalculável multidão desde as dez horas aguardava em todo o percurso que val da praça 11 de Junho à rua Frei Caneca a passagem do cortejo. Cordões de isolamento estendidos pela Guarda Civil deixavam livre toda a extensão da rua de Santana por onde passou o cortejo.

A INHUMAÇÃO — O corpo do falecido foi sepultado no interior do templo e externamente, com grandes honras, uma vez que o templo é o local onde se encontra o túmulo do cardeal. A sepultura foi feita no interior do templo.



O Palácio São Joaquim, sede do episcopado brasileiro, onde morreu o cardeal-arcebispo D. Sebastião Leme.



As comendas do Cardeal D. Sebastião Leme foram conduzidas pelo padre Alberto Castro.



D. Aloisio Masela, Nuncio Apostólico, acompanhando o corpo do Cardeal-arcebispo quando da sua trasladação para a Catedral Metropolitana.

Tendo-se verificado o obito ás 17 horas e 15 minutos do dia 17, o corpo do arcebispo-cardeal permaneceu no palácio São Joaquim até a manhã da segunda-feira, 19. Nesse lapso de tempo, inumeras pessoas visitaram o corpo de S. Eminencia, inclusive o presidente Getulio Vargas. No dia dezanove ás dez horas, foi feita, com o devido cerimonial, a trasladação do corpo para a Catedral Metropolitana, onde esteve exposto



O percurso entre o Palácio São Joaquim e a Catedral Metropolitana foi feito a pé, com excepcional acompanhamento, entre cenas de comovente respeito. A' frente da carreta sobre a qual estava o feretro, via-se monsenhor Costa Rego, e ao redor os membros da Corte Cardinalicia.

para a CATEDRAL



De um e outro lado da carreta, seguiram esquadrões de Dragões da Independência.

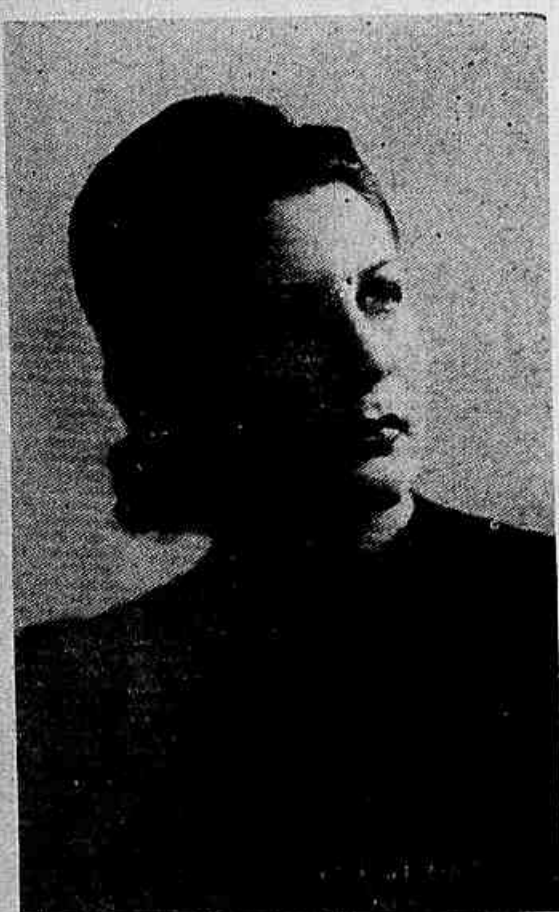
A Cruz Vermelha Brasileira fez-se representar na cerimônia de trasladação.

A Catedral Metropolitana, onde esteve exposto á visitação pública o corpo de D. Sebastião Leme.

á visitação pública até a manhã do dia seguinte, quando foi conduzido para a Igreja de Santana. Nesse interim, chegava a esta Capital, do território nacional e do estrangeiro, o eco do pesar ocasionado pelo desaparecimento da mais eminente figura da Igreja Brasileira.



Retirada da carreta por oito soldados da Polícia Especial; a urna mortuária foi conduzida para a nave da Catedral Metropolitana. O côro do mosteiro de S. Bento entoou o hino sacro "Liberá-me", nessa ocasião. Logo depois procedeu-se á encomendação do corpo, oficiando monsenhor Rosalvo Costa Rego.



A pianista paulista Dêa Orcioli Gervazio, que realizou com grande êxito, sábado ultimo, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, um concerto com seletto programa.

ANIVERSÁRIOS

31 Senhoras d. Celeste dos Anjos Margarido Souto, d. Sarah Moreira; senhores professores Horacio Maisonette, dr. Faria Souto, a senhorita Edyr Torres da Cunha.

1 Senhora d. Rosa Mendonça Lima; senhorita Dulce, filha do sr. Jaime da Gama Moret; senhores dr. Otavio Nascimento Brito, redator do *Jornal do Comercio*, general Constancio Deschamps Cavalcanti, Cesar

Noticiario Elegante

Sampaio Araujo, Avelino Luiz das Neves.

2 Senhores Mario Magalhães, diretor do *Correio da Noite*, Adalberto Vidal Barbosa.

3 Senhora d. Emma Neves, esposa do consul Angelo Neves; senhor dr. Castro Pinto.

4 Senhora d. Marina Graupera Tavares, esposa do sr. Luiz de Lima Tavares; senhores capitão de mar e guerra Alfredo Carlos Soares Dutra, Carlos da Cunha Barbosa, nosso colega de imprensa.

5 Senhoras d. Hermelina Romano Azevedo Milanez, esposa do almirante Azevedo Milanez, d. Severina Pereira de Sousa, esposa do sr. Estevão Ribeiro de Sousa; srta. Edméa Lopes; senhores dr. Agamenon Magalhães, interventor no Estado de Pernambuco, Barão de Saavedra, diretor do Banco Beavista, dr. Renato Costa, almirante Abelardo Romano Milanez.

6 Senhorita Maria da Gloria Mendonça dos Santos; senhores dr. Severino Marques, René de Castro, dr. João Barbosa de Almeida Portugal; ministro Eduardo Espinola, do Supremo Tribunal Federal.



"Balada das Vindimas" coreografia e preparação de *Nenê Costa*. Um quadro da festa (idealizada pela sra. Amanda Paranaguá de Almeida Brandão) "A Ronda dos Séculos" em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, no Teatro Municipal de S. Paulo. Da direita para a esquerda. *Em baixo*: Beatriz Delamain, Julieta C. de Souza Teixeira, e Vera Lara. *Em cima*: Beatriz Leme, Cecília de Souza Queiroz, Regina Passos, Gloria Lameirão Fernandes.



A 1.º de Novembro passa o aniversário natalício da senhorita Yesis Ilcia y Amoedo, gentil elemento da sociedade carioca, filha do comandante Radamanto Amoedo e sua esposa. Diplomada pela Escola de Educação Física, cursando agora a Faculdade Nacional de Filosofia, a todos consegue fascinar pela sua inteligência e pela sua graça.

SAGRAMOR DE SCUVERO

Entrou para o numero dos que fazem a REVISTA DA SEMANA a brilhante intelectual patricia Sagramor de Scuvero, nome conhecido na imprensa indigena e figura de especial relevo no mundo radiofonico nacional, por força da excelência dos programas que dirige. Inteligente, culta e ativa, Sagramor de Scuvero terá, agora, oportunidade de mostrar novos aspectos de seu espirito e de sua capacidade.

Enlace Maria de Lourdes Saldanha --- Dr. Corinto Falcão



A noiva, senhorita Maria de Lourdes Saldanha, ao receber os cumprimentos do Ministro João Alberto.



Flagrante fotografico obtido por ocasião da imposição das alianças, no casamento religioso.

Na igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, consorciaram-se no sábado 17 o dr. Corinto de Arruda Falcão, co-proprietário da Usina Rio Una em Pernambuco, e a srta. Maria de Lourdes Saldanha, filha do sr. Horácio Saldanha, alto comerciante e industrial nesta cidade e em Recife e de sua esposa, srta. Edméa Rego Ferreira Saldanha. Por parte do noivo foram padrinhos o sr. Horácio Saldanha e senhora, e o dr. Emilio Cristovão de Amorim, e srta. Maria Carolina Dubeux; e, da noiva, o dr. Joaquim de Arruda Falcão e senhora, representados pelo sr. Edmundo Rego Ferreira e senhora, e pelo sr. Mário Reis e senhora.

Após a cerimonia os pais da noiva ofereceram uma brilhante recepção em sua residência, à rua Barata Ribeiro 573, Copacabana, à qual compareceram elementos de destaque na alta sociedade carioca.

Foi oficiante do casamento religioso o exmo. D. José Pereira Alves, bispo de Niterói.

FIGURAS E FATOS



CHANCELER PARRA PEREZ — Visitou esta capital, na semana ultima, o sr. Caracciolo Perez, ministro das Relações Exteriores da Venezuela. Sua Excelencia foi alvo de inumeras demonstrações de alto apreço por parte do mundo oficial brasileiro. Durante a sua estada entre nós foram assinados acordos entre os dois países sul-americanos. O chanceler Perez logo após a sua permanencia no Rio visitou o Estado de São Paulo. Na foto acima vê-se o ilustre homem publico venezuelano, pouco depois de sua chegada a esta cidade, em companhia do ministro Oswaldo Aranha.



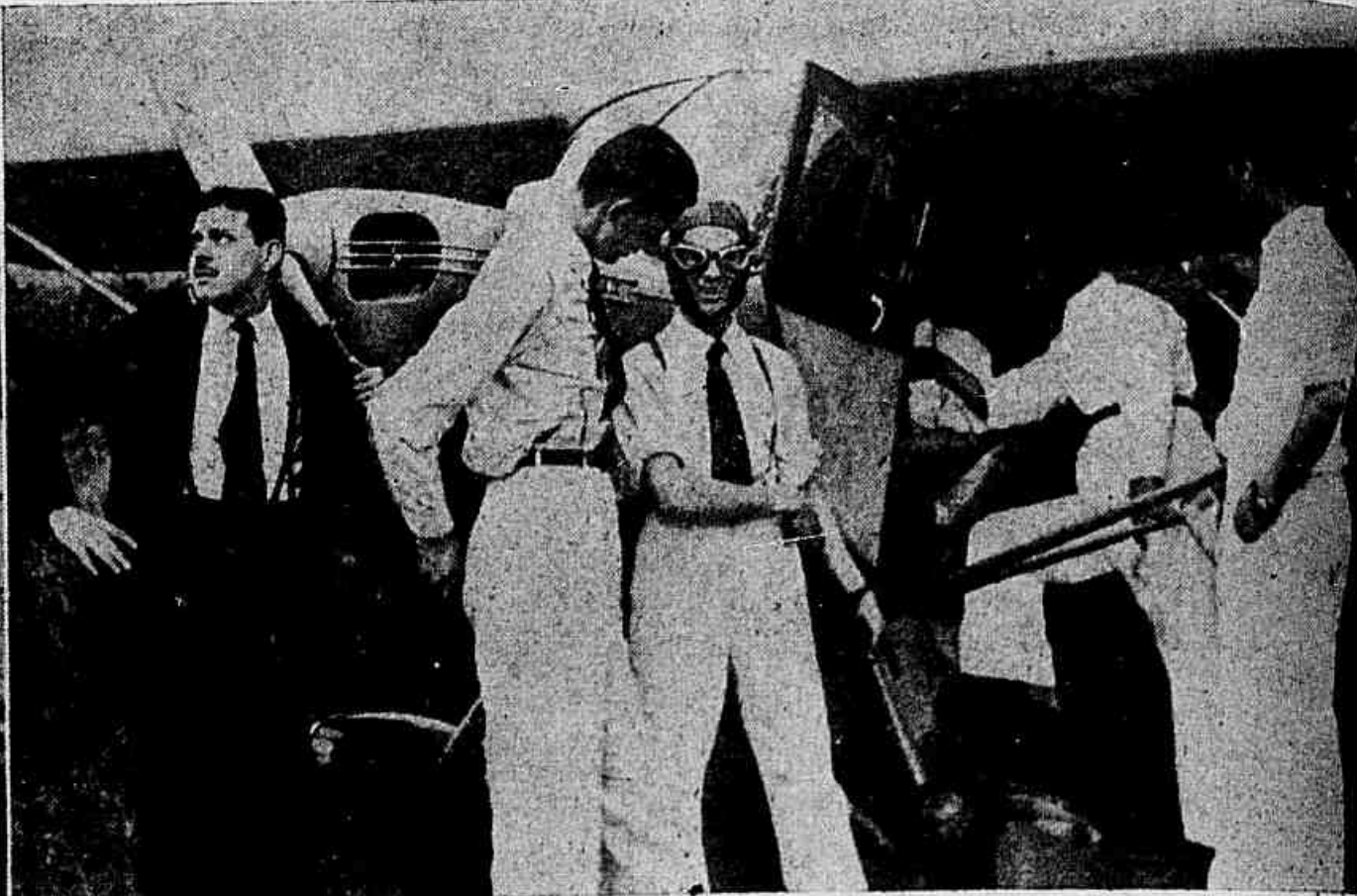
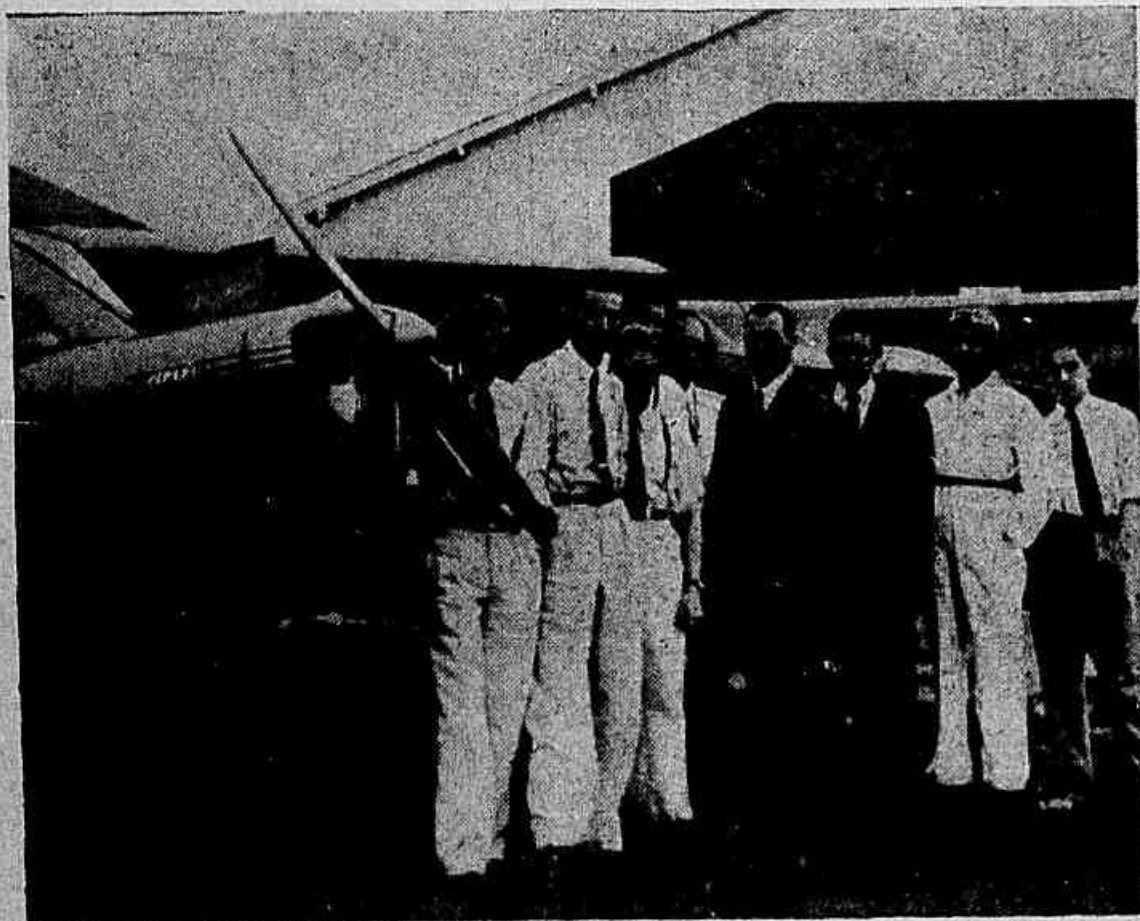
RAMON CASTILLO HIJO — Com a presença do dr. Adrián C. Escobar, embaixador da Argentina no Brasil, dr. Luiz Aranha e outras personalidades dos nossos meios esportivos, foi recebido no aeroporto Santos Dumont, onde chegou pelo "clipper" da Pan-American Airways, o sr. Ramón Castillo Hijo, filho do Presidente da Republica Argentina e presidente da Associação Argentina de Foot-ball.

Ao lado :

EMBAIXADOR FREITAS VALLE — Grupo feito no momento da chegada do sr. Cyro de Freitas Valle, ex-embaixador do Brasil na Alemanha, que viajou de Lisboa para o Rio pelo "clipper" da Panair.



A MONTANHA DE ALUMINIO — Foi entregue, numa cerimonia simples e sugestiva, ao ministro da Aeronautica, a montanha de aluminio, produto da "Campanha da Panela de Aluminio" realizada, este mês, pela Mulher Brasileira sob os auspícios do vespertino "Correio da Noite". Cerca de 16 a 18 toneladas do precioso metal constituíram essa preciosa colaboração.



"PILOTOS PARA O BRASIL" — Está se realizando em São Paulo, com evidente sucesso, uma inteligente campanha, patrocinada pelo Centro XI de Agosto, no sentido de aumentar o numero dos pilotos de que dispõe o Brasil. Uma primeira turma, composta dos jovens Nestor da Rocha Bressane Filho, Pedro Fausto Azevedo, Ivan Fleury Meireles, Flavio Pinho Almeida, Oscar Luiz Winter, Marcelo de Camargo Vidigal, José M. Rodrigues Alves, Floriano Arruda Brasil e Cesar Augusto Caldas, já está com o seu curso bastante adiantado. Uma segunda turma, composta também de 10 alunos, está sendo submetida a exame. De toda parte, inclusive de outros Estados, chegam auxílios para essa magnanima campanha. As fotos acima foram apanhadas no Campo de Marte, onde se estão preparando os novos "pilotos para o Brasil".



JOSE' CARLOS DE MACEDO SOARES — A Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo realizou, em dia da ultima semana, uma cerimonia para dar posse, na sua diretoria, ao dr. José Carlos de Macedo Soares. Falaram durante a cerimonia os srs. Paulo Costa, Macedo Soares, Cardoso de Melo Neto e academico Oscar Augusto de Barros Bressente. O grupo acima foi apanhado logo após o ato.

De São Paulo

Quando fôr a São Paulo

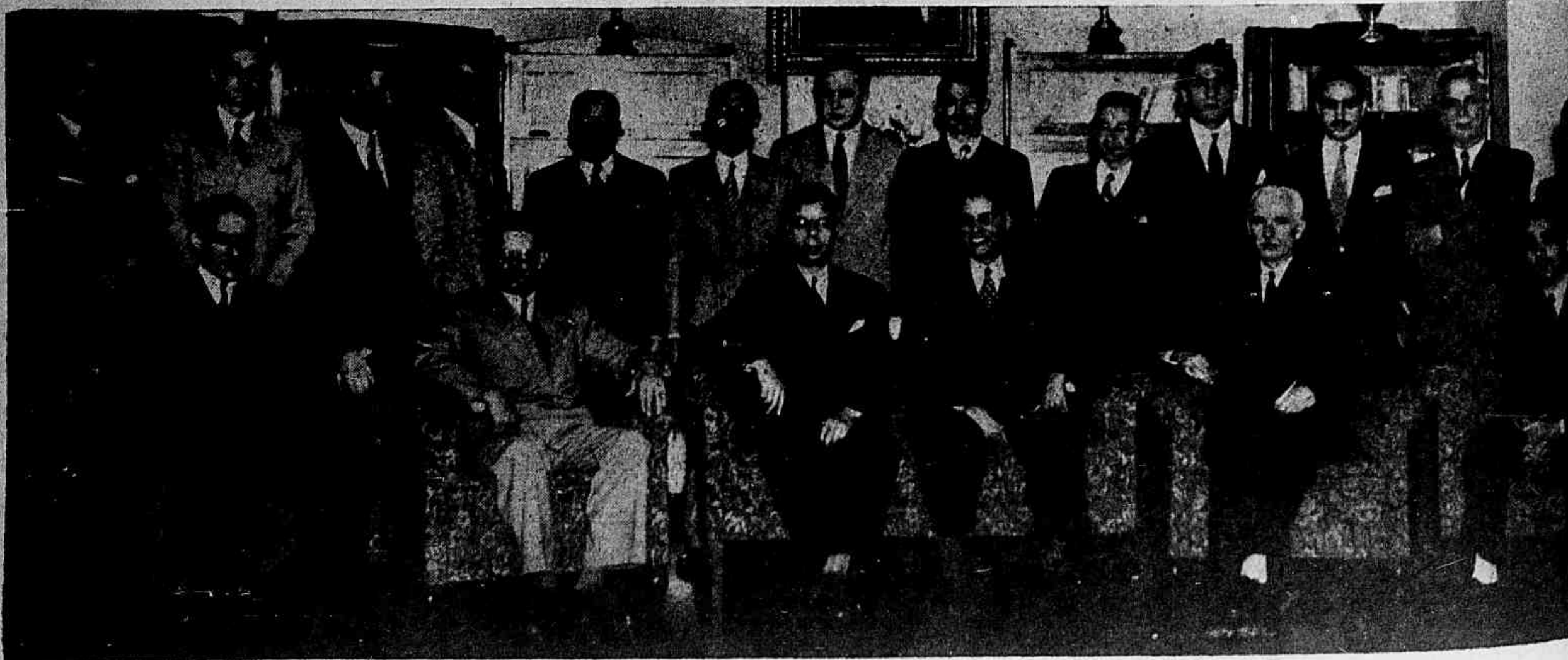
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

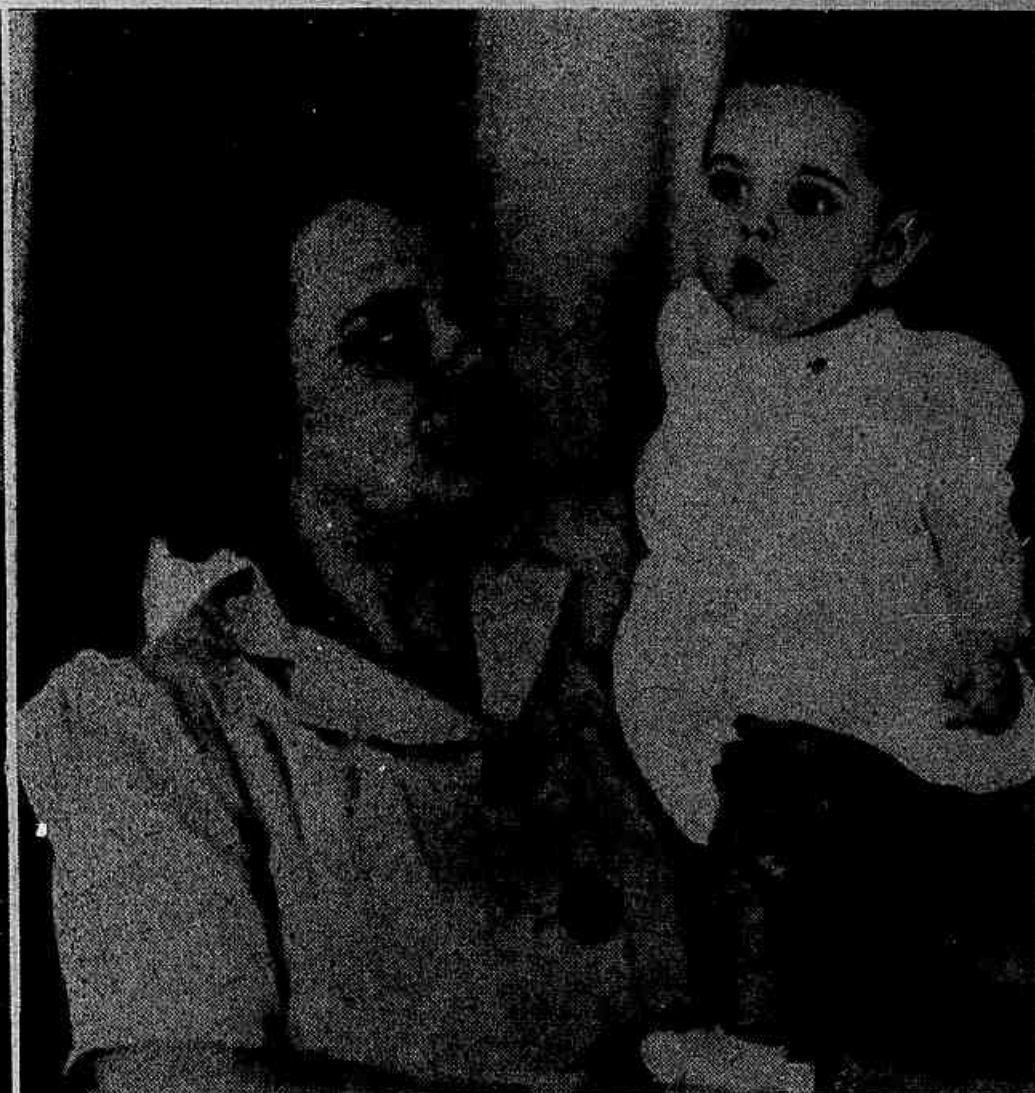
★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Successora de MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO - 3 PAULO



NO CENTRO GAUCHO — Aspecto feito quando da posse da nova Diretoria dessa agremiação recreativa. O dr. Armando Prates de Castilho é o novo presidente do Centro Gaucha em São Paulo.



FESTA DA CRIANÇA — Na Escola Normal Caetano de Campos, sob o patrocínio do Centro de Puericultura Educacional desse estabelecimento de ensino, realizou-se uma interessante festa, durante a qual teve lugar um desfile de crianças candidatas a numerosos premios. As fotos acima mostram os pequenos José Paulo de Oliveira, Paulo Daniel Tenca, Marisa Rincli, Edercy Edna Sacoman e Fernando Trota, que se candidataram brilhantemente a esse "Concurso de Robustês Infantil".

A' direita — A' MEMORIA DO CARDEAL D. SEBASTIÃO LEME: EM SÃO PAULO NO "CENTRO CIVICO MAJOR SUCUPIRA" — Aspecto da sessão extraordinária e solene realizada na sede do "Centro Cívico Major Sucupira", em São Paulo, em homenagem ao saudoso Cardeal D. Sebastião Leme, tendo feito uso da palavra o seu presidente dr. Francisco Monteiro de Araripe Sucupira, que focalizou a atuação de sua eminência no cenário da vida brasileira, pregando com sábios ensinamentos as sãs doutrinas da união e da fraternidade da Família Brasileira.



GILBERTO QUINTANILHA RIBEIRO — Aspecto apanhado na Caverna Paulista, por ocasião do jantar oferecido ao bacharelado Gilberto Quintanilha Ribeiro pelos seus colegas da Faculdade de Direito.

CENTRO ACADEMICO "25 DE JANEIRO" — Realizou-se solenemente a "posse" da nova Diretoria do Centro Academico "25 de Janeiro", da Faculdade de Farmacia e Odontologia de São Paulo. João Leite Carvalhaes é o chefe dessa nova Diretoria.

OS AMIGOS

Conto de **MAXIMO GORKI**

UM chamava-se "Esperando"; o outro, "Dançarino". A sua posição social: ladrões.

Moravam no extremo da cidade, no bairro que se estendia ao longo do rio, numa dessas horríveis choças de madeira meio apodrecidas, enlambuzadas de greda e que pareciam montões de escombros que houvessem arrojado da colina abaixo.

Os dois amigos iam exercer a sua profissão nas povoações vizinhas da cidade, porque nesta era muito difícil roubar e no bairro que habitavam não havia a que deitar mão.

Eram ambos novos, inteligentes e modestos. Apropriavam-se de um pedaço de pano, uma blusa, um machado, os arreios de um cavalo, uma camisa ou uma galinha, e não voltavam tão cedo às propriedades onde tinham realizado a proeza.

Não obstante uma tão prudente maneira de proceder, os aldeões conheciam-nos muito bem e juravam-lhes pela pele, prometendo moê-los à bordoadas na primeira ocasião que para isso se lhes proporcionasse. Verdade seja que essa ocasião favorável não se apresentava e os ossos dos dois amigos continuavam intactos ao fim de seis anos de ameaças.

Dançarino era homem de elevada estatura, corcovado, seco e com a pele sulcada de veias. Tinha uns quarenta anos. Andava com a cabeça curvada para o chão, de mãos cruzadas atrás das costas, sem pressa mas com passo largo, lançando de revés olhares inquietos e perscrutadores para todos os lados, piscando os olhos com ar preocupado. Usava o cabelo curto, barba cuidada e um farto bigode grisalho que parecia eriçar-se de colera, e lhe dava ao rosto uma expressão de rídeza.

Sem duvida partira ou descolara a perna esquerda e tinham-lha encurado de tal maneira que ficara mais comprida que a direita.

Quando a levantava para andar, dançava doidamente no ar, e era essa particularidade que lhe havia grangeado a alcunha porque era conhecido.

Esperando, mais velho do que ele uns cinco anos, era mais baixo e mais espadado. Tossia constantemente com uma tosse surda e o rosto, de grandes maçãs salientes, macilento, ornado de longa barba preta já a tornar-se grisalha, era de uma cor terrosa e doentia. Os grandes olhos negros olhavam timidamente. Quando andava franzia os lábios em forma de coração e assobiava baixinho uma canção monótona, muito triste e sempre a mesma.

Vestia casaco curto de farrapos multicóres, tão matizado que fazia lembrar uma colcha.

Dançarino usava uma blusa cinzenta, presa com cinturão. Esperando nascera ali no bairro. O seu camarada, filho de um sacristão, fora noutro tempo criado de quarto e marcador. Nunca se via um sem o outro e os aldeões diziam ao vê-los:

— Já voltaram outra vez os amigos? E' preciso cautela.

— Diabos os levem!

— Não rebenarão um dia?

Os dois cortavam pelos atalhos, olhando com cuidado em torno de si e evitando máis encontros.

Esperando tossia e entoava a sua canção favorita, enquanto a perna do seu camarada badalava desesperadamente no ar como se quizesse arrancar-se e fugir ao perigoso caminho que o seu dono levava. Na orla do bosque, entre o centeio, falavam baixinho e discutiam acerca do que poderiam roubar facilmente para arranjar de comer.

No inverno até os lobos vivem mal, apesar de mais dispostos que os dois amigos para a luta pela vida. Fracos, raivosos, famintos vão pelos caminhos, e embora se possa mata-los, temem-nos porque teem dentes e garras para defender-se e, sobretudo, porque nada os entenece nem abranda. E isto é um fato importantíssimo, pois que, para vencer na luta pela vida, o homem necessita ter, ou muito talento ou um coração de pedra.

No inverno, que era aspero para os dois amigos, iam frequentemente mendigar pelas ruas da cidade, procurando esquivar-se aos olhares da policia. Então, raras vezes roubavam. Enquanto a vagabundear em volta das povoações, tinha seus perigos porque o frio era muito e a neve conservava os traços das suas pegadas.

Os camaradas esgotavam as forças físicas para combater a fome e é possível que ninguém aguardasse com mais impaciência do que eles a chegada da primavera.

Mal esta chegava, os amigos, esqualidos e doentes, saíam do seu covil e contemplavam cheios de jubilo os campos onde a neve se fundia rapidamente, deixando por momentos ver a terra parda. Os charcos brilhavam como espelhos e os arroios sussurravam alegremente. O sol, fecundante e bom, prodigalisava à terra carícias desinteressadas e aquecia com os seus raios os dois amigos que falavam, com alegria, do tempo em que a terra, já seca, lhes permitiria entrar de novo em campanha.

Frequentemente, Esperando, que sofria de insónias, despertava muito cedo o companheiro e dizia-lhe alegremente:

— Vamos; levanta-te, que já chegaram as gralhas!

— As gralhas?

— Palavra; ora escuta lá como piam.

E saíndo da choça fitavam por largo espaço muito atentos, as negras mensageiras da estação primaveril, diligentemente aplicadas a construir novos ninhos ou a reparar os antigos, enchendo o espaço com os gritos penetrantes e reciosos.

— Agora devem chegar as calhandras, — disse uma manhã Esperando; e entreteve-se a tecer um barbante velho, já meio apodrecido.

Quando as calhandras chegaram, os amigos partiram para o campo e estenderam a rede num sítio em que não havia neve. Depois, correndo por ali fora, pela campina húmida e suja, enxotavam para a rede as pobres aves que, famintas e cansadas da viagem emigratoria, buscavam alimento na terra encharcada e apenas livre do seu manto de neve alvinitente. Em seguida os dois amigos iam vender os passaros assim apanhados, a cinco ou dez kopeks a peça.

Mais tarde, já pela estação dentro, cresciam as ortigas que apanhavam e vendiam aos hervasários.

A primavera proporcionava-lhes diariamente alguma coisa de novo e de imprevisto, por insignificante que fosse, com que pudessem ganhar a vida. E eles tudo sabiam aproveitar; vimes, passaros, cogumelos, morangos, a nada as suas mãos perdoavam. Quando os soldados se exercitavam no tiro ao alvo, os dois tratavam logo de reconhecer o terreno para apanharem as balas que depois vendiam a doze kopeks a libra. Mas se todas aquelas ocupações bastavam para que os amigos não morressem de fome, só muito raras vezes lhes dava a possibilidade de apresentar bom semblante e de experimentar a agradável sensação que um estomago cheio proporciona, e menos ainda a atividade que desenvolve e facilita a absorção dos alimentos.

Num dia de Abril, quando a ramaria das arvores apenas mostra os botões da sua florescência, quando os bosques parecem envolvidos numa claridade azulada e branda e quando a herva desponta levemente na superfície dos campos escuros e fortes, inundados de sol, seguiram os dois amigos a estrada real fumando cigarros da sua propria fabricação e conversando.

— Cada vez tosses mais! — dizia Dançarino advertindo assim tranquilamente o companheiro.

— Pouco importa. Não me ralo. O sol me aquecerá e se encarregará de curar-me.

— Hum!... Parece-me que o melhor que tinhas a fazer era entrar no hospital.

— Ora!... Para que serve isso? Se tenho de morrer, morrerei.

— Lá disgo não ha duvida.

O caminho que seguiam era velado de uma extensa fileira de betulas que projetavam sobre eles a sombra da sua tenue ramagem. A passarada saltitava adiante deles chilreando vivamente.

— Andas mal, ha tempo, — disse Dançarino pausadamente.

— Sinto uma grande opressão no peito, — tornou Esperando. — Como o ar é pesado e húmido custa-me respirar.

E, parando, começou a tossir.

Dançarino parou também e olhou-o vagamente sem deixar de fumar.

Esperando, a quem o acesso de tosse convulsionava dando-lhe ao rosto uma cor violacea, esfregava o peito com as mãos crispadas.

— Tenho o pulmão desfeito, — disse quando acabou de tossir.

E continuaram a andar, espantando os pardais.

— Agora vamos até Muchina, — disse de novo Dançarino, deitando fóra a ponta do cigarro e cuspiendo. — Damos a vol-

ta por trás... talvez encontremos alguma coisa. Depois metemos pelo bosque Siwzoff e vamos até Kusnechika. De Kusnechika voltaremos por Markovka e depois p'ra casa.

— Temos que andar umas trinta veras, disse Esperando.

— Contanto que sirva de alguma coisa...

A esquerda do caminho estendia-se um bosque monótono, uniformemente sombrio e pouco atraente. Através da seca ramaria nem um só trecho de um verde suave e fresco prendia a vista com agrado.

Na orla desse bosque pastava um cavalo de pelo comprido e eriçado, lazarento a mais não ser e cujo esqueleto se desenhava nitidamente com tanto relevo como os arcos de uma pipa. Os companheiros detiveram-se ao vê-lo andar lentamente, baixando os bellos para o chão de onde arrancava e comia a herva seca depois de a mastigar vagamente com os dentes gastos e amarelados.

— O jejum pô-lo na espinha, — disse Esperando.

— Bonito! bonito! — e Dançarino tentava aproximar-se do animal.

O cavalo olhou-o, agitou negativamente a cabeça e deixou-a pender de novo para o chão.

— Não quer ir comigo, disse Esperando supondo interpretar o cansado movimento do cavalo.

— Bah!... se o levássemos aos tartaros talvez nos dessem sete rublos por ele — disse Dançarino, pensativo.

— Qual! isso sim! Não os vale.

— E a pele?

— A pele! Julgas que te dão sete rublos por ela? Três se derem.

— Mãos á obra.

— Espera. Repara que aquilo não é pele; é um lenço velho.

— E' o mesmo, sempre nos darão alguma coisa por ele.

— Sim; não ha duvida.

— Dançarino fitou o companheiro e, parando, perguntou:

— Vamos?

— E' perigoso, — tornou Esperando, um tanto indeciso.

— Porque?

— Por causa das pedagas. A terra está húmida e podem reconhecer por onde o levamos.

— Calçamo-lo; envolvemos-lhe as patas comervas e folhagem.

— Como quizeres.

— Hurra! Metemo-lo no bosque e esperamos em baixo, na ribeira, que seja noite e então tiramo-lo e vamos levá-lo aos tartaros. Não é longe... coisa de três veras.

— Que remédio há? — disse Esperando com um gesto resignado; e acrescentou: — Vamos. Vale mais um toma...

O diabo é se...

— Não há perigo, — disse Dançarino.

Abandonaram a estrada e, escurtando os arredores com um olhar, penetraram no bosque.

O cavalo olhou-os, relinchou e continuou pastando na herva seca.

A sombra, a solidão, um pesado silencio dominavam o pequeno vale coberto de arvoredo. Unicamente o murmurio do Rio se percebia monótono e triste como um queixume.

Das escarpas vertentes da garganta pendiam os ramos secos das nogueiras, dos bordos e das madresilvas silvestres. De todos os lados irrompiam raizes postas a descoberto pelas chuvas caudalosas da primavera.

No bosque ainda sem vida, o crepusculo combinava as tintas mortas da paisagem á majestosa e funebre paz de cemitério que ali reinava.

Os amigos estavam, havia tempo, sentados perto de um maco de álamos brancos, ocultos no fundo do vale, juntos a um montículo de terra. Aqueciam as mãos numa fogueira que vivamente ardia na frente deles e que de quando em quando alimentavam com ramos secos esforçando-se por que brilhasse com luz sempre igual sem deitar fumo.

Perto deles estava o cavalo.

Tinham-lhe embrulhado o focinho numa manta arrancada aos andrajos de Esperando e haviam-no amarrado depois ao tronco de uma arvore.

Esperando, acorçado em frente da fogueira, fitava as chamas, pensativo, e assobiava a sua canção favorita, enquanto Dançarino, tendo cortado um punhado de vimes, fabricava uma cesta, silenciosamente, absorvido no trabalho.

(Continúa na pagina 36)



CRONICA DA MODA

Uma das preocupações dos modelistas modernos é a de conseguir vestidos que sejam praticos e ao mesmo tempo rejuvenesçam a mulher. Rejuvenescer é esta a palavra de ordem. A mulher quer ter o aspecto jovem não sómente por faceirice como também por necessidade. Para conseguir trabalho são as mais jovens, ou as que parecem ser, as preferidas.

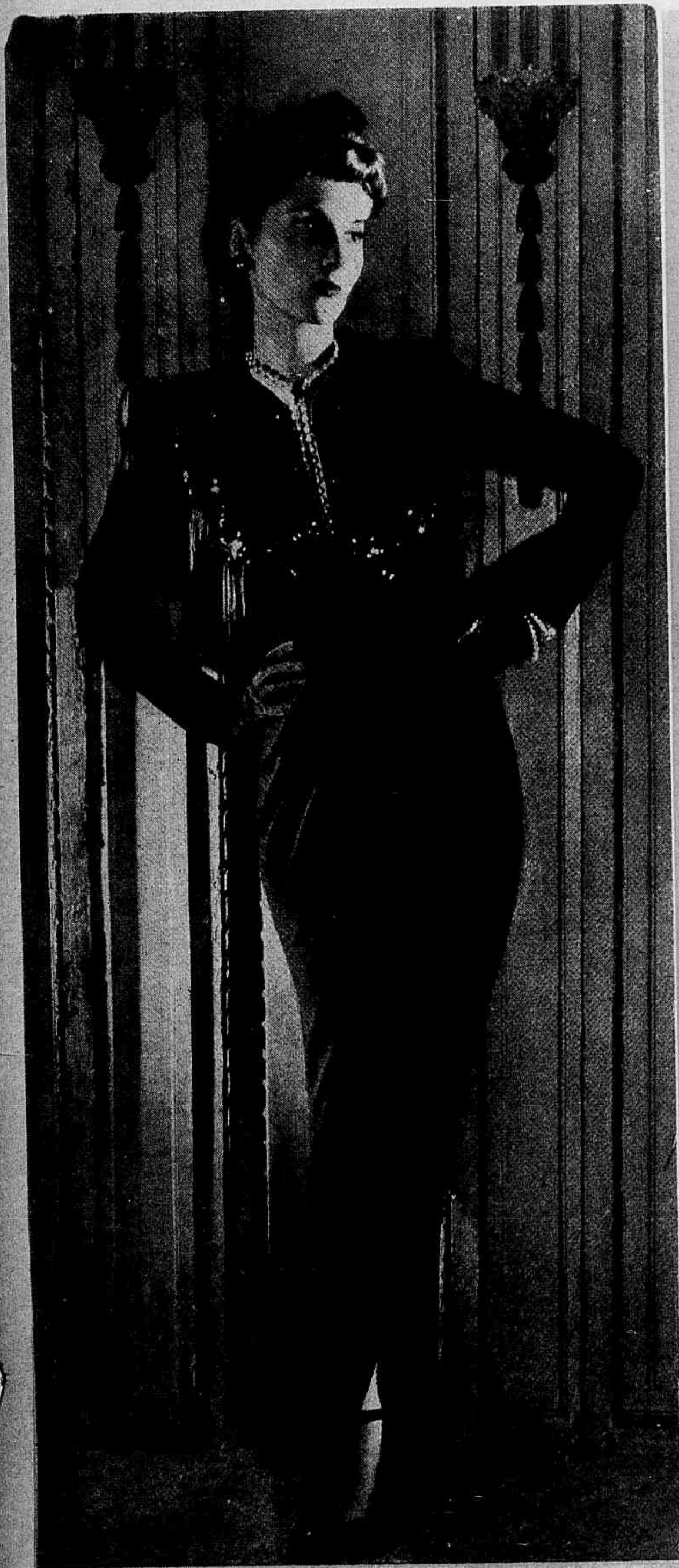
Os *ensembles* compostos de diversas peças apresentam inúmeras possibilidades, conseguindo-se assim variar o aspecto da toilette: não é este o ideal de toda faceira?

Muitos são os casacos que permitem realizar contrastes felizes. Numerosos modelos obtem a silhueta flexivel e graciosa, as mangas *raglan*, as palas, os *corselets*, os franzidos e plissados. Muitas são as saias franzidas, com o todo levado para a frente; naturalmente esta moda presta-se só para as que teem a silhueta fina; as outras teem a saia *en-forme* para substituir a franzida, e esta tem a vantagem de ser bem mais graciosa e estar também na moda.

Com a combinação de dois coloridos, pode conseguir-se toilettes encantadoras tanto para a manhã como para a tarde e a noite. Esta combinação tanto pode ser obtida pela mistura de dois tecidos como pelo bordado ou renda. Entre os modelos nota-se uma combinação ousada: saia de veludo amarelo com uma blusa decotada no tom roxo. Mais suaves as combinações seguintes: saia, *bolero* de *faille* preta, corpete e parte de cima da saia de *faille* rosa; saia de tafetá preto com blusa de crepe azul claro. Num vestido de linho vermelho coral um bordado de *soutache* preto.

MARINETTE.





MODELOS PARA NOITE

Simplicidade e elegância: palavra de ordem para a moda. Esta ordem aliás já tem sido dada muitas vezes, mas dificilmente será obedecida, a moda é caprichosa e não quer saber de imposições. Por esta razão se nos vestidos para a manhã e nos para a primeira parte do dia é mantida, o mesmo rigor já não é observado nos vestidos mais elegantes da tarde e nos da noite. Porque se conservam uma certa sobriedade na linha, as suas guarnições no entanto são vistosas. Vendo-se muito bordado com

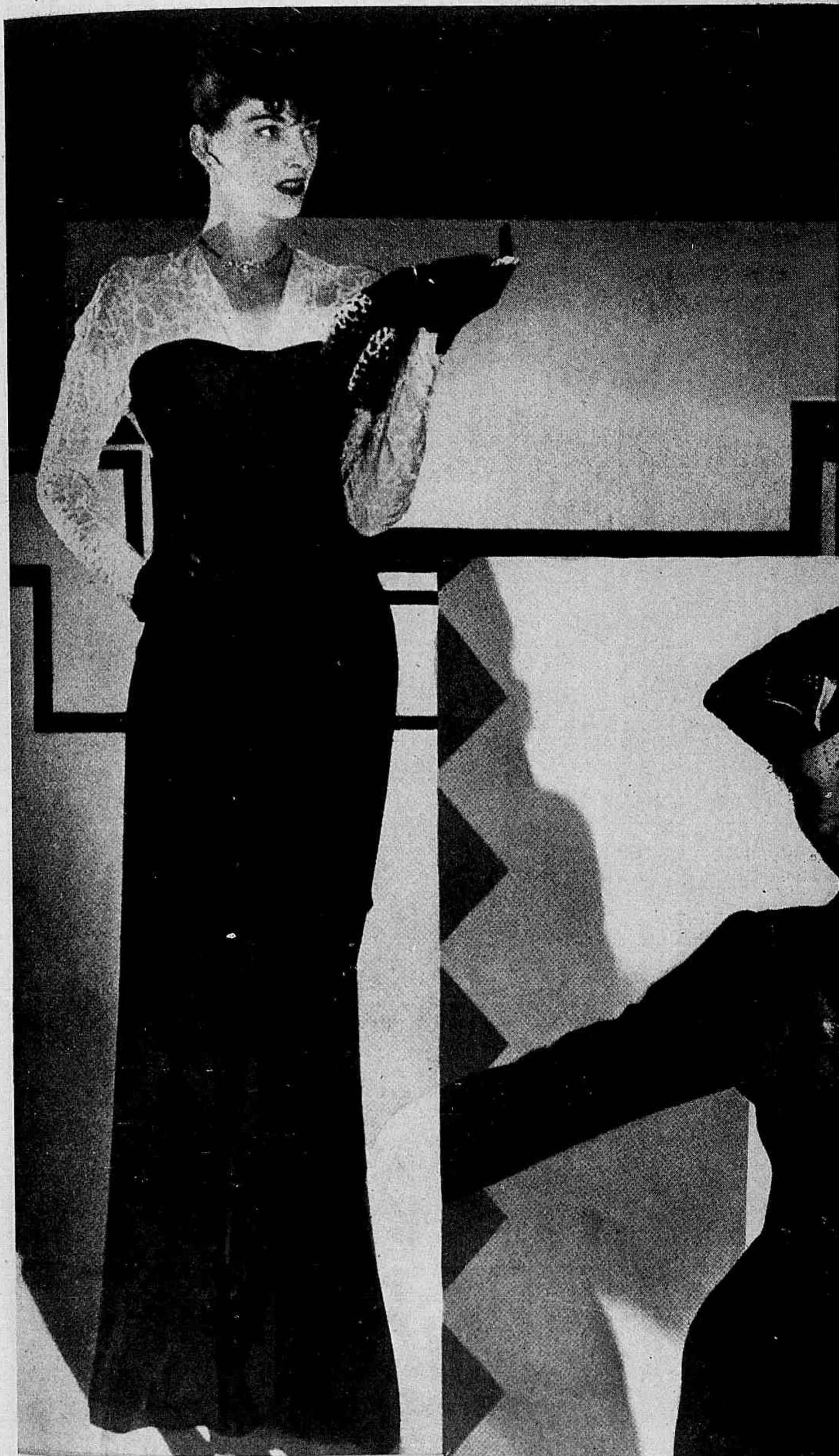
contas brilhantes; sobretudo as lentejoulas são empregadas nas guarnições, desde a mais pequenina até as maiores. Tecidos inteiros são guarnecidos com lentejoulas, assim como as rendas e mantilhas.

Nos vestidos da noite acentua-se novamente a pouca roda na saia, naturalmente num estilo apropriado, porque as saias extremamente rodadas são vistas ainda nos vestidos de tule *organdi*, tafetá, etc. Entre os modelos observados nota-se um muito elegante para

jantar de crêpe preto; a saia *drapée* é extremamente ajustada, e aberta na parte de baixo, porque seria impossível dar um passo se não tivesse essa fenda. Um *bolero* com franjas de seda e bordado de lentejoulas pretas dá realce a esta elegante *toilette*. Num outro modelo para a noite em crepe *Georgelle* preto, bordado com lentejoulas brilhantes formando flôres, um *bolero* de crêpe transforma-o em *toilette* para jantar. Num vestido de linha muito sobria em crêpe preto, um cinto de vi-

drilhos pretos e uma mantilha bordada com lentejoulas dão-lhe a elegância para a noite. Em outro vestido é o tecido todo guarnecido com *cabochons* de vidrilho que dão realce à simplicidade do feitiço. Uma mantilha preta com lentejoulas completa a *toilette* para a noite.

Modelo elegante para a tarde com saia de roda apertada em crêpe preto, de linha extremamente singela. Sómente *rucher* do próprio tecido, guarnecem a gola e a barra da saia.



PASSADEIRAS
TAPETES

GRANDE
VARIEDADE
EM
TECIDOS
PARA
ESTOFOS

CASA BEIRIZ

RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL 42-6964 - JUNTO A AVENIDA



GAIPA! CABELOS BRANCOS!

use
**LOÇÃO
XAMBÚ**

CABELOS
BRANCOS ou GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL



O sonho de todas — ricas e pobres, adolescentes e matronas — é a elegância perfeita: a "toilette" que atraía os olhos masculinos e fixe a atenção das outras mulheres.

Elegância requintada, cerimoniosa, com por cento distinta: Claire Trevor, num costume blusado, com um apanhado de franzidos na frente da saia. Bolsa e luvas cor de cinza. Um chapéu minúsculo de veludo preto. Um véo imenso de tulle. Um colar suntuoso de pedrarias.

Elegância sóbria: o costume de Jean Rogers, em lã cor de cinza; blusa e reverso da gola em setim fulgurante branco.



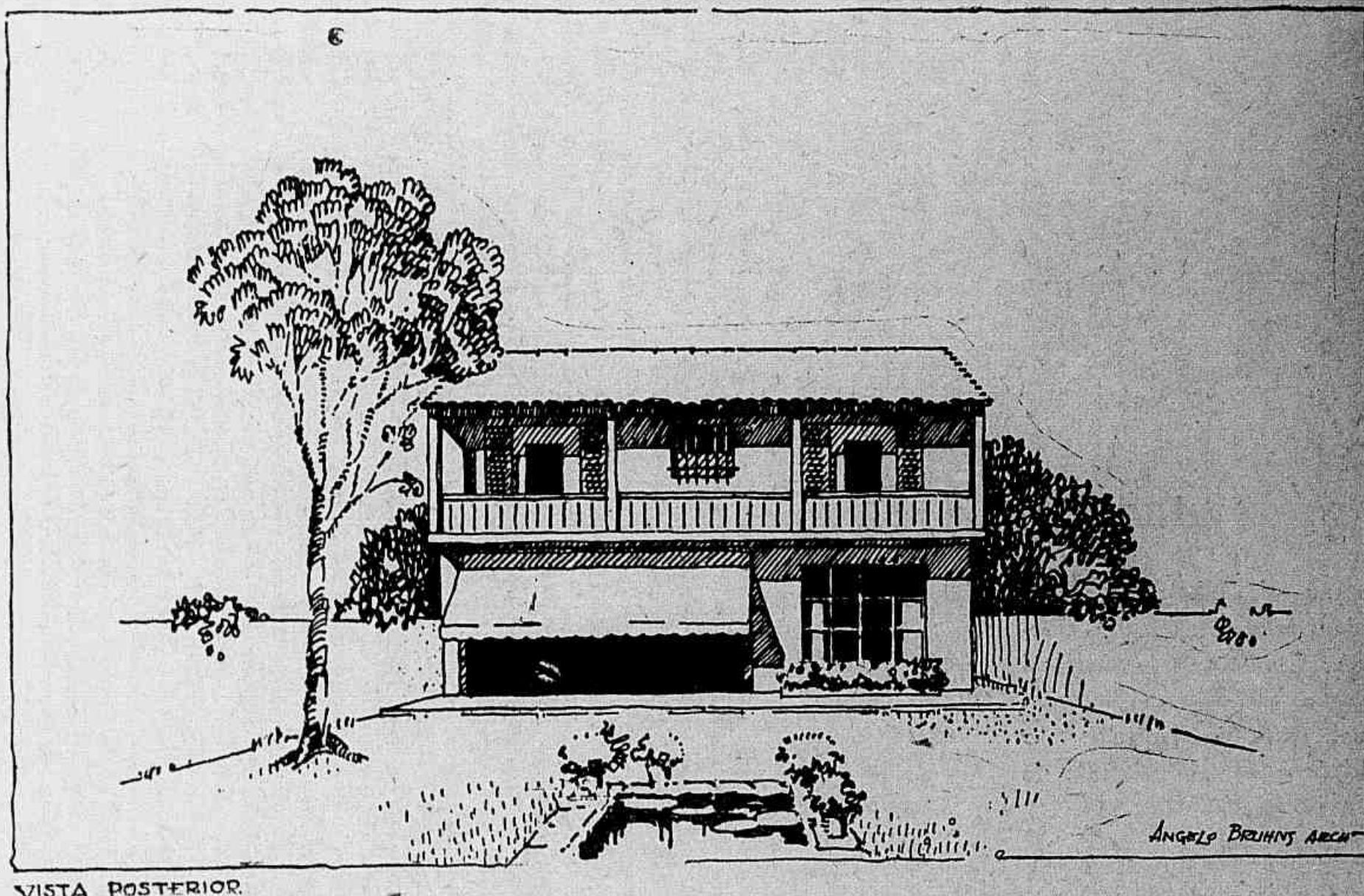
Elegância caseira: O vestidinho quadriculado de Peggy Moran sobre a saia debruada de lingerie.

Elegância graciosa: A blusa de Gloria Jean, debruada de bordados, com o veludinho passado nas casas à moda romântica das nossas avós.

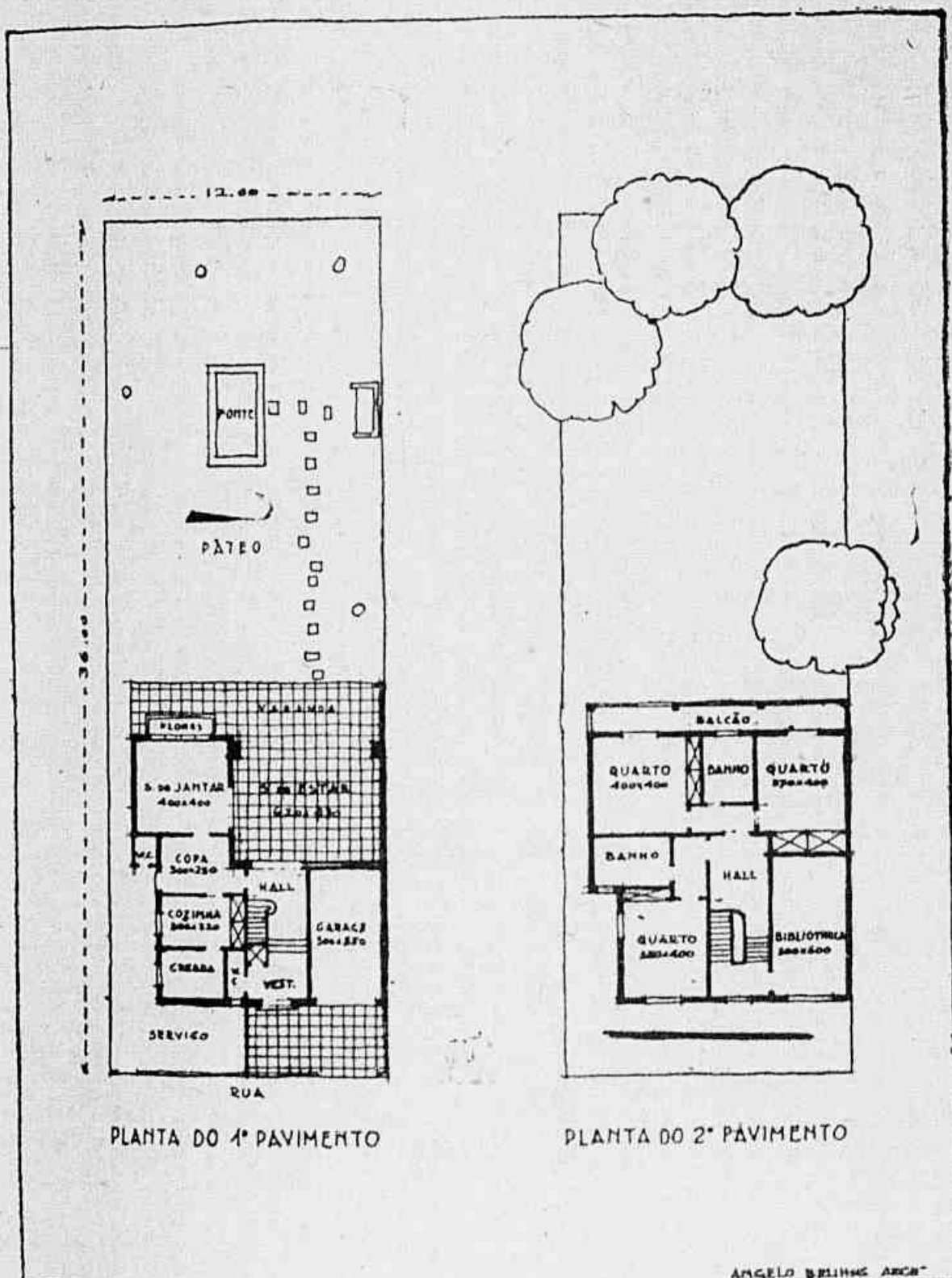
(Fotos da Metro. Exclusivos para a REVISTA DA SEMANA).

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Como projetar sua casa



VISTA POSTERIOR



A rua é o movimento, o barulho, a poeira. O jardim, pelo contrario, é a tranquilidade, o repouso, a intimidade.

O ideal de uma casa seria, portanto, que se construíssem cerrados os muros da frente e abertos os muros de trás.

Os antigos tinham a este respeito um justo conceito, pois as casas romanas, e sobretudo as de Pompeia, ficaram celebres pela logica de sua concepção. Varias peças tinham as casas, mas a principal era o peristilo, com suas colunas envolvendo um espaço retangular de céu aberto, o qual se alcançava depois de atravessar o vestibulo, o atrio e o tablino. Muita decoração mural e também em mosaico, na parte interna, mas pouca ou nenhuma na fachada, a não ser, às vezes, uma figura de bichano, ao lado da porta de entrada, com a seguinte inscrição: *cave canem*, — cuidado com o cão. Era uma advertencia simbolica empregada para afastar os transeuntes. Simbolo, aliás, que ainda hoje talvez fosse oportuno empregar em casas de moradores retraídos e de poucos amigos.

Os mouros também construíam suas casas com aberturas voltadas para áreas internas, tanto que os maravilhosos pátios tão característicos da arquitetura espanhola não são mais do que uma influencia recebida do dominio arabe.

Os edificios residenciaes que hoje se constroem denotam mais preocupação pela parte exterior. Verdade que não é possível construir pátios com arcadas

MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruario anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruario anexo à fábrica.

em terrenos de 12m,00 x 40m,00, mas ainda assim pode-se obter um jardim de carater privado. O arquiteto Angelo Bruhns sugere uma solução colocando o serviço á frente, separado da rua por muro alto. É uma formula reacionaria talvez, dado o desuso entre nós, mas orientada pelo bom senso em muita casa que se faz fóra daqui.

Assim, parecendo estranho o partido, é entretanto admissivel, porque afinal mais vale uma casa para o morador, como faziam os antigos, do que uma casa para o publico, como costumamos fazer.

MARIETTA KENDALL.



Conselhos práticos

PARA TIRAR O MAU CHEIRO DO COZIMENTO DOS REPOLHOS — Pôr dentro do caldeirão ou panela, onde se está cozinhando repolho, um saquinho de tecido branco contendo miolo de pão, este absorve completamente o cheiro assim como o sabor acre de todas as especies de repolhos e couves.

—()

PARA CLAREAR A PELE — Em alguns povos do norte da Europa, as mulheres têm a pele clara e muito fina, dizem que elas conseguem esta alvura e ma-

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postica o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postica com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

89-B

cieza lavando o rosto diversas vezes por dia com agua na qual fizeram cozinhar farelo. Não custa fazer a experiencia. Aliás é a agua de farelo já empregada entre nós, nos banhos das crianças com brotoejas. Naturalmente é coada a agua ou o farelo metido dentro de um saquinho de etamine para cozinhar.

—()

LIMPEZA DAS ESCOVAS — Em geral são limpas esfregando-se com farelo. Quando os fios de crina são muito flexíveis, mergulha-os no amoníaco puro e deixar secar sem enxaguar. Póde-se

também lavar os fios de crina como a mistura de agua e carbonato de soda (para meio litro de agua um pedaço do tamanho de uma noz), evitar de molhar a parte de traz e o cabo da escova. Repetir a operação até a completa limpeza, enxaguar na agua fria, sacudir, mas não enxugar, póde-se por ao sol.

Numeros atrasados desta revista em Sergipe

Procurar a **LIVRARIA REGINA**
Rua João Pessoa, 157 — Aracajú



A vida preciosa

de seu filho pode ser ameaçada por uma perigosa diarreia. Contra este terrível mal existem como remédio sem igual os comprimidos de Eldoformio, um producto da casa «Bayer».

Combata as diarreias com os comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

Bordado dinamarquês

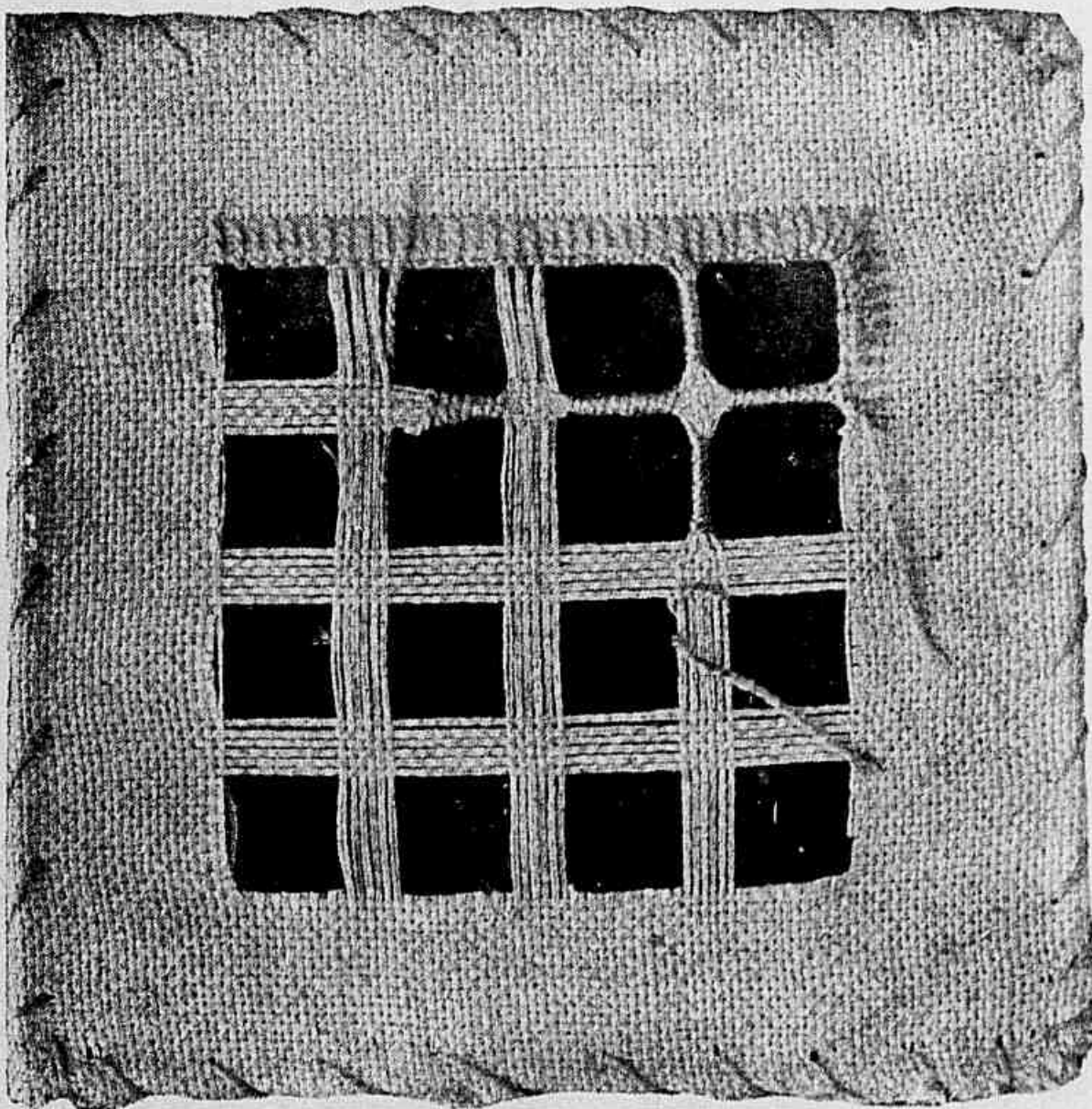


Fig. 1 — Começo do trabalho num quadrado. Para obter este quadrado, retirar os fios no sentido da altura e no da largura. Cortar 4 vezes 12 fios deixando 6 fios de intervalo. Enrolar estes fios restantes com a linha n. 3, de maneira a formar baguettes roliças. As beiradas consolidadas por um ponto de festão.

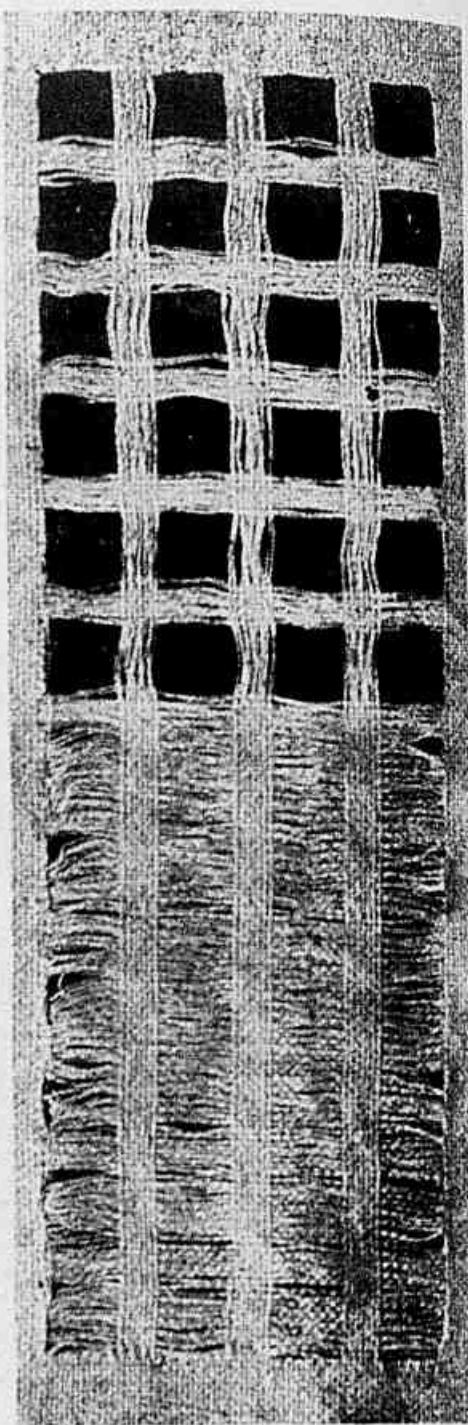


Fig. 2 — Preparo para executar uma barra num store ou toalha.

OS AMIGOS

(Continuação da pag. 30)

O estribilho melancólico do rio e o suave e triste assobio do homem desgraçado, fundiam-se num só acorde, flutuando lamentosamente ao silêncio noturno do bosque. De quando em quando, os ramos secos espirravam e estalavam na fogueira, parecendo desprender de si gemidos e suspiros. Dir-se-ia que simpatizavam com a vida, mais lenta que a sua morte pelo fogo, e mais dolorosa, portanto.

— Vamos já? — perguntou Esperando, de repente.
— Ainda é muito cedo. Iremos quando for completamente noite — respondeu Dançarino sem levantar a cabeça do trabalho que tinha entre mãos. Esperando suspirou e poz-se a tossir.

— Tens frio? — perguntou-lhe o companheiro depois de breve pausa.

— Não. Estou triste... e não sei porque.
— E's extraordinário!
— Dê-me o coração.
— Isso é da doença.
— E' possível. E daí talvez seja outra coisa.
Dançarino ficou um instante calado e depois disse:
— Não penses nisso.
— Em que?
— Em nada.

— Pois olha — disse Esperando, animando-se de subito, — não posso deixar de pensar. Vejo-o — e indicou o cavalo, — olho para ele e lembro-me que também tive um parecido. Era também pequeno e fraco, mas nunca tive melhor ajuda para o trabalho. Cheguei a ter dois... Naquele tempo trabalhava que era um gostol...

— E que te resta de tudo isso? — perguntou Dançarino, seca e friamente. — Não gosto de te ouvir falar dessas coisas. Levas agora uma vida livre e não fazes se não suspirar! Porque? Esperando deitou silenciosamente ao fogo um punhado de ramos secos que partira em pequenos bocados e seguiu com a vista as faúlhas que se dispersavam no ar extinguindo-se gradualmente na atmosfera húmida; pestanejava sem cessar e o rosto toldava-se-lhe pouco a pouco de tristeza.

Voltou a cabeça para onde estava o cavalo e pôs-se a examiná-lo atentamente.

O animal permanecia imóvel como se estivesse cravado na terra e a cabeça, desfigurada pelo açaímo da manga, pendia-lhe gravemente para o solo.

— Raciocinemos friamente — disse Dançarino com acento sugestivo. A vida é o dia e a noite; e assim se passam as vinte e quatro horas. Vivemos dia a dia.

Se há que comer, melhor; se não há, resmunga-se um pouco, mas cala-se a gente logo porque não vale de nada resmungar. Mas quando tu te pões a falar do que falaste agora, tornas-te aborrecido. Eu bem sei que isso é devido á doença, mas...

— Sim, sim; deve ser isso. A doença — retorquiu Esperança; e depois de um momento de silêncio acrescentou: — E talvez também da fraqueza do coração.

— Mas o coração enfraqueceu-te por causa da doença, — declarou Dançarino em tom dogmático. Cortou uma vara de vime, brandiu-a com força fazendo com que a deslocação do ar produzisse um silvo e continuou dizendo gravemente:

— Eu cá tenho saúde; comigo não se dá isso!

O cavalo escarvou a terra. Estalou um ramo seco e uma porção de terra foi cair na ribeira fazendo glu-glu, juntando novas notas á sua tranquila melodia. Duas aves desprenderam o vôo e partiram soltando gritos vibrantes e assustados. Esperando seguiu-as com a vista e perguntou em voz baixa:

— Que especie de passaros serão estes? Estorninhos não me parece que sejam; os estorninhos não tem que fazer no

bosque, gostam mais de viver perto das habitações. Devem ser papagaios da Bohemia; sim, não é outra coisa.

— Talvez sejam galinhas, — disse Dançarino.

— Ainda, é cedo; e, além disso, as galinhas vivem nos pinhais, não vem para o bosque. São papagaios da Bohemia, não ha que vêr.

— Que me importa a mim que sejam uns ou outros?

— Então... — Esperando suspirou outra vez, sem causa aparente.

A obra de Dançarino adeantava-se com rapidez; já tinha feito o fundo da cesta e começava a entrançar-lhe habilmente os lados. Adelgaçava os vimes com a navalha, cortava-os depois com os dentes, espetava-os, ligava-os, e, entrelaçando-os rapidamente com as pontas dos dedos, resfolegava, eriçando ainda mais o bigode.

Esperando olhava, ora para o camarada, ora para o cavalo que parecia petrificado, com a cabeça sempre inclinada para o chão. De quando em quando olhava para o céu já inundado de sombra e onde nem uma estrela brilhava. Subitamente, disse com uma intonação estranha:

— O dono há de vir buscar o cavalo e não o encontra; ha de procurá-lo por toda a parte... inutilmente.

Agitou as mãos num gesto vago, fez uma cara imbecil e piscou os olhos como se lhes tivessem assestado um foco luminoso.

— Porque dizes isso? — perguntou Dançarino asperamente.
— E' que me lembrei de uma historia — retorquiu Esperando como a desculpar-se.

— Qual historia?
— Vou contar-te. Uma vez roubaram também um cavalo... o cavalo pertencia ao meu visinho Miguel, um aldeão muito gordo e picado das bexigas.

— Bem; o que mais?

— O cavalo foi roubado... no outono. Andava a pastar num campo de trigo e... desapareceu. Quando o Miguel percebeu que tinha ficado sem o cavalo, cahiu no chão e pôz-se a chorar e a gritar... a gritar... Parecia que lhe tinham quebrado as pernas?

— E depois?

— E depois... ficou assim por muito tempo.

— E a que proposito vem isso agora?

Ao ouvir aquela pergunta disparada á queima roupa, Esperando afastou-se um pouco do camarada e respondeu timidamente:

— E' que... me recordei, porque um camponês sem cavalo cai na miséria.

— Repara no que te digo — disse Dançarino torvamente, fitando no companheiro um olhar penetrante, — não tornes a falar-me nisso. As tuas histórias não servem para nada. Percebeste? Não tens nada com isso!

— Mas faz pena! — retorquiu Esperando com um encolher de ombros.

— Pena! Não tens medo que ninguém tem pena da gente.

— Sim; lá isso é verdade.

— Então cala-te. Vamos embora.

— Já?

Esperando chegou-se para a fogueira, despertou-a com um pau e, olhando para Dançarino que se entregava de novo á sua tarefa, disse num tom doce e suplicante:

— Deixemo-lo ir embora!

— Vejo que estás hoje de muito mau humor, — disse Dançarino com aspecto contrariado.

— Digo-te sob minha palavra de honra que o assunto precisa ser refletido — respondeu Esperando, em voz baixa e convincente. E' preciso! E' preciso levar o cavalo a quatro verstas daqui. E se os tartaros não o quiserem o que haremos de fazer?

— Isso é comigo.

— Como quizeres. Mas valla mais deixá-lo ir embora. Que vá para onde quizer. Se está já meio arrebatado!...

Dançarino não descerrou os lábios, mas os dedos moviam-se-lhe nervosamente.

— Se ficarem com ele, quanto nos darão? — continuou obstinadamente Esperando. — E esta é a melhor ocasião. Daqui a pouco é completamente noite. — Depois de curta pausa e numa outra ordem de idéias, proseguir: — Se tivermos seguido a margem da corrente até Dubenka talvez tivéssemos arranjado coisa melhor.

O monotono discurso de Esperando, flutuando no ar de envolta com o murmúrio da torrente irritava os nervos de Dançarino. Calava-se, cerrando os dentes, mas partia os vimes entre os dedos, tal era a sua excitação.

O cavalo soltou um relincho parecido com um profundo suspiro e começou a agitar-se. Dubiamente visível na treva que o envolvia, parecia mais disforme e miserável.

Dançarino olhou-o e cuspiu no lume.

— As aves já estão fora nos charcos... os patos e os gansos.

— Já acabaste? — disse Dançarino, desgostado, interrompendo o amigo.

— Não te zangues por tão pouco, camarada! Que vá para o diabo! não é isso?

— Já comeste hoje alguma coisa? — perguntou Dançarino encolerizado.

— Não, — respondeu Esperando assustado com a brusca transição de tom com que Dançarino lhe falava.

— Pois bem; desisto do cavalo e não me ralo que rebentes p'raí!

Esperando, sentencioso, viu-o reunir uma mão cheia de vimes e ouviu-o fungar, enojado. O reflexo da fogueira iluminava-lhe em cheio o rosto vermelho, irritado e em que o bigode se eriçava cada vez mais.

Esperando voltou-se e suspirou profundamente.

— Torno a dizer-te que pouco me importo. Faze o que quizeres, — exclamou Dançarino com voz aspera e enrouquecida.

— Bem.

— Mas advirto-te que se continuas com rodeios desse genero deixo de ser teu companheiro. Já te disse o bastante. Bem te conheço. Temos dito.

— E's muito original! um tipo verdadeiramente original.

— Bem; acabou-se!

Esperando sentiu uma críspação e pôz-se a tossir. Quando lhe passou o acesso de tosse disse com dificuldade por entre suspiros:

— Se disse tudo isto foi principalmente porque é perigoso...

— Basta! — gritou Dançarino nervosamente.

E levantando do chão o molhe de vimes, pô-lo ás costas, pendurando no braço o cesto por concluir, e pôz-se em pé.

Esperando levantou-se também, e, depois de lançar para o companheiro um rápido olhar, aproximou-se lentamente do cavalo.

— Eh! eh!... quieto! Espera aí, imbecil!

Dançarino seguiu com a vista o companheiro que se ocupava do cavalo e lhe tirava o farrapo que o subjugava pelo focinho.

Os seus lábios de ladrão empedernido começaram a tremer.

— Vens, ou não — disse, pondo-se em marcha.

— Já vou, — respondeu Esperando.

E abrindo caminho através do matagal, seguiram ambos pela margem da torrente, silenciosos, abismados na escuridão noturna que os protegia.

O cavalo seguia-os.

Um ruído de água entrechocando-se, elevou-se pouco depois, por detraz deles cobrindo a suave melodia da corrente.

— Vês o parvo?... Repara; tropeçou e caiu ao rio, — disse Esperando.

Dançarino, colérico, bufava sem responder.

No pesado solo, que ladeava a corrente, o brande e misterioso estremecimento do matagal descia até eles desde o ponto em que as brisas brilhavam na treva, num montão

É este um genero de bordado muito em voga atualmente. Executa-se-o com a agulha, linha grossa sobre *éamine* ou linho de trama com fios grossos e da mesma grossura. A fig. 1 mostra o preparo do tecido para o trabalho: prega-se o tecido num bastidor ou numa moldura de arame (quadrado ou retangular), depois corta-se com intervalos regulares no sentido da altura e da largura, um certo numero de fios que são tirados, para formar com os fios restantes, uma rede regular sobre a qual trabalha-se reproduzindo os desenhos que damos.

O trabalho terminado, o tecido em alguns casos desaparece completamente, transformado em bordado, ou pelo contrario póde aparecer sómente como incrustação no meio do tecido. Por esta razão são variadissimos os efeitos que se póde obter, repetindo-se o mesmo desenho, ou combinando diversos. Se todos os desenhos do Bordado Dinamarquês são constituídos em quadrados, póde-se no entanto tambem fazer com eles trabalhos retangulares assim como barras no comprimento como indica a fig. 2.

Obtem-se, empregando este bordado só ou misturado com o *filet*, com o bordado inglês, a renda de *crochet* o de Veneza, etc., guarnições taes como almofadas, *store*s, toalhas e centros de mesa, muito variados e do mais belo efeito decorativo.

Este trabalho é sempre executado com uma linha grossa e nós recomendamos empregar para a *éamine* seja a linha brilhante C. B. *à la Croix* n. 3 (Art. 218), seja o fio brilhante para renda C. B. da mesma marca (Art. 305) em novelos de 50 grs.

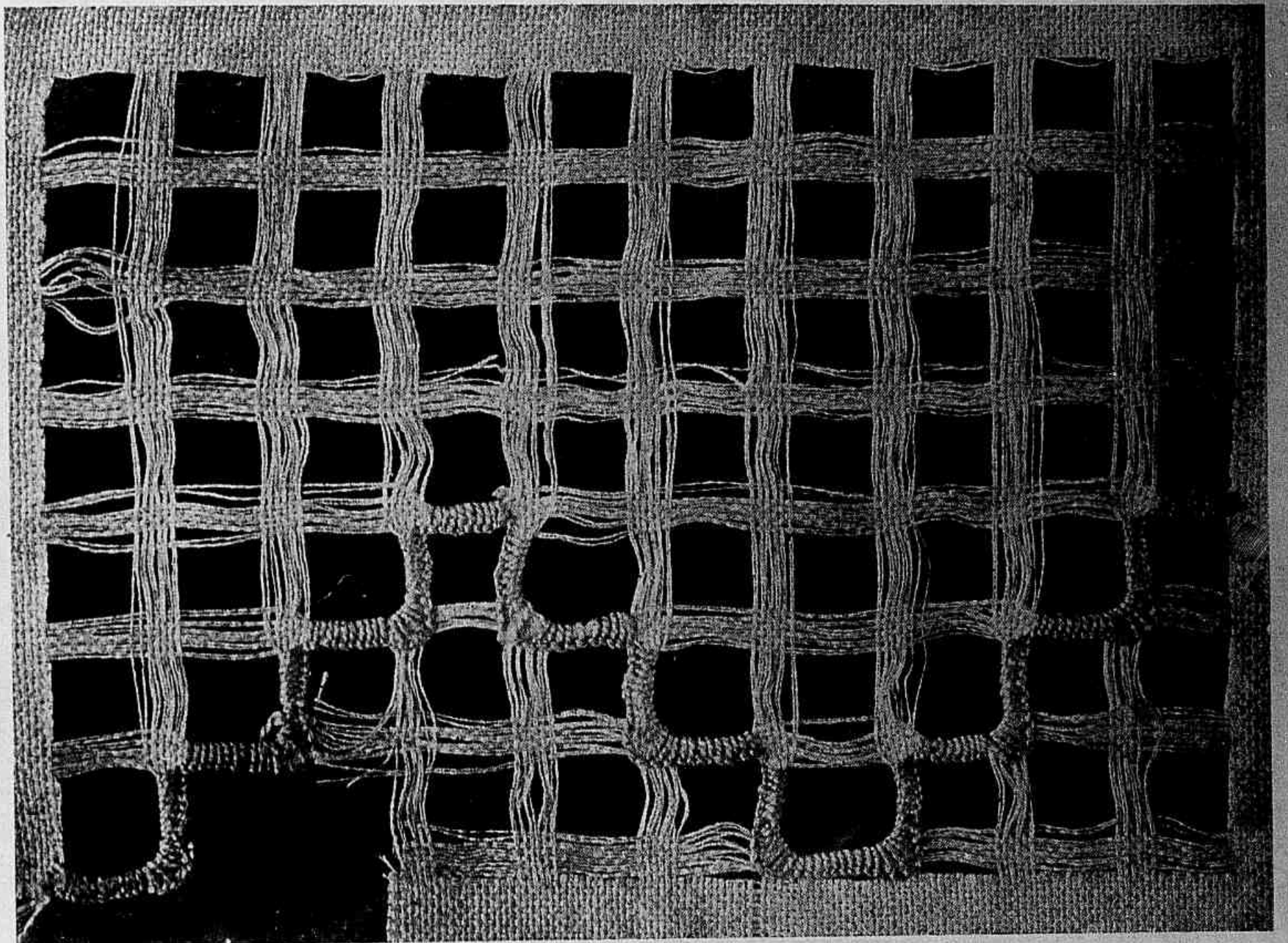


Fig. 3 — Maneira de festonar a beirada recortada.

vermelho, como monstruosa pupila malvada e cruelmente trocista.

Surgiu a lua.

O seu brilho transparente e suave encheu de opaca claridade o pequeno vale. As sombras delineavam-se, definiam-se; o bosque tornou-se mais espesso e a calma pareceu mais profunda e mais severa. Os alamos brancos, prateados pela lua, destacavam, como cirios no fundo sombrio dos azinheiros, dos olmos e do matagal bravo.

Os dois amigos continuavam marchando pelo fundo do vale mas penosamente, porque os pés tão depressa escorregavam como se enterravam profundamente no barro.

Esperando respirava com esforço, em aspirações curtas e desiguais. Sahiam-lhe do peito silvos, estertores, gritos lamentosos; parecia um velho relógio escangalhado.

Dançarino caminhava na frente e a sombra do seu corpo projetava em cheio sobre Esperando.

— Vamos andando, mas para onde? Que vamos fazer? disse Dançarino num tom resmungão e descontente, quebrando o silêncio.

Esperando suspirou e ficou calado.

— Além disso... a noite é mais pequena que o bico de um pardal. Chegaremos de dia à aldeia e que havemos de comer?... Vamos passear com as *madamas*.

— Não me sinto bem, meu amigo, — murmurou Esperando.

— Com que então não te sentes bem? — perguntou ironicamente Dançarino. — Ora vejam o que são as coisas! E que tens tu?

— Custa-me a respirar, — respondeu o ladrão doente.

— Custa? E porque é que não podes respirar?

— Naturalmente por causa da minha doença.

Dançarino deteve-se e, agitando o dedo em frente do nariz de Esperando, acrescentou: — Não podes respirar por causa da tua toleima. É' como canta. Percebeste?

Esperando curvou a cabeça quanto pôde e disse em ar de desculpa:

— Tens razão.

Querida dizer mais alguma coisa, mas a tosse voltou e impediu-lho.

Apoiou as mãos no tronco de uma árvore e tossiu largo tempo, batendo os pés com força e sacudindo a cabeça, com a boca extraordinariamente aberta.

Dançarino fitou atentamente aquele semblante transtornado que a luz da lua tornava verde-terroso.

— Vais acordar todos os lobos da floresta! — disse-lhe com azedume.

Assim que Esperando acabou de tossir e pôde respirar livremente, com a cabeça deitada para traz, disse-lhe com acento autoritário:

— Sentemo-nos e descansa.

E ambos se sentaram na terra húmida, na sombra projetada pelos matagais.

Dançarino fez um cigarro, acendeu-o, atentou como ardia e disse pausadamente:

— Se tivéssemos em casa alguma coisa que comer, já teríamos voltado.

— É' verdade, — disse Esperando com um gesto de cabeça.

— Mas como em casa não temos nada, é preciso continuar a andar.

— Sim; é preciso seguir.

Muito embora escusássemos de ir a parte alguma; tudo será útil. Somos tão estúpidos que...

A voz seca e áspera de Dançarino cortava o ar e parecia causar dolorosa inquietação em Esperando, que se revolia na terra gemendo e agitando-se convulso.

— Tenho fome! uma fome horrível! — acabou por dizer Dançarino num tom desfalecido e cheio de censuras.

Esperando levantou-se com ar decidido.

— Aonde vais? — perguntou Dançarino.

— Vamos embora!

— Que mosca te mordeu? Para que são agora essas pressas.

— Vamos!

— Pois vamos.

E Dançarino levantou-se por sua vez.

— Vamos, — disse — mas é inútil.

— Veremos o que sucede.
Esperando poz-se a andar como se o levassem para a força.
— Recuperaste o valor? — perguntou Dançarino.
— Que remédio! Fustigaste-me! não te fartaste de me censurar!... Ah! meu Deus!
— E porque procedeste sem refletir?
— Porque?
— Sim; porque?
— Porque tive dó... na aparência.

BRAÇOS E AXILLAS SEM MACULA

LIVRES DE PELLAS QUE
TANTO AFEIAM E ESTRAGAM
COM O SUOR OS SEUS
VESTIDOS

As grandes estrelas do Hollywood e do velho mundo não usam já mais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pellos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal *Racé* destrói instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pellos mais grossos. *Racé* é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado; não contém substancias prejudiciaes á pelle e não tem máo cheiro.

Racé elimina os pellos com incrível rapidez, não irrita a pelle e evita que os pellos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS
INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pellos das axillas, que exalam cheiro desagradavel.

Use *Racé* e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.



"LABORATORIOS VINDOBONA"
RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100
RIO DE JANEIRO

PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA.

Racé
o perfumado destruidor do pelo

LABORATORIOS VINDOBONA R. S. — R. 5
Rua Uruguayana, 104 - 5.º and.
Rio de Janeiro
Queria enviar-me o folheto explicativo ao
DEPILATORIO RACÉ
Nome
Rua
Cidade Estado

— De quem?... De quem?... com] todos os diabos!... Do homem.

— Do homem? — perguntou Dançarino pausadamente. Ah! tens bom coração, mas não tens uma migalha de talento! Deves alguma coisa a esse homem? Percebes? Se ele te deitasse as mãos ao pescoço, esmagava-te como se esmagava uma pulga entre as unhas. E nestas condições lamenta-lo! Agora podes mostrar-lhe a tua simpleza e verás como te faz sofrer o que não sofreu Cristo, por essa tua compaixão. Arrancava-te as tripas com as próprias mãos, tirava-te o sangue das veias, gota a gota, lentamente, a ti, sim, pela tua compaixão! Péde antes a Deus que te emparedem vivo, sem piedade; será preferível para ti. Péde-lhe que a chuva te converta em barrol... Dó!... Deixa-te lá disso, estúpido!

Dançarino estava fôra de si. A voz pungente e amarga, cheia de ironia e desprezo pelo companheiro, resoava por todo o bosque, repercutia-se infinitamente e a ramaria balouçava-se em torno deles com um ligeiro estremecimento como se aprovasse aquelas palavras, duras mas justas.

Esperando, esmagado, avançava num passo mal seguro, as mãos nas algibeiras do casaco e a cabeça profunda e tristemente inclinada para o peito.

— Ouve: — disse por fim. — Estamos quasi a chegar á aldeia... Eu irei só... não venhas comigo. Agarrarei, decididamente, o que encontrar á mão... e em seguida p'ra casa... Logo que chegar, deito-me. Sinto-me muito mal... Sem falar em ti.

Apenas se percebia o que dizia. Estava sufocado, com um ruído estranho, uma efervescência no peito. Dançarino fitou-o com ar desconfiado e parou. Quis dizer-lhe alguma coisa, mas reconsiderou que seria inútil e continuou a andar sem dar palavra.

Andaram por muito tempo, devagar e silenciosamente. A pouca distancia cantavam os galos e ladrava um cão. Uma ave adejava no espaço, pondo uma grande mancha negra na latea claridade da lua. Em todo o vale flutuava o seu grito agourento de mistura com o bater das azas.

— E' um corvo ou uma coruja? — perguntou Dançarino.

— Ouve, — exclamou Esperando deixando-se cair pesadamente no chão: — Vai tu; eu... fico aqui... Não posso mais!... Sufoco, anda-me a cabeça á roda...

— Estamos com sorte! — exclamou Dançarino. — Quer dizer que não podes mais?

— Não... não posso mais.

— Os meus parabéns!... Ora deixa-te disso!

— Sinto-me tão fraco!

— Grande milagre quan do se anda um dia inteiro com a barriga a dar horas!

— Não, isto... isto é que estou a acabar. Repara... repara como o sa ngue sai!

E Esperando mostrou ao camarada a mão manchada de uma coisa escura.

Dançarino fixou nela a vista e perguntou com voz cava:

— E que havemos de fazer agora?

— Vai-te... Eu fico aqui... descansarei... e talvez...

— E aonde hei de eu ir? A não ser que vá á aldeia e diga que está aqui um homem doente.

— Não; anda com cautela... olha que te espancam!

— Sim; tens razão. Se lhes caio nas unhas...

Esperando estendeu a boca para o ar, tossiu surdamente e expectorando sangue em abundancia.

— Deitas golfadas? — perguntou o amigo, em pé, junto dele, mas afastando a vista para outro lado.

— Estou deitando muito sangue pela boca, — respondeu Esperando debilmente, como num suspiro, e começando novamente a tossir.

Dançarino proferiu uma praga cinica, em voz alta e acrescentou:

— Se chamasse alguém?

— Quem?

— Se te pudesses levantar e fossemos muito devagarinho talvez...

— Não!

Dançarino sentou-se junto á cabeça do amigo e agarrando nos joelhos com as mãos, ficou-se contemplando o enfermo. O peito de Esperando arfava em movimentos irregulares com

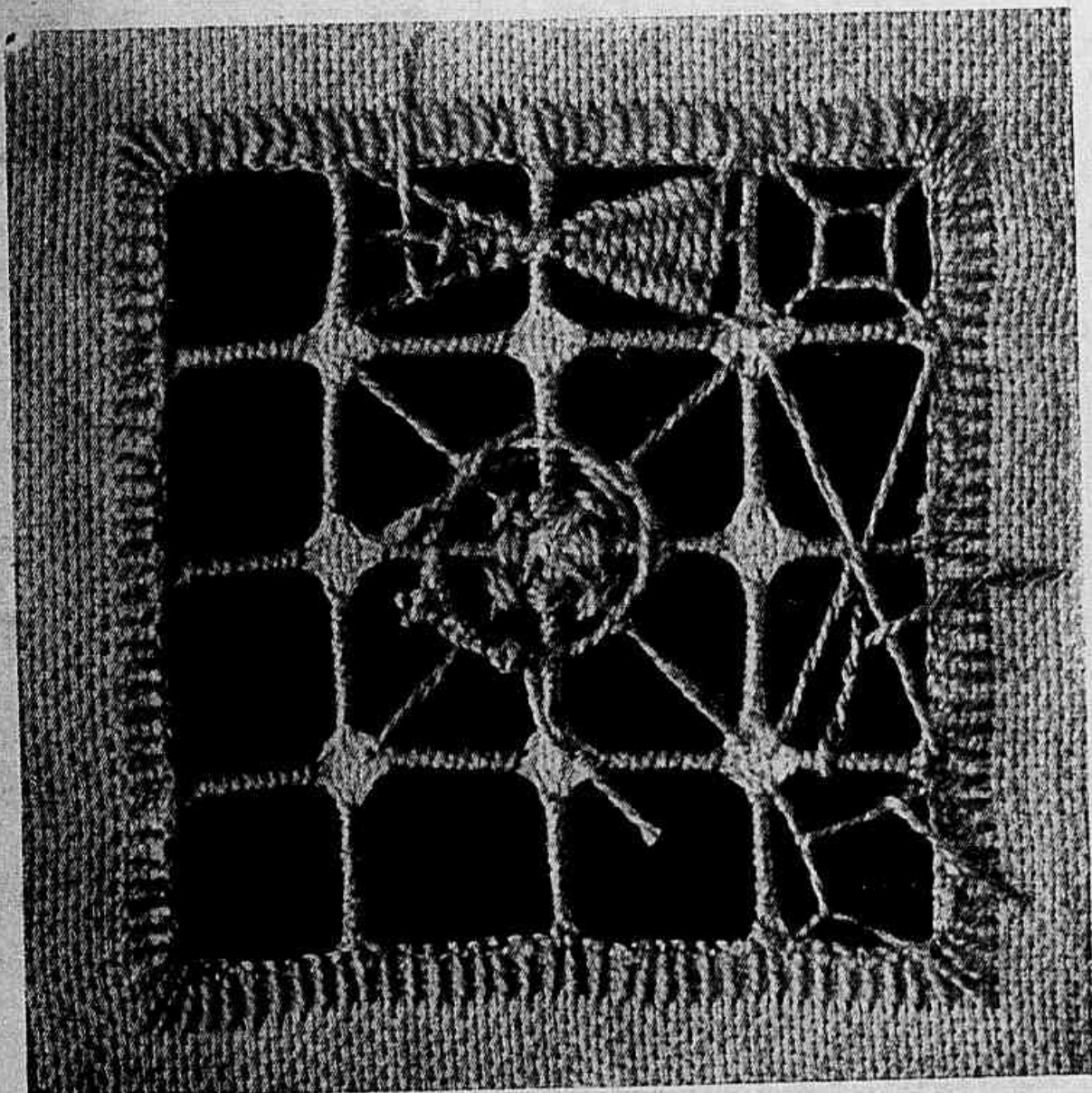


Fig. 4 — O quadrado em via de execução. O bordado é feito com a linha n. 3 ou 4 conforme a espessura do tecido. A primeira coisa a fazer é rodear o quadrado com um festonado logo depois de puxados os fios, em seguida cobrir os fios para formar os quadrados. O modelo mostra como são executados os diversos detalhes do trabalho.

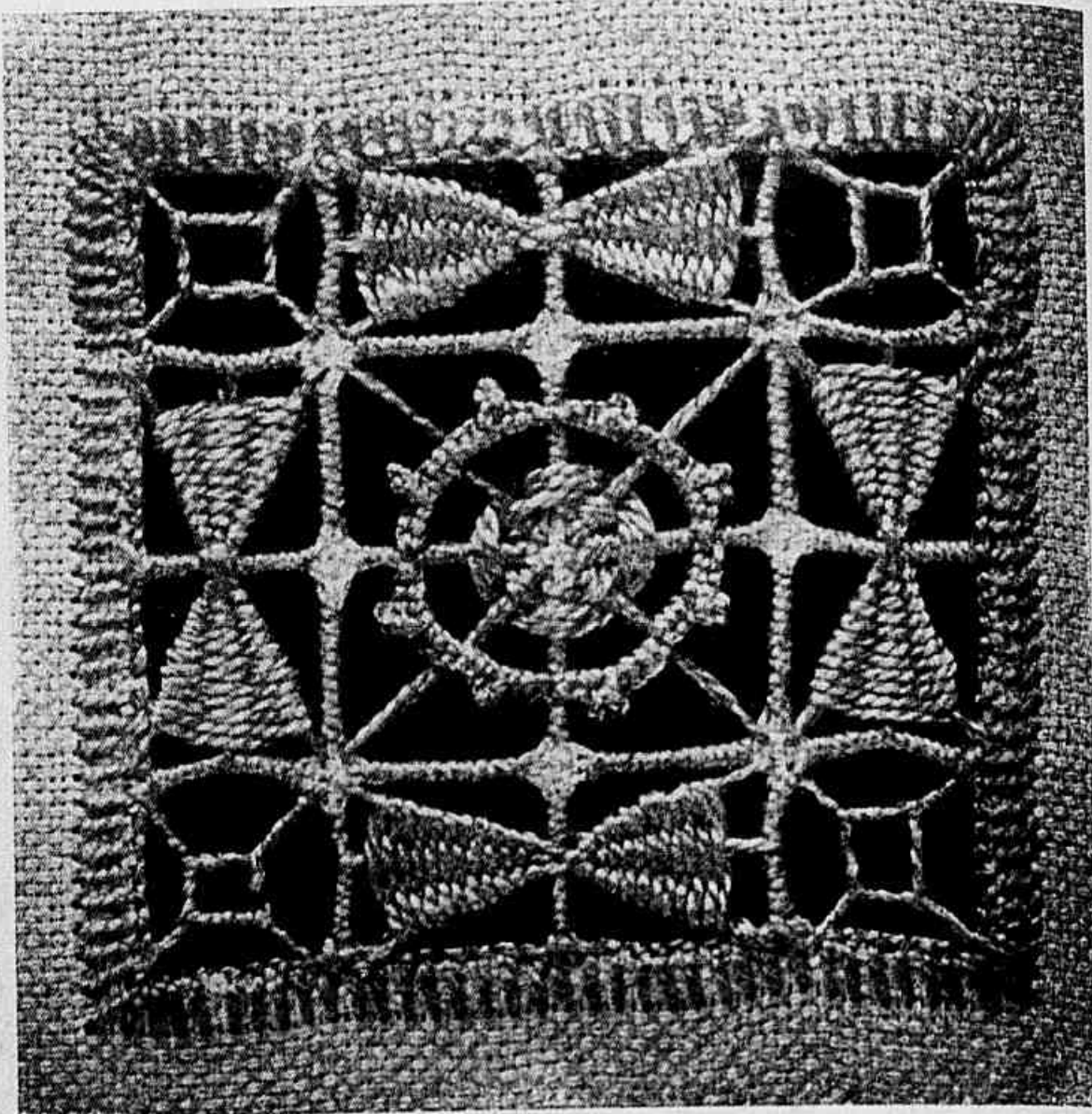


Fig. 5 — O quadrado terminado.

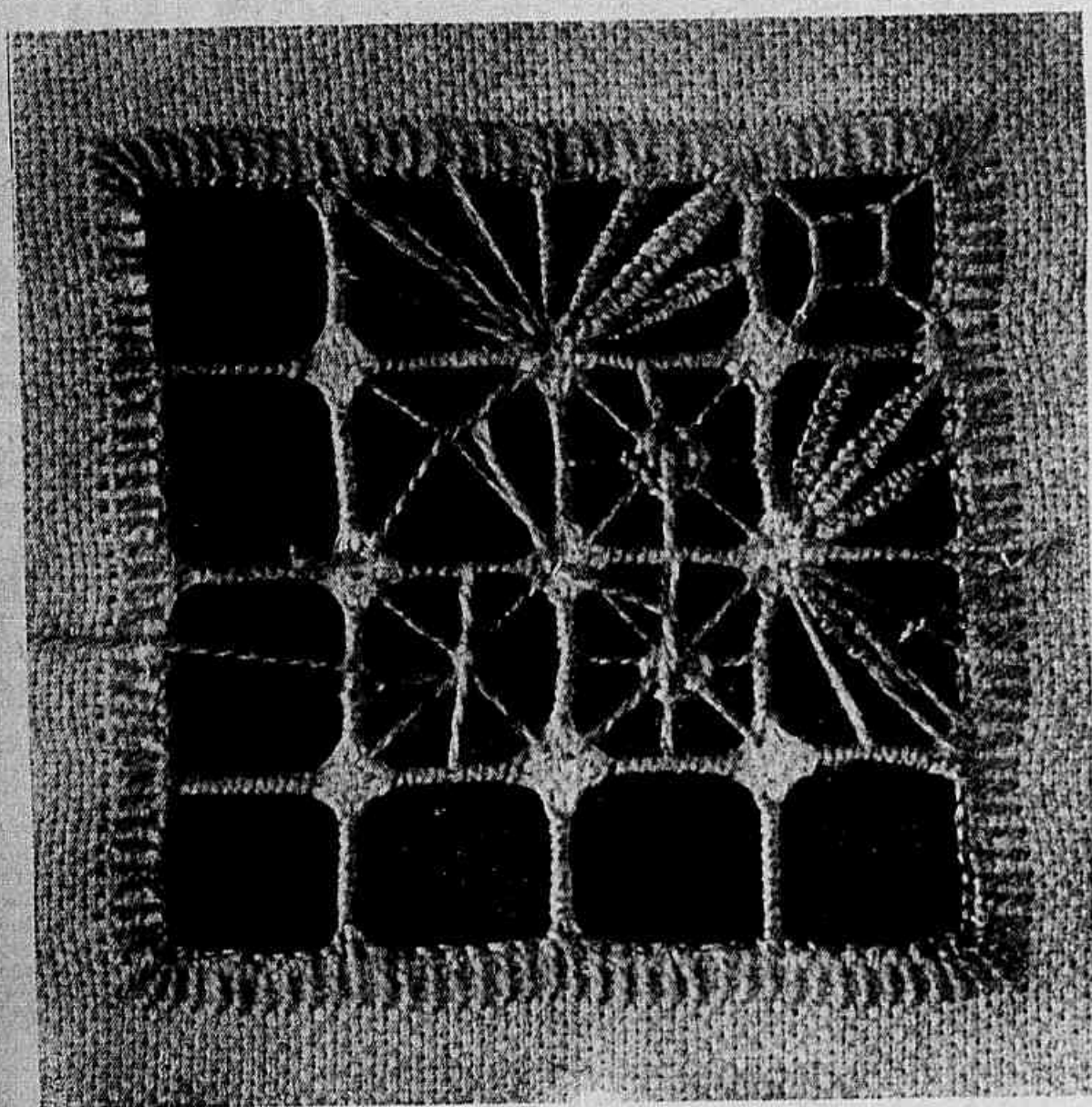


Fig. 6 — O quadrado em via de execução.

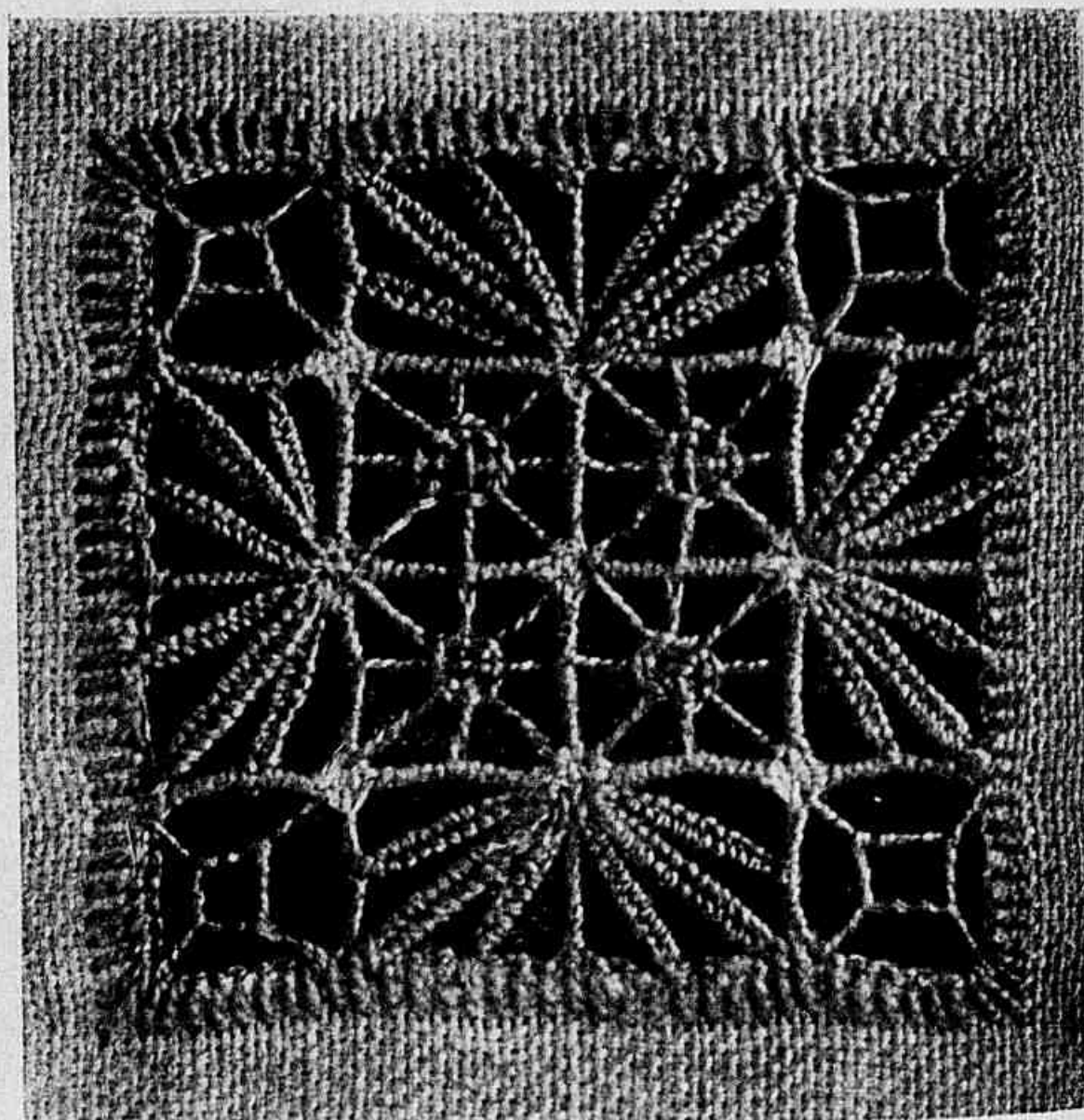


Fig. 7 — O quadrado terminado.

um roco surdo. Os olhos iam-se-lhes escondendo nas orbitas e os lábios empalideciam com uma rapidez pasmosa parecendo que iam colar-se-lhe aos dentes. Do canto esquerdo da boca jorrava um fio de sangue negro que escorria pela face.

— Continua? — perguntou Dançarino em voz baixa, num tom em que havia um que do respeitoso.

O rosto de Esperando estremeceu.

— Continua, sim.

Ouvir-se um debil rouquejar. Dançarino apoiou o rosto nos joelhos e ficou silencioso.

Por cima deles erguia-se a vertente do barranco sulcada de profundas ondulações produzidas pelas chuvas torrenciais da primavera e lá em cima assomava uma fileira de árvores iluminadas pela lua e projetando no barranco as suas sombras esguias e espectrais.

O talude fronteiro, de pendente mais suave, era coberto de arbustos; aqui e além surgiam massas sombrias e os troncos acintados dos alamos, entre os quais se distinguiram nitidamente os ninhos, estendiam-se como braços angulosos e contorcidos. E o vale, banhado pela lua, parecia um sonho, um fastidioso sonho, falho das cores da realidade. O murmúrio pacífico da corrente aumentava aquela ausência de vida acentuando a triste tranquilidade do quadro.

— Ai que eu morro! — balbuciou Esperando em voz apenas perceptível. E repetiu logo em voz alta e firme:

— Eu morro! camarada.

Dançarino, comovido, tremia. Agitou-se, resfolegou violentamente e levantando a cabeça dos joelhos, disse muito baixinho como se receasse distraí-lo:

— Não tenhas medo!

E inclinando-se sobre o rosto do amigo murmurou:

— Isso não ha de ser nada!... Póde ser que seja simplesmente... vamos, meu amigo...

— Isso não é nada, asseguro-te!

— Meu Deus! — suspirou Esperando.

— Isso não ha de ser nada — repetiu Dançarino inclinándose ainda mais para o amigo. — Vá, tem coragem! Talvez isso te passe depressa...

Mas Esperando tornou a tossir. Um novo ruído se lhe escapou do peito; dir-se-ia que lá dentro se esfarrapara qualquer coisa semelhante a um trapo molhado.

Dançarino olhava-o retorcendo o bigode, absorto num profundo silêncio.

Esperando acabou de tossir e poz-se a respirar entrecortada e ruidosamente como se tivesse acabado uma vertiginosa corrida. Esteve assim muito tempo. Depois começou a falar e as palavras saíam-lhe num murmúrio, entrecortado de quando em quando por aspirações cada vez mais fracas.

Parecia que cada uma dessas palavras arrastava consigo um pedaço de vida.

— Perdôa-me... camarada... se te...

— E também... por essa historia... do cavalo... Perdôa-me, meu irmãozinho!

— Tu é que tens a perdoar-me, — interrompeu Dançarino que, depois de curta pausa, acrescentou:

— Mas sonda hei de eu ir agora e que farei sem ti?

— Tu?... tu... que Deus te...

E gemeu sem acabar a frase.

Momentos depois parecia ressonar. Estirou as pernas, afastando-as um pouco uma da outra.

Dançarino não desfitava os olhos dele.

A ramaria do bosque imobilisara-se numa desesperante impassibilidade.

Decorreram alguns minutos longos como horas.

Irmãozinho, como te sentes? — perguntou Dançarino.

Mas o amigo não lhe respondeu; estava estendido, sem movimento.

Dançarino permaneceu largo tempo junto do camarada; depois levantou-se, tirou o gorro, fez o sinal da cruz e afastou-se lentamente seguindo pela margem do rio.

O seu rude semblante contraía-se numa dolorosa e trágica expressão; as sobrancelhas e os bigodes eriçavam-se-lhe mais que de costume e avançava, pisando violentamente a terra como se quizesse fazer-lhe mal.

Começava o dia a assomar num céu pardacento e sem duração, e o pequeno vale continuava abismado num silêncio profundo; unicamente o rio prosseguia, impassível, a sua cantilena monótona e enfadonha.

De subito ouviu-se um ruído; talvez um pedaço de terra que saltando-se do barranco se despenhava no abismo, rolando até ao fundo da torrente.

As gralhas despertaram ao ouvi-lo e desprenderam o vôo, soltando vibrantes gritos de alarme.

Mas esses gritos não perturbaram por muito tempo a silenciosa placidez do vale. Apenas se elevaram, foram-se diluindo no ar humido e frio da torrente.

PARA CRIANÇAS



1 — Roupinha de linho azul, a blusa com pregas. 2 — Vestido de cretone ou linho de fantasia, guarnecido com cadaços zig-zag dos dois tons dos desenhos. 3 — Vestido e bolero de crepe de seda ou tecido de algodão de fantasia, guarnecido com tiras de crepe ou fustão branco recortadas em festões. 4 — Vestidinho de linho ou voile de fantasia, a gola bordada. 5 — Vestidinho de linho estampado enfeitado com pregas. 6 — Vestido de zefir listado, gola de fustão branco. 7 — Vestidinho de linho vermelho, com pala e manguinhas de tecido branco com desenhos vermelhos. 8 — Vestido de linho ou voile de fantasia guarnecido com franzidos mantidos por um vize. 9 — Vestido de shantung ou linho branco enfeitado com vizes verdes.

**PRATOS QUE
agradam
A TODOS**

Sopas, pudins e demais
pratos ficam mais nutri-
tivos e saborosos si pre-
parados com MAIZENA
DURVEA. Peça, gratis, um
exemplar do "Meu Livro
de Receitas" e prepare
pratos deliciosos.



À MAIZENA BRASIL S.A.

CAIXA POSTAL, F. S. PAULO

Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade

Estado

MAIZENA DURVEA



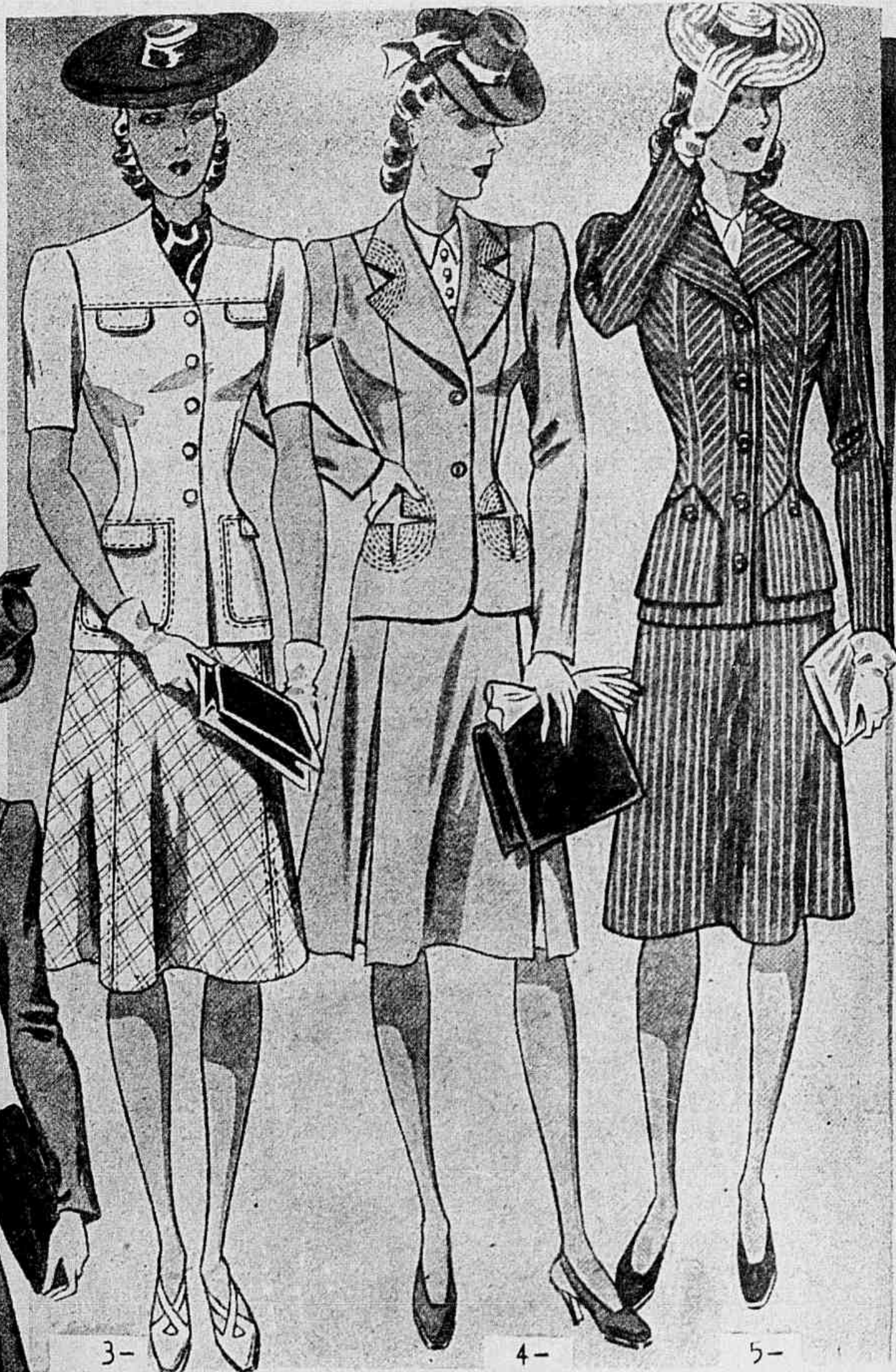
COSTUMES VARIOS



1-



2-



3-

4-

5-

- 1 — Costume de linho branco, casaco cintado, bolsos originaes. 2 — Costume de crepe azul marinho, o casaco com grandes bolsos e pala nas costas. 3 — Costume de lã ou linho; a saia com xadrez preto sobre fundo branco, o casaco branco com pespontos pretos. 4 — Costume de linho verde resedá, guarnecido o casaco com pespontos pretos. 5 — Costume de lã ou crepe cinzento com listas brancas.



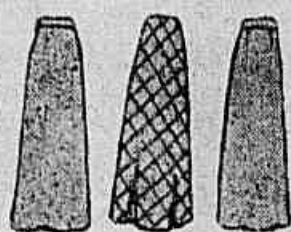
O TONICO ORIENTAL

não deve faltar no toucador de uma senhora elegante. Elle é a defesa permanente da cabelleira, contra as caspas, a queda do cabelo, a calvicia, as cans prematuras.

L&K

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Blusas modernas



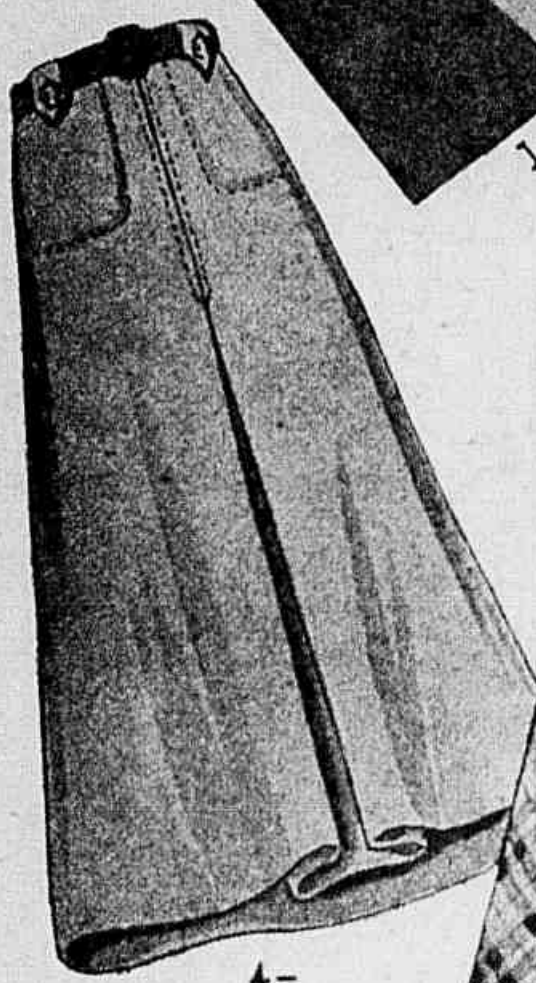
3-



1-



2-



4-



5-



6-



7-



8-

- 1 — Blusa de organza com babadinhos de tecido ou de renda Valenciennne. 2 — Blusa de cambraia ou crepe, guarnecida com pontos abertos e duplo jabot. 3 — Blusa de toile de seda com listas, enfeitada com o proprio tecido. 4 — Saia de crepe ou linho, prega dupla na frente e pespontos. 5 — Saia de tecido escocoz com pala na frente. 6 — Saia de crepe ou linho com pregas e pespontos. 7 — Blusa de crepe georgette, enfeitada com preguinhas e entremeios de renda Valenciennne. 8 — Blusa de laize bordada, guarnecida com babadinhos.

Porque as rosas têm espinhos



Aldyr, filho do sr. Alecy Torres da Cunha e d. Nancy Monteiro Torres da Cunha.

Conto infantil de GABRIELA MISTRAL.
Tradução de ESTHER E EYDHER PESTANA.

Aconteceu com a Rosa o mesmo que com muitas outras plantas: — no princípio foram plebeias, por sua grande quantidade e pelos lugares onde se colocavam.

Nada faz crer que a Rosa, hoje princesa do reino das folhas, tenha sido criada para embelezar os caminhos. Mas foi, sem dúvida.

Deus tinha andado pela Terra, disfarçado em romeiro, durante todo um dia calmo, e, ao voltar ao céu, alguém lhe ouviu dizer:

— São desoladores esses caminhos da pobre Terra! O sol os castiga, e vi, andando por eles, viajantes que enlouqueciam de febre e cabeças de animais desfalecidos. Os irracionais queixavam-se, na sua ingrata linguagem, e os homens blasfemavam. Além de tudo, como são feios os muros terrosos e desmoronados!

Os caminhos são sagrados, porque unem os povos distantes uns dos outros e porque o homem vai, por eles, no afã da vida, cheio de esperanças, se é mercador; com a alma extasiada, se é peregrino.

Bom será que façamos tálidos frêscos e vias formosas para esses caminheiros: sombra e motivos de alegria.

E fez os salgueiros, que lhe agradeceram com seus braços inclinados; os álamos copados, que projetam sombra por largo espaço, e as rosas trepadoras, enfeite dos muros pardos.

Eram os rosais, por aquele tempo, pomposos e alastrados; o cultivo e a reprodução,

repetidos até o infinito, foi que lhe atrofiaram a exuberância.

E os mercadores e os peregrinos sorriam, quando os álamos, como um desfile de virgens, os viam passar, apreciando-lhes os gestos, ao sacudirem o pó das sandálias, debaixo dos rociados salgueiros.

E mais amplo foi o sorriso, e maior foi a emoção, ao descobrirem o tapete verde das muralhas, salpicado de manchas vermelhas, brancas e amarelas, que eram como se fossem feitas de carne perfumada. Os animais, mes-



Maria Lucia, 5 anos, e Mario Luiz, 3 anos. Filhos do casal Mario Saraiva e d. Maria Alice Pinto Saraiva.

mos, demonstraram o seu modo de prazer. Elevaram-se dos caminhos, rompendo a paz do campo, cantos dum estranho misticismo, louvando o prodígio.

Acontecem, porém, que o homem, ainda desta vés, como sempre, abusou das cousas concebidas para a sua alegria e confiadas ao seu amor.



A graciosa menina Vera Lucia, filha do sr. Jalilul Paes Barreto e d. Maria Eugénia Paes Barreto, de sete anos de idade mas já inteligente declamadora.

A altura defendeu os álamos; as folhas lanceadas dos salgueiros não tinham atrativo; ao contrário, as rosas o possuíam, de sobra, olorosas, como um frasco de perfume oriental, e indefesas como uma criança nas montanhas.

Como um mês de vida, nos caminhos os rosais estavam barbaramente mutilados e três ou quatro rosas feridas.

As rosas eram mulheres e não calaram o seu martírio. A queixa foi levada aos ouvidos do Senhor. E assim falaram, trêmulas



Anna Maria e José Amaro, filhinhos de d. Herolina Teixeira Mattos e sr. Antonio Antunes de Mattos.

de ira, mais vermelhas que sua irmã amapolá:

— Ingratos são os homens, Senhor; não merecem tuas graças. Saímos de tuas mãos, faz pouco tempo, íntegras e belas; estamos já mutiladas e miseráveis.

Quizemos ser agradecidas ao homem, e para ele realizamos prodígios: abrimos amplamente as nossas corólas para que melhor se evolasse o perfume, que é nossa alma; fatigamos as hastes, na ância de sugar-lhes a seiva, para que estivessemos sempre fresquíssimas. Nossa beleza nos foi fatal.



Luiz Armando, primogênito do dr. Luiz Gonzaga Fructuoso Braga e de sua esposa d. Zuleika Lippel Braga, residentes em Itapetinga, Estado de São Paulo, que comemorou o seu 1.º aniversário no dia 30 de Setembro p. passado.

Passou um pastor. Todas nós nos inclinamos para ver aqueles líbicos de lá que o seguiam.

— Parece um arreból, disse ele, e saúdam com ademanes, como as rainhas dos contos.

E, galhofeiro, arrancou duas rosas gêmeas, que sorriam no extremo dum longo ramo.

Atraz dele vinha um aldeão. Abriu os olhos, assombrado, gritando:



Marly, filha do sr. Manoel Corrêa e d. Delia Fernandes Corrêa.

— Prodígio! O muro vestiu-se de percal multicolor; até parece uma velha alegre... E imediatamente:

— Para Anica e sua boneca! Arrancou seis rosas de uma haste única, e saiu arrastando o resto da rama.

Passou um velho peregrino. Olhava-nos dum modo estranho; seus olhos e pupilas pareciam iluminados. Exclamou:

— Louvado seja Deus em suas criações candidas! Senhor, quero ir te glorificando nesta.

E levou a nossa mais bela irmã. Um vadio se aproximou.



Solange Maria de Magalhães completou 6 anos de idade no dia 8 de Outubro de 1942, filha do sr. Oswaldo de Magalhães e d. Zuleika de Magalhães.

— Que comodidade! disse. Flores, mesmo nas estradas! Enfeitou-se com uma brácea florida e partiu, cantando, pelo caminho a fora.

Senhor, a vida assim não é possível. Mais uns dias, e os muros ficarão como danter: desapareceremos...

— Que quereis?

— Defesa! Os homens escudam suas hortas com púas agudas e espinheiros. O mesmo poderias fazer conosco.

Sorriu, com tristeza, o bom Deus, porque tinha querido fazer a beleza fácil e benévola. Respondeu, entretanto:

— Sêja! Vêjo agora que, em muitas cousas, terei que proceder igualmente. Os homens me farão pôr, em minha criação, hostilidade, malvades.

Os rosais sentiram que inchavam, e se foram formando, aos poucos, pontas agrestivas; os espinhos.

E o Homem, injusto sempre, propalou, depois, que Deus vai fazendo desaparecer a bondade de dentro de sua grande obra.



João Batista, filho do sr. Alvaro Alves Eiras e d. Edith Eiras.

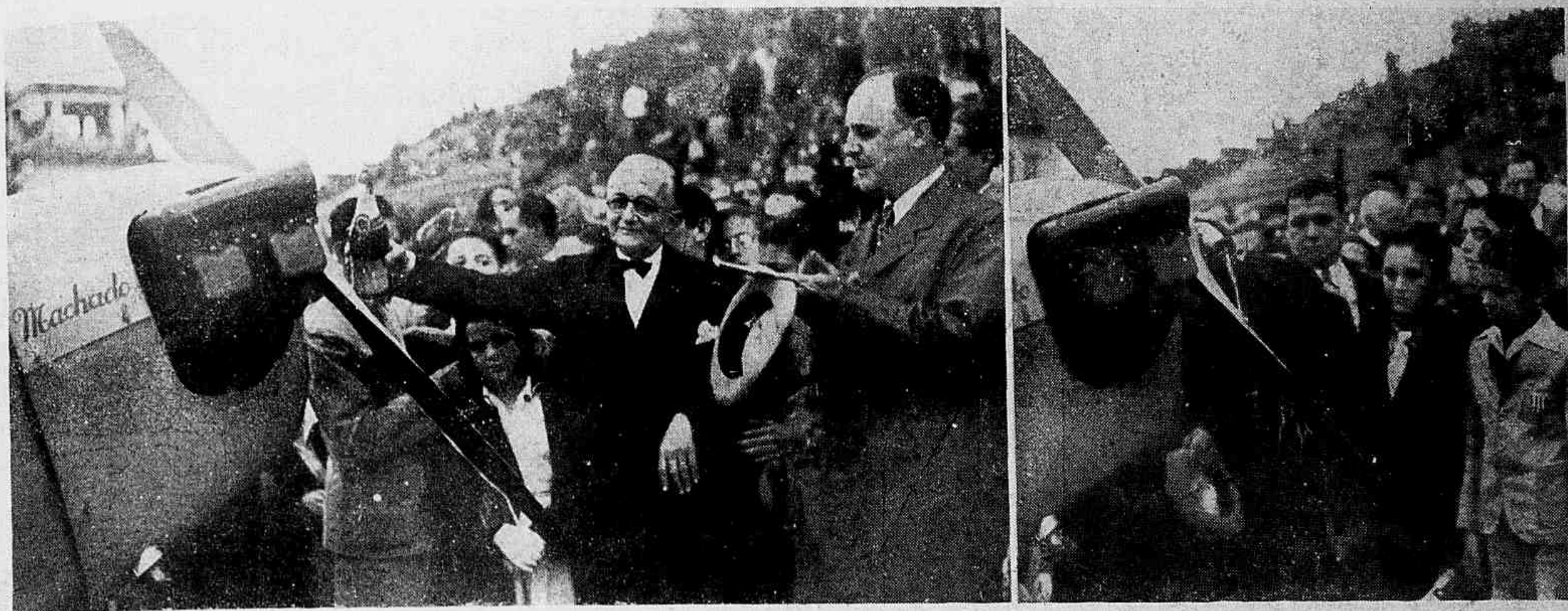
Numeros atrasados desta
Revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador



A graciosa menina Marilda de Melo Simões, filha do sr. Waldemiro Freitas Simões e d. Maria Melo Simões. Marilda completou seu 4.º ano de existência no dia 29 do mês próximo passado.

JOCKEY CLUB MUNDANO



Dois aspectos do batismo do avião "Linneu de Paula Machado", vendo-se os srs. ministro Salgado Filho, Mario Azevedo Ribeiro e Costa Ribeiro.



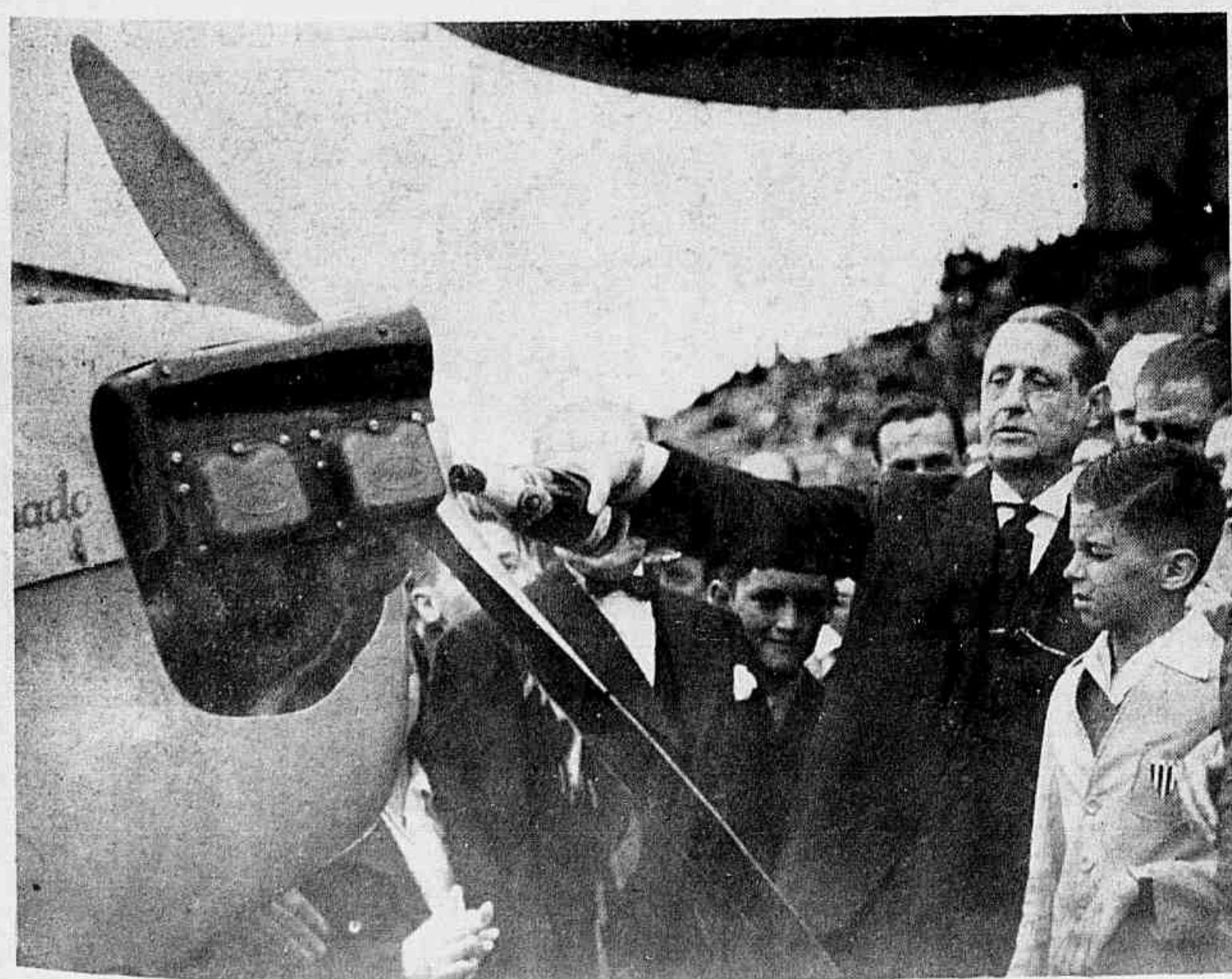
Senhora ministro Salgado Filho e sr. Mario de Azevedo Ribeiro.

Grande Premio Linneu de Paula Machado

Revestiu-se de grande brilhantismo a festa de domingo no Hipódromo Brasileiro, durante a qual realizou-se a entrega do avião *Linneu de Paula Machado* à campanha da aviação nacional.

A parte esportiva da reunião teve igualmente desempenho invulgar. A disputa dos diversos pareos ofereceu momentos de intensa emoção à numerosa assistência que ali compareceu afrontando o mau tempo. E *Ark Royal* marcou de modo soberbo a mais importante vitória de sua gloriosa carreira, arrebatando dos contendores o *Grande Premio Linneu de Paula Machado*.

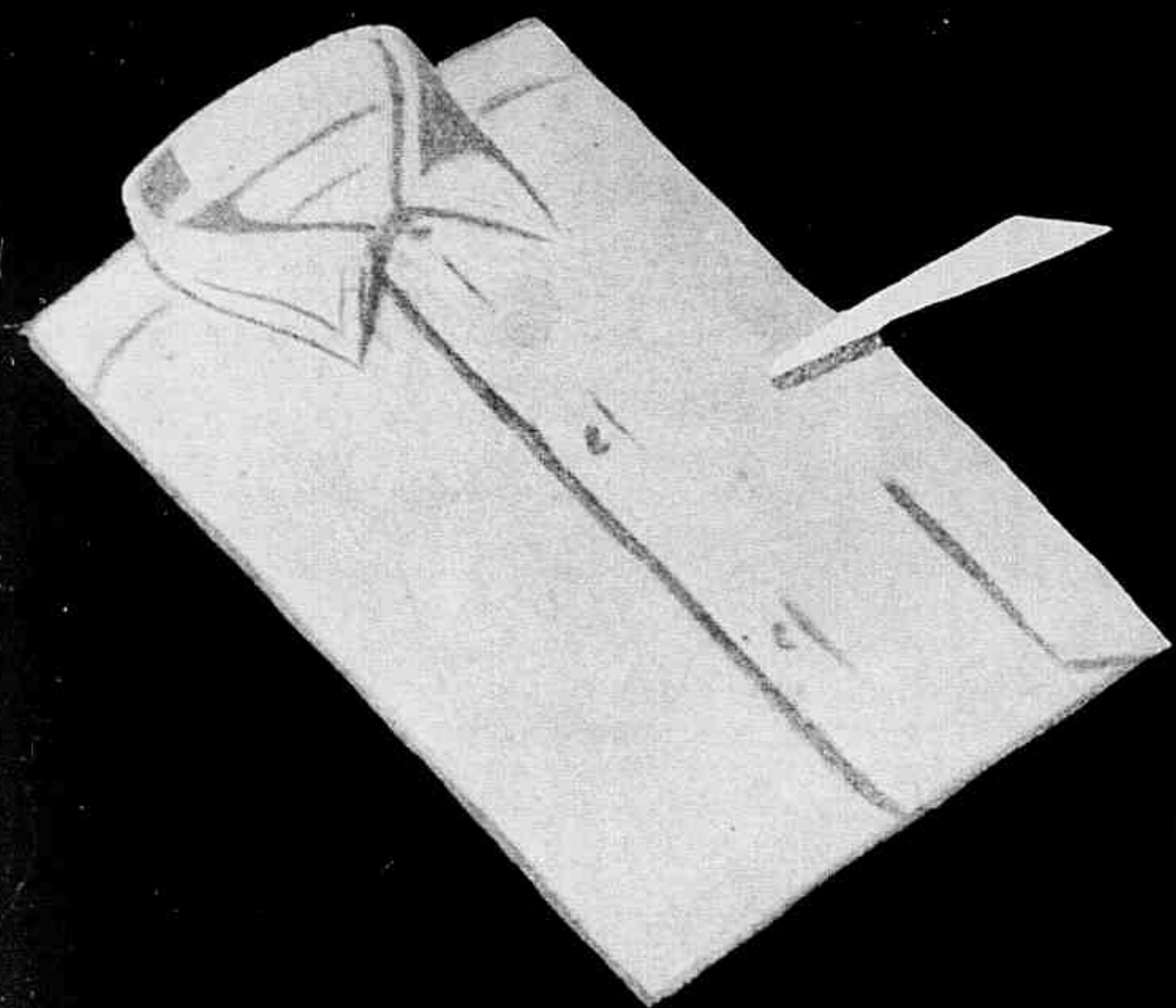
Damos aqui os flagrantes mais expressivos daquela reunião mundana, onde entretanto mais uma vez ficou patenteado o patriotismo do povo brasileiro.



Outros aspectos do batismo do avião "Linneu de Paula Machado", vendo-se no primeiro o sr. Guilherme Guinle e no segundo o ministro Salgado Filho quando discursava.

Chegarão

AS FAMOSAS
CAMISAS



A Esplanada

RU A MEXICO, ESQ NILO DECANHA 111